Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Segunda-feira, 10 de Junho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.457 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

SARAH MEYSSONNIER/REUTERS

Extrema-direita avança na Europa

França

Macron convoca eleições legislativas após vitória histórica da União Nacional, de Le Pen

Alemanha

CDU ganha e coligação de Scholz sofre pesada derrota. Radicais da AfD passam a segunda força

Itália

Primeira-ministra Giorgia Meloni vence e pode tornar-se a voz da direita radical na UE

Espanha

PP vence e anuncia "um novo ciclo político", mas PSOE resiste. Vox é o terceiro mais votado

Polónia

Donald Tusk reforça o seu poder na Polónia ao manter-se à frente dos ultraconservadores

Europeias 2024 Crescimento dos partidos radicais agita a UE, mas pró-europeus resistem e mantêm maioria no Parlamento Europeu • Eleições europeias dão a Pedro Nuno Santos a sua primeira vitória como líder do PS Destaque, 2 a 17 e Editorial

ABSTENÇÃO

Voto em mobilidade garantiu mais eleitores, mas 63% não votaram

NUNO FERREIRA SANTOS

PS com desforra mínima

PS 32,09%
PS ganha por "poucochinho": oito deputados e mais 40 mil votos

AD 31,12%
O "talentoso" e "disruptivo" Bugalho não levou a AD à vitória

Chega 9,79%
O grande derrotado da noite cai para metade face às legislativas

IL 9,07%
"Efeito" Cotrim de Figueiredo dá dois deputados aos liberais

BE 4,25%
Bloco elege Catarina Martins, mas falha a meta dos dois deputados

CDU 4,12%
Comunistas resistem e conseguem eleger João Oliveira

Livre 3,75%
Pedalada do Livre não chegou para conseguir entrar na Europa

ISNN-0872-1548

PS supera AD por um mandato, IL colada ao Chega, CDU e BE caem

O Parlamento Europeu vai ter mais dois novos partidos portugueses, o Chega e a IL, numas eleições em que a abstenção desceu. A AD mantém a representação, os socialistas descem, mas são os vencedores

São José Almeida

A Aliança Democrática (AD) e o PS continuam a disputar taco a taco eleições. Mas se, a 10 de Março, a AD ganhou as legislativas, agora as posições inverteram-se e o PS ganhou as europeias, elegendo oito deputados contra os sete da coligação. Nestas eleições houve novidades, como a quebra de representação do PCP e do BE no Parlamento Europeu, a não eleição pelo PAN e pelo Livre. Mas a surpresa da noite foi a subida da Iniciativa Liberal e a quebra percentual de votos no Chega (face a eleições recentes).

E se estas europeias provocaram terramotos políticos internos em Estados-membros da União Europeia – como é o caso de França, onde a União Nacional teve mais do dobro dos votos do partido do Presidente Emmanuel Macron, que convocou eleições legislativas antecipadas –, em Portugal elas deixaram quase tudo na mesma, ainda que agora o PS seja o vencedor.

NUNO FERREIRA SANTOS

Numas eleições em que a abstenção, em Portugal, baixou para 62,50%, descendo seis pontos percentuais em relação a 2019, ao nível das duas primeiras forças políticas, o resultado eleitoral é muito próximo do veredicto das urnas a 10 de Março, e mantém a proximidade entre a AD (coligação que junta o PSD, o CDS e o PPM, liderada pelo primeiro-ministro, Luís Montenegro) e o principal partido da oposição, o PS de Pedro Nuno Santos. Agora, invertendo a posição entre os dois.

O PS teve 32,10% e elegeu oito deputados, na lista encabeçada por Marta Temido. Mas os socialistas baixam a sua percentagem de votos (não o número absoluto) e o número de mandatos. Em 2019, o PS teve 33,38% e elegeu nove deputados. Uma vitória que foi proclamada, no seu discurso ao fim da noite eleitoral, pelo secretário-geral, Pedro Nuno Santos, que fez questão de salientar que "a esquerda é hoje maioritária".

Já a AD, coligação entre o PSD e o CDS, teve 31,12% dos votos e subiu a sua votação em cerca de dois pontos percentuais (e em número absoluto de votos), em relação ao resultado total dos dois partidos, há cinco anos. Mas mantiveram, em conjunto, o mesmo número de mandatos de 2019: PSD seis eurodeputados e CDS um. No discurso que fez ao fim da noite, o líder do PSD e da AD, Luís Montenegro, reconheceu a derrota eleitoral ao afirmar: "Não cumprimos o objectivo."

Apesar disso, Luís Montenegro fez questão de dizer que o Governo português apoiará o nome de António Costa para presidente do Conselho Europeu, se esse lugar institucional de direcção da União Europeia for para os Socialistas Europeus. Curiosamente, durante a noite, que passou na CMTV a comentar as eleições, António Costa declarou, em relação ao novo perfil da União Europeia: "Diria que a presidência da Comissão Europeia vai ser do PPE, a presidência do Conselho Europeu vai ser dos socialistas, e o Parlamento há-de rodar entre o PPE e os socialistas ou entre o PPE e os liberais." Isto, num momento em António Costa continua a ser apontado como possível futuro presidente do Conselho Europeu.

IL agarra o Chega

A outra disputa, nestas eleições europeias em Portugal, deu-se entre o Chega e a Iniciativa Liberal, que agora se estreiam no Parlamento Europeu. Contra todas as expectativas criadas pelas sondagens, a IL colou-se ao Chega ainda que o partido populista de direita radical continue em terceiro e os liberais em quarto.

A IL, liderada por Rui Rocha, obteve 9,79%, elegendo, além do cabeça de lista, João Cotrim de Figueiredo, mais uma eurodeputada, a vice-presidente do partido Ana Martins. Em termos percentuais, a IL conseguiu a vitória de duplicar o resultado em relação às legislativas de 10 de Março. Celebrando os resultados, o ex-líder da IL, João Cotrim de Figueiredo salientou que se deveram à qualidade e à moderação da campanha do partido.

O objectivo da AD é ter mais um voto. Não cumprimos esse objectivo

Luís Montenegro
Líder do PSD

A estratégia de ter um Governo a governar por decreto foi chumbada

Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS

Já o Chega ficou-se pelos 9,79%, elegendo também dois eurodeputados, António Tânger Corrêa e Tiago Moreira de Sá. Um resultado que surpreendeu, já que nas legislativas de 10 de Março o partido de André Ventura teve 18%. O próprio líder assumiu o mau resultado ao afirmar: "O resultado que pretendíamos não era este." Mas tratou de puxar para si a responsabilidade, ao afirmar: "O responsável por isto sou eu próprio."

BE e CDU aguentam

O Bloco de Esquerda sobreviveu politicamente nos hemiciclos de Estrasburgo e Bruxelas e elegeu a ex-líder Catarina Martins, com 4,25% dos votos. Mas teve um mau resultado, já que há cinco anos chegou aos 9,82%. E perdeu o segundo eurodeputado que elegeu há cinco anos, José Gusmão, que era de novo o número dois da lista. Apesar do mau resultado, Mariana Mortágua não assumiu que o BE tenha tido uma derrota.

Também a CDU, coligação entre o PCP e o PEV, teve uma perda eleitoral, baixando de 6,88% dos votos para 4,12%. O antigo líder parlamentar e cabeça de lista, João Oliveira, foi eleito, mas a CDU perdeu um mandato e de fora ficou Sandra Pereira. Mesmo assim, o secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, fez questão de agradecer pessoalmente a João Oliveira.

Contra algumas expectativas, quem não se estreia no Parlamento Europeu é Francisco Paupério, cabeça de lista do Livre, partido que atingiu os 3,75%, uma percentagem levemente superior aos 3,66% das legislativas de 10 de Março. A não eleição de Francisco Paupério pode ser considerada uma derrota do Livre, já que o candidato foi cabeça de lista contra a vontade da direcção do partido e o líder Rui Tavares só surgiu a seu lado na semana final da campanha.

Outro partido perdedor da noite é o PAN, partido que há cinco anos elegeu Francisco Guerreiro, eurodeputado que pouco depois abandonou o partido. Desta vez, o PAN ficou de fora dos hemiciclos de Estrasburgo e de Bruxelas, já que não elegeu o cabeça de lista Pedro Fidalgo Marques.

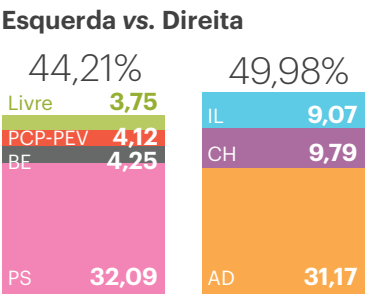
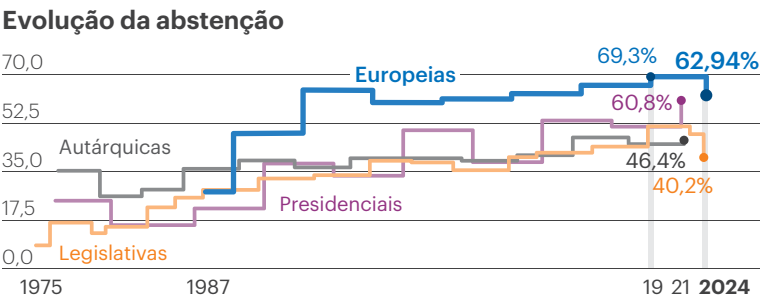
Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

Eleições europeias 2024

Resultados provisórios
(às 00h36 de Lisboa)

3092 de 3092 freguesias apuradas
95 de 108 consulados apurados

2024		N.º de votos	N.º de deputados
PS	32,09%	1.266.337	8
AD	31,12%	1.227.826	7
CH	9,79%	386.361	2
IL	9,07%	357.825	2
BE	4,25%	167.705	1
PCP-PEV	4,12%	162.639	1
LIVRE	3,75%	148.117	
ADN	1,37%	54.063	
PAN	1,22%	47.969	
VOLT	0,24%	9.543	
ERGUE-TE	0,22%	8.540	
NOVA DIREITA	0,16%	6.442	
R.I.R.	0,16%	6.394	
MAS	0,13%	5.079	
MPT	0,12%	4.608	
PTP	0,11%	4.303	
NÓS CIDADÃOS	0,11%	4.235	
Brancos	1,20%	30.503	
Nulos	0,77%	30.503	

2019			
PS	33,38%	1.106.345	9
PPD/PSD	21,94%	727.207	6
BE	9,82%	325.534	2
PCP-PEV	6,88%	228.157	2
CDS-PP	6,19%	205.111	1
PAN	5,08%	168.501	1
ALIANÇA	1,86%	61.753	
LIVRE	1,83%	60.575	
BASTA	1,49%	49.496	
NÓS CIDADÃOS	1,05%	34.672	
IL	0,88%	29.120	
PCTP/MRPP	0,82%	27.222	
PNR	0,49%	16.163	
PDR	0,48%	15.789	
PURP	0,41%	13.582	
PTP	0,26%	8640	
MAS	0,20%	6641	
Brancos	4,25%	140.954	
Nulos	2,68%	88.961	

Os novos eurodeputados portugueses

A Esquerda · S&D · Verdes/ALE · Renovar a Europa · PPE · Identidade e Democracia
★ Estreia-se no Parlamento Europeu

Marta Temido PS
50 anos. Deputada
e ex-ministra da Saúde

Bruno Gonçalves PS
27 anos. Secretário-geral
da União de Juv. Socialistas

Isilda Gomes PS
72 anos. Presidente
da Câmara de Portimão

Paulo Cunha AD
52 anos. Jurista
e vice-presidente do PSD

Lídia Pereira AD
32 anos. Eurodeputada
e vice-presidente do PPE
Eleita em 2019

A. Tânger Corrêa CH
72 anos. Diplomata
e vice-presidente do Chega

Ana Martins IL
39 anos. Investigadora
e vice-presidente da IL

Francisco Assis PS
59 anos. Deputado
e ex-presidente do CES
Eleito em 2004 e 2014

André Rodrigues PS
47 anos. Deputado
na Assembleia dos Açores

Sérgio Gonçalves PS
45 anos. Deputado
na Assembleia da Madeira

Ana Miguel Pedro AD
34 anos. Jurista
e ex-assessora no PE

Sérgio Humberto AD
48 anos. Presidente
da Câmara da Trofa

Tiago Moreira de Sá CH
53 anos. Professor
universitário e ex-deputado
do PSD

Catarina Martins BE
50 anos. Actriz
e ex-coordenadora
nacional do BE

Ana Catarina Mendes PS
51 anos. Deputada
e ex-ministra dos Assuntos
Parlamentares

Carla Tavares PS
53 anos. Presidente da
Câmara da Amadora

Sebastião Bugalho AD
28 anos. Jornalista
e comentador político

Hélder Sousa e Silva AD
58 anos. Presidente
da Câmara de Mafra

Paulo N. Cabral AD
42 anos. Conselheiro para
os Assuntos dos Açores
e Energia na Reper

J. Cotrim Figueiredo IL
62 anos. Gestor
e ex-presidente da IL

João Oliveira PCP-PEV
44 anos. Advogado
e ex-deputado do PCP

Fonte: Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna; Pordata; PÚBLICO

Nunca pior

Opinião

Manuel Carvalho

Não é caso para olhar os resultados das eleições para o Parlamento Europeu como quem vê um copo meio vazio. Os dois partidos do centro conservam dois terços dos votos do eleitorado, a direita liberal disputa o terceiro lugar do pódio com a direita radical e os partidos mais à esquerda estagnam, apesar de estarem a lutar pela sobrevivência nas instâncias europeias. Comparativamente às legislativas, o sistema político partidário congelou no essencial. Os blocos esquerda/direita mantiveram a correlação de forças, o que torna a queda do Chega e a ascensão da Iniciativa Liberal nos grandes factos políticos da jornada.

Há ainda assim no braço-de-ferro entre os de cima, os do meio e os de baixo leituras políticas incontornáveis. A AD falhou na sua missão de se descolar do PS à custa da mais generosa distribuição de pão e circo dos últimos anos da democracia. E falhou na escolha do seu candidato. O PS sobreviveu e ganhou até força, apesar da mais errática e oportunista vaga de contrapoder da memória recente. A irresponsabilidade da corrida de velocidade para bater o rival tendo em vista eleições em breve penalizou uns e outros, embora o PS tenha mais razão para sorrir.

Cá em baixo, repetiu-se a sensação de que a esquerda mais à esquerda continua viciada nos nichos de indefectíveis e deixou de pensar no alargamento da base eleitoral. O discurso da "cassete" do PCP, bem expresso na ambiguidade com a Rússia, estendeu-se ao Bloco e entrou devagar nas abordagens do Livre, que abdicou da novidade para envelhecer nos dogmas ou na apologia de fantasmas que o grosso do eleitorado não entende – o cúmulo foi dizer que as novas regras para a imigração são a "cooptação" do discurso da extrema-direita.

Chegámos assim ao confronto do meio, o mais interessante e significativo. A IL tem um resultado surpreendente porque apresentou de longe ao eleitorado o melhor de todos os candidatos. Por oposição, Tânger Corrêa jamais deixou de ser um *alter ego* de Ventura e o Chega despenhou-se. E o tamanho da queda aumentou porque em causa havia dúvidas legítimas sobre o programa europeu do Chega. Os cidadãos zangados podem ser sensíveis a toda a demagogia, não à que põe em causa o consenso europeu.

Com tantos empates, uma vitória e uma derrota não bastam para assinalar uma viragem. Mas, depois de todas as angústias dos últimos meses, é caso para ter esperança. Esperança de que o PS e a AD cresçam e se empenhem na defesa da democracia e do país, esperança de que o Livre não desista de ser diferente, que o Bloco perceba que o mundo mudou, que o PCP acredite que entre imperialismos agressivos e democracias só há uma escolha. Esperança de que o eleitorado do Chega perceba enfim que por detrás da demagogia e do populismo há sempre e só o vazio. Nunca pior. Como em França.

Jornalista

PAULO PIMENTA

Vitórias e derrotas que nada esclarecem

Opinião

João Miguel Tavares

É verdade que a AD teve mais votos do que nas europeias de 2019, mas não há forma de olhar para estas eleições como uma vitória do PSD a partir do momento em que Marta Temido superou Sebastião Bugalho. A vitória do PS é curtíssima em votos, mas muito relevante politicamente. E se a AD subiu face a 2019, perdeu as eleições – a vitória de há três meses eclipsou-se sem razões compreensíveis para isso, a não ser a popularidade de cada candidato.

Sim, o PS perdeu representação no Parlamento Europeu, mas Pedro Nuno Santos é um dos vencedores da noite. Renovou integralmente as listas, deu a Marta Temido o lugar que por estatuto deveria ter ido para Francisco Assis, e correu-lhe bem. Montenegro fez uma aposta de alto risco e correu-lhe mal. O resultado de Bugalho não envergonha, mas é uma derrota por poucos que sabe a derrota por muitos.

Neste contexto, dir-se-ia que Pedro Nuno Santos poderia até atrever-se a chumbar o Orçamento do próximo ano, e provocar a queda do Governo. Não tem condições políticas para isso. A sua minivitória foi acompanhada de várias maxiderrotas à esquerda. O Bloco e a CDU caíram imenso e o PAN foi-se. João Oliveira estava em modo religioso, garantindo que os seus apelos "à paz" se inscreveram "na consciência do povo", "muito para além dos resultados eleitorais" - o reino da CDU já não é deste mundo.

Pedro Nuno Santos não tem votos para governar sozinho, nem parceiros para governar acompanhado. Essa é a melhor notícia para Luís Montenegro.

A Iniciativa Liberal obteve o grande resultado da noite. O Chega foi o maior derrotado. Caiu a pique: dos 18% de Março para os 9% de Junho. André Ventura precisa desesperadamente de quadros. Os *minions* dão filmes giros, mas não ganham eleições.

Colunista

PS

Socialistas ganham por "poucochinho": oito deputados e mais 40 mil votos

Maria Lopes

À quarta foi de vez, mas por "poucochinho": Pedro Nuno Santos conseguiu a sua primeira vitória eleitoral desde que chegou a secretário-geral socialista, com o PS a alcançar 32,1% da votação e a eleger oito deputados ao Parlamento Europeu, mais um do que a AD. A diferença foi de apenas 40 mil votos e é preciso recuar a 2004 para ter este nível de votos (1.266.153) nos socialistas.

"O PS venceu estas eleições e é hoje a primeira força política em Portugal", começou por dizer Pedro Nuno Santos no seu discurso, sem se referir à perda de um deputado. "Derrotámos uma coligação de três partidos que governa Portugal; recuperámos a liderança em mais três distritos – Faro, Guarda e Porto", descreveu, como se de eleições legislativas se tratasse. Em europeias há apenas um círculo nacional e nestas eleições, como a mobilidade total, não é possível fazer uma leitura estrita por distritos. "Sem o Chega, a esquerda foi maioritária", acrescenta.

O líder do PS deu os parabéns a todos os candidatos e em particular a Marta Temido, dizendo que foi uma "grande candidata" e que fez uma "campanha fabulosa". "É a primeira vez que uma mulher ganha uma campanha nacional", vincou, nomeando depois cada um dos eleitos.

"Esta vitória do PS e derrota da AD não é irrelevante no plano nacional. Este Governo nacionalizou a campanha", acusou Pedro Nuno, insistindo na ideia de que o Governo esteve em "campanha intensa, com planos atrás de planos, e promessas que não estão quantificadas orçamentalmente, sem metas nem prazos para o seu escrutínio". Por isso, considera que a derrota foi a resposta dos portugueses a esta postura do executivo – "o Governo não ficou em causa nestas eleições, mas sim a sua forma de governar" –, e avisa que estes resultados dão força à estratégia do PS de ser oposição responsável e de apresentar propostas, como anunciou em Março. E é também "um alerta" para o Governo por "ignorar o Parlamento e governar por decreto".

"Votaram contra a arrogância", insiste, prometendo continuar a "negociar" e a dialogar: "Não será pelo PS que haverá instabilidade política. Nós não temos pressa nenhuma."

Houve também uma mensagem para o interior do partido: "Continuaremos o nosso processo de renovação de quadros do PS", garante, como que em resposta aos críticos da sua opção de mudar todos os eurodeputados eleitos com António Costa, anunciando que o lançamento dos Estados Gerais para se preparar como "alternativa". E sobre o cenário de ter Costa no Conselho Europeu, disse que os socialistas gostariam "muito" de o ver nesse cargo e que deram o seu "humilde contributo" para isso.

> **Derrotámos a coligação de três partidos que governa Portugal. Tivemos mais mandatos e mais votos**
>
> **Pedro Nuno Santos**
> Secretário-geral do PS

> **Era o que faltava. Não existe nenhuma obrigação para o PS ganhar estas eleições. Mas tenho esperança de que ganhe**
>
> **Francisco Assis**
> Número dois da lista do PS

Marta Temido lembrou que o PS "teve mais votos que nas europeias anteriores". Prometeu que o PS vai "dialogar com todos" em Bruxelas para construir uma "Europa mais forte". "Os portugueses escolheram as opções do programa do PS para a Europa (...) e mostraram que a Europa pode dar respostas concretas aos problemas do dia-a-dia."

"Numa Europa com guerra às portas e com quem a quer destruir por dentro (...) estas eleições ditam a Europa que queremos nos próximos cinco anos e nos próximos 50". Acrescenta que os portugueses votaram em massa "em partidos europeístas", o que é o sinal da "consciência colectiva, cidadania e consciência europeia". "É também uma vitória das mulheres", disse ainda.

A noite foi de nervos e expectativa, depois de as sondagens à boca das urnas indicarem, pelas 20h, que os dois principais adversários iriam conseguir o mesmo número de assentos em Bruxelas. No PS, nem sequer houve o habitual comentário sobre a taxa de abstenção e, quando apareceram as projecções, as cerca de 40 pessoas que cercavam os televisores lançaram um expressivo "Ahhhhh" quando viram o PS na frente, embora com tantos eleitos como a AD e ouviram-se uns poucos gritos e palmas.

Com este resultado, é inevitável a memória do termo "poucochinho" usado por António Costa em 2014 para classificar a vitória do PS nas europeias então liderado por António José Seguro, cuja liderança Costa pretendia desafiar – e conseguiu depois ganhar. Na altura, o PS elegeu oito deputados (31,46%) contra os sete de PSD/CDS (27,71%).

Mas Francisco Assis, à chegada ao Altis, tratara de afastar comparações e considerou que a liderança de Pedro Nuno Santos não está em causa nestas eleições e nem sequer o secretário-geral tinha qualquer "obrigação" de sair delas com uma vitória. "Era o que faltava...", desvalorizou.

Para o Parlamento Europeu seguem também a ex-ministra Ana Catarina Mendes; Bruno Gonçalves, dirigente da Juventude Socialista e secretário-geral da União Internacional de Juventudes Socialistas; André Rodrigues, líder do PS-São Miguel (Açores); as ex-presidentes da Câmara da Amadora, Carla Tavares, e de Portimão Isilda Gomes; e Sérgio Gonçalves, que foi presidente do PS-Madeira e era deputado regional.

NUNO FERREIRA SANTOS

Foi por pouco, mas Marta Temido garantiu o primeiro lugar para os socialistas nas europeias

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

AD

O "talentoso" e "disruptivo" Sebastião Bugalho não chegou para levar a AD à vitória

Liliana Borges

Aproximidade do número de votos e o empate nos mandatos atrasaram as reacções da Aliança Democrática, que terminou a noite sem conseguir descolar dos resultados das legislativas de 10 de Março. Com um resultado novamente colado ao do PS, Luís Montenegro subiu ao púlpito como líder do PSD, mas falou sobretudo como primeiro-ministro. Apesar de ter ficado atrás dos socialistas, garantiu que não se sente fragilizado e avisou os adversários políticos que continua com "força para governar". Seguiu-se Sebastião Bugalho para apresentar a sua versão dos números: a AD terminou a noite com uma diferença de 0,8 pontos percentuais face ao PS: "Alguém podia dizer que foi mesmo por poucochinho", provocou.

E assim continuou, recusando assumir o fracasso. "Não é o dia de uma derrota para a AD e é importante que isso fique claro", vincou, entre aplausos da plateia. Assinalando que a coligação teve "um aumento de 20%", Bugalho argumentou que, juntos, PSD e CDS mantiveram os sete eurodeputados eleitos em 2019, enquanto os adversários "perderam eurodeputados". Porém, perante a insistência dos jornalistas (que só puderam fazer quatro perguntas), assumiu "integralmente a responsabilidade" do resultado.

Questionado sobre a sua disponibilidade para apoiar uma hipotética candidatura de António Costa à presidência do Conselho Europeu, Luís Montenegro recordou que os partidos da AD integram o Partido Popular Europeu (PPE) e que essa é a força política "mais representativa" do Parlamento Europeu. Ainda assim, se Costa decidir candidatar-se, Montenegro não hesitará em apoiar o seu antecessor, quer na qualidade de presidente do PSD, quer como líder do actual Governo.

Antes, o primeiro-ministro deixou um recado mais azedo ao Largo do Rato, e em especial a Pedro Nuno Santos, afirmando que o Governo "não esteve em campanha eleitoral, esteve a cumprir os seus compromissos". E avisou que o ritmo de trabalho será para manter: "Podem contar com um Governo e uma AD a cumprir os seus compromissos todas as semanas."

Os primeiros sinais de que a noite não seria de celebração foram dados quando Sebastião Bugalho chegou à sede de campanha sorridente, mas não confiante. Pouco depois, as primeiras projecções confirmavam a apreensão e eram recebidas com silêncio. Nos corredores, a "vitória" dos militantes era atribuída à Iniciativa Liberal. Sobre a AD e a vantagem do PS, e com os olhos colados aos televisores distribuídos pelo espaço, não se ouvia uma palavra.

Quando anunciou Bugalho, que ontem voltou a defender, Montenegro descreveu-o como "um jovem talentoso" que "o país conhece". E durante um mês, Bugalho esforçou-se para sair da bolha mediática e ser reconhecido nas ruas, nas feiras e nos mercados que percorreu de Norte a Sul do país.

Os nove mil quilómetros (contas de Bugalho) valeram-lhe comparações a Paulo Portas, o "Paulinho das feiras", e o jovem de 28 anos não se ralou. Também Santana Lopes passaria pela comitiva da AD para se comparar ao cabeça de lista, recordando que em 1987, nas primeiras europeias realizadas em Portugal, também era um jovem independente de 31 anos. Santana Lopes acabaria por conseguir dar, porém, a vitória ao PSD.

A posição de "confrontação democrática", também descrita por Montenegro, ficaria marcada pelos debates televisivos em que teve uma atitude combativa e pelo desconforto com algumas perguntas dos jornalistas que o acompanharam nas duas semanas de campanha, como aconteceu quando foi questionado sobre a sua posição na defesa dos direitos das mulheres.

Com uma campanha assente na promessa de incluir o direito à habitação na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, Sebastião Bugalho gaguejou, mais do que uma vez, quando questionado sobre se teria a mesma posição quanto à inclusão da interrupção voluntária da gravidez na "constituição" europeia. Apesar de o Parlamento Europeu ter aprovado em Abril uma resolução que recomenda ao Conselho Europeu que inclua todos os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, incluindo o direito ao aborto, na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (UE), Bugalho evitou declarar o seu apoio à resolução. "Não quero reverter a lei [em vigor em Portugal]", assegurou, não escondendo o seu embaraço católico. A garantia de Bugalho não convenceu e, no seu discurso, a recém-eleita eurodeputada Catarina Martins avisou que, ainda com a representação bloquista reduzida, o BE "não aceitará recuos nos direitos das mulheres".

No Marquês de Pombal e a menos de um quilómetro da sede de campanha do PS, Sebastião Bugalho abandonou o palco enquanto o secretário-geral socialista Pedro Nuno Santos reclamava vitória e debaixo dos cânticos dos jovens apoiantes presentes: "Não pára, Bugalho!". A próxima paragem é Bruxelas.

DANIEL ROCHA

Bugalho foi o candidato-surpresa da AD e melhorou os resultados obtidos por PSD e CDS em 2019

> **Nós estamos orgulhosos, agradecidos e reconhecidos pela campanha que foste capaz de fazer**
>
> **Luís Montenegro**
> Líder do PSD

> **Os populismos e os extremismos vão ficar muito abaixo das expectativas. Ser muleta do PS em Portugal não compensa**
>
> **Nuno Melo**
> Líder do CDS-PP

Vêm aí semanas críticas para o futuro da UE

Opinião

Susana Peralta

O aumento da participação alinha o nosso país com o movimento que se iniciou há cinco anos na União, o que sugere que a Europa se tornou mais palpável para os eleitores, portugueses e outros, sem prejuízo do empurrão do voto antecipado e em mobilidade.

O bom resultado da IL vem com o amargo de boca de permitir comparar o valor eleitoral de Cotrim ao de Rui Rocha. O resultado dececionante do Chega suscita mais perguntas do que respostas. Será da abstenção superior à das eleições legislativas? Será do cabeça de lista? Que valor tem o Chega sem Ventura? À esquerda, três partidos lutam por um lugar, em posições diferentes. Eleger um deputado é uma vitória para o Livre e uma derrota para BE e para a CDU.

Apesar de serem eleições e eleitorados diferentes, devido à maior abstenção, PS e AD continuam empatados – agora com ligeira vantagem do PS. Não vislumbro grandes conclusões para a política interna e tanto melhor, porque as eleições europeias não servem para isso.

Apesar de PPE, Socialistas e Democratas e Renovar a Europa serem maioritários em conjunto, ainda é cedo para perceber o poder negocial dos grupos da direita radical e o seu peso na eleição da presidente da Comissão. A incerteza é grande devido aos partidos que não fazem parte de nenhuma família e à eventual reorganização dos conservadores, de Meloni, e do grupo Identidade e Democracia, de Marine le Pen. A vitória de Le Pen em França e o terramoto interno serão determinantes para esta correlação de forças.

A guerra, a perda de peso económico e geopolítico da Europa e a transição climática requerem políticas mais coordenadas na União. Se estes grupos de pendor nacionalista ganharem poder, a Europa será mais fraca. Aproximam-se semanas críticas para o nosso futuro coletivo.

Professora de Economia da Nova SBE

Esqueçam uma crise política a curto prazo

Opinião

Ana Sá Lopes

Era fundamental para a liderança de Pedro Nuno Santos uma vitória, mesmo uma vitória sofrida como esta. A derrota das legislativas, Açores e Madeira marcaram os primeiros meses do novo secretário-geral do PS. Ao inverter a tendência nas europeias – e com o Governo em plena campanha eleitoral a apresentar propostas populares – Pedro Nuno ganha mais conforto para a sua estratégia. Aliás, fez questão de "nacionalizar" os resultados. Afinal, foi ele que disse que era importante "ganhar a Europa para depois ganhar Portugal".

Agora, o que sai destas europeias não dá segurança nem ao Governo nem a nenhum partido da oposição para provocar uma crise política. A AD perde, nesta "segunda volta das legislativas", na mesma linha em que o PS foi derrotado a 10 de Março. Qual é o interesse, tanto para a AD como para o PS, de voltar a ir para eleições tão cedo? Nenhuma.

Pedro Nuno Santos e Luís Montenegro precisam de tempo. Pedro Nuno ocupa o pior cargo do país há escassos seis meses. Tem a missão difícil de reconciliar o PS com os cidadãos, depois de oito longos anos no poder, numa inversão de ciclo total: ao contrário de 2015, a direita é agora maioritária no país como, aliás, a votação para o Parlamento Europeu comprova (embora desta vez o secretário-geral do PS tenha quase seguido a brilhante teoria de Rui Tavares, segundo a qual o PS devia formar Governo porque sem o Chega a esquerda era maioritária).

No discurso da vitória, Pedro Nuno falou em "diálogo" e esqueceu o "praticamente impossível" relativamente à viabilização do Orçamemto do Orçamento do Governo. Jurou que "não será pelo PS que haverá instabilidade política" e disse mesmo que o Governo "não ficou em causa", o que ficou em causa "foi a sua forma de governar". Isto é um *statement* de um partido que não quer imediatamente virar a mesa. Pelo menos para já.

Luís Montenegro também não deve, depois deste resultado, ter pressa. A ideia de que, em legislativas a curto prazo, a AD iria conseguir uma transferência de votos do Chega, pode ser ilusória. O Chega teve um péssimo resultado nas europeias em comparação com as legislativas. É verdade. Mas retirar daqui a ilação de que o Chega passou a mínimos e não voltará a eleger 50 deputados pode ser prematuro.

Luís Montenegro precisa de tempo, o tempo bastante para afirmar o seu papel como primeiro-ministro e, à medida que o tempo passar, for ungido com os santos óleos do poder para atrair mais poder. Ainda é muito cedo para se afirmar - isto se quiser continuar a governar sem acordos com o Chega.

Mesmo o primeiro governo minoritário de Cavaco Silva de 1985, que Montenegro e os dirigentes do PSD adoram evocar, tentou o que pôde para durar e não caiu por vontade própria. Foi na sequência da aprovação de uma moção de censura pela maioria dos deputados, em 1987.

O Chega e a arrogância de André Ventura apanharam um balde de água fria. Mesmo que não se possam comparar europeias com legislativas, o risco de contribuir para uma crise política e perder uma bancada de 50 deputados vai pesar muito nas contas de André Ventura para o Orçamento do Estado.

A Iniciativa Liberal tem uma indiscutível vitória ao conseguir eleger dois deputados. Cotrim de Figueiredo tinha colocado a sua fasquia apenas na sua própria eleição mas acaba por ir, como o próprio Cotrim assinalou na noite eleitoral, "acompanhado de Ana Martins", a número 2.

^Tanto o Bloco de Esquerda como a CDU continuam, manifestamente, em perda - conseguiram segurar apenas um deputado cada. E o Livre alcançoua proeza de contrariar a tendência das legislativas e não eleger o candidato de que a direcção não gostava. A avaliar pelo empenho na campanha de Rui Tavares e da número 2 Filipa Pinto, se calhar até foi - lá para o estado-maior do Livre - uma boa notícia. Mas não deixa de ser uma vergonha para a imagem do partido. Acabem com as primárias, já que quando não gostam do resultado, é assim.

Jornalista

Partido elegeu dois eurodeputados

Chega fica abaixo dos 10%, mas André Ventura queria bem mais

Luciano Alvarez

Na primeira eleição para o Parlamento Europeu em que o Chega participou elegeu dois dos 21 deputados portugueses. Ainda assim, o líder do partido de direita radical populista não ficou satisfeito.

E percebe-se o porquê da insatisfação. Em primeiro lugar, André Ventura afirmou diversas vezes que o objectivo era ganhar estas eleições europeias. Por outro lado, viu a IL aproximar-se muito dos seus números. Por fim, e embora os resultados das eleições da noite de ontem não devam ser comparados com os das legislativas de 10 de Março, a verdade é o fosso é tal que não se pode deixar de olhar para eles.

Em Março o Chega ficou no terceiro lugar com 18% dos votos e mais de um milhão e 100 mil votos (50 deputados), agora ficou-se pelos 9,8%, equivalente a pouco mais de 385 mil votos. E nas legislativas o partido de Ventura ficou muito mais próximo do PS e da AD do que a IL, que agora também elegeu dois deputados para o Parlamento Europeu e que ficou acima da fasquia dos 9%.

Logo à chegada ao Hotel Marriott, em Lisboa, onde decorreu a noite eleitoral do Chega, pouco depois de serem conhecidas as projecções à boca das urnas das televisões (20h), André Ventura reconhecia que a eleição de dois a três deputados, não era o resultado pretendido. Afinal ficou-se pelos dois – António Tânger Corrêa e Tiago Moreira de Sá.

"Há uma notícia que é positiva, que é a entrada do Chega de toda a maneira e em qualquer cenário no Parlamento Europeu. Esse é um cenário que eu também queria saudar", afirmou o presidente do partido. E não escondeu que o objectivo, tal como havia proclamado várias vezes, era ganhar as eleições.

"O Chega, segundo todas as projecções, fica atrás do PS e do PSD. Isso não era o resultado que pretendíamos e nós assumimos isso, o responsável por isso naturalmente sou eu próprio", vincou.

Questionado sobre a escolha de António Tânger Corrêa para liderar a lista do Chega ao Parlamento Europeu, André Ventura sustentou que "foi uma boa escolha". "Tivemos uma boa equipa, não estou nada arrependido, o responsável deste resultado sou eu", reiterou.

"Nós queríamos vencer estas eleições, foi para isso que lutámos, e como em tudo na política as noites não são feitas só de vitórias, são também de noites menos boas e de resultados menos bons. Como sempre fiz na política, cá estou para assumir esses resultados, para dar a cara por eles, ao lado do nosso candidato", referiu.

Já depois de conhecidos os resultados finais, André Ventura esperou que Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos acabassem de falar, para ele intervir só depois, já passava da meia-noite.

O presidente do Chega felicitou todos candidatos do partido e em especial Tânger Correia por ter aceitado um "trabalho tão difícil".

MIGUEL A. LOPES/LUSA

André Ventura queria vencer eleição, mas ficou aquém dos 10%

Não era o resultado que pretendíamos e nós assumimos isso, o responsável por isso, naturalmente, sou eu próprio

André Ventura
Presidente do Chega

"O Chega passou de zero deputados e estamos de parabéns. (...) Mas a noite trouxe outro resultado positivo. Nem liberais, nem extrema-esquerda ficaram à nossa frente. Somos a terceira força política", proclamou o líder populista.

O presidente do Chega voltou a repetir que o objectivo era ganhar as eleições e que falhou esse objectivo. E garantiu que a partir de agora o Chega "luta para ganhar todas as eleições". "Enquanto presidente deste partido deixo a garantia: nada será bom sempre que não ganhamos uma eleição."

Criticou ainda o facto de o primeiro-ministro e líder do PSD, Luís Montenegro, ter anunciado apoiar António Costa para presidente do Conselho Europeu. "O líder do Chega nunca permitirá que se apoie António Costa para qualquer cargo no mundo", garantiu. Antes, o cabeça de lista do Chega considerou também que "não foi um bom dia para o Chega". "Há ganhar e ganhar e perder e perder e eu estou habituado a tudo", afirmou, agradecendo a André Ventura por o ter escolhido e garantindo que a sua corrida eleitoral "não foi andar atrás de um tacho".

O diplomata Tânger Corrêa apontou também bateria ao PSD por só agora dizer que os deputados portugueses vão trabalhar para Bruxelas pelos portugueses. "Eu andei por lá muitos anos e nunca os vi a trabalhar", acrescentou.

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

Iniciativa Liberal

Liberais elegem dois eurodeputados e proclamam-se “vencedores”

Samuel Alemão

Nos carris existentes sob a nave central das antigas Oficinas II do Metropolitano de Lisboa, nas Calvanas, no Campo Grande, onde a Iniciativa Liberal (IL) instalou o seu quartel-general para a noite eleitoral de ontem, existia apenas uma composição estacionada, lá ao fundo, na linha mais afastada. Do lado de fora, ao ar livre, havia outras tantas. De igual modo, a entrada do primeiro posicionado nas listas da IL às eleições europeias de 2024 no hemiciclo de Estrasburgo era, à partida, dada como um cenário quase certo. E existia também a expectativa de os liberais fazerem entrar, pelo menos, mais um elemento no Parlamento Europeu. E confirmou-se.

Os liberais contavam ser já um dos vencedores da noite, uma vez que não tinham nenhum eurodeputado e a generalidade das sondagens, feitas nas últimas semanas, apontava como quase certa a eleição de João Cotrim de Figueiredo. As mesmas projecções indiciavam ainda uma possibilidade de a IL eleger a “número 2” da lista, Ana Martins.

Isso mesmo fora expresso meia hora antes do anúncio das primeiras projecções pelo deputado Bernardo Blanco, quando disse aos jornalistas que esperava “um bom resultado” e que isso se deveria equiparar à eleição do cabeça de lista, João Cotrim de Figueiredo. “O objectivo é a eleição de um eurodeputado, mas podemos eleger um segundo”, disse. Mas, hora e meia depois, já aparecia em toada jubilatória a agradecer a quem havia contribuído para o que qualificou como uma “vitória” e a admitir a luta pelo terceiro eurodeputado.

Foi ao som de *People Got The Power*, de Patti Smith, que João Cotrim de Figueiredo e Ana Martins, os dois primeiros da lista da Iniciativa Liberal a estas eleições, entraram na sala das antigas oficinas do Metro de Lisboa. Apesar de não se ter confirmado a eleição do “número 3”, António Costa Amaral, como havia sido admitido ao início da noite, os liberais têm bastantes motivos para sorrir. A começar pelo facto de terem obtido o melhor resultado eleitoral de sempre.

Isso mesmo foi sublinhado por Cotrim de Figueiredo no seu muito emotivo discurso, perante uma eufórica falange de apoiantes, na qual predominavam os rostos mais novos. “Vou medir bem as minhas palavras. Que grande vitória da IL!”, proclamou, suscitando o júbilo generalizado. “Vou para Bruxelas, mas não vou sozinho. Levo a Ana Martins também”, anunciou, rodeado por dirigentes liberais. Ana Martins, ao lado, tinha a felicidade estampada no rosto.

Assinalando o facto de mais de 350 mil portugueses “terem confiado na Iniciativa Liberal”, Cotrim agradeceu-lhes o melhor resultado eleitoral de sempre desta força política surgida há pouco mais de meia década. “Desmentimos os velhos do Restelo que diziam que o liberalismo não tinha hipóteses. Tem, sim!”, afirmou, emocionado. E fez uma promessa: “Viemos para ficar. Estamos aqui para não dar tréguas nem ao socialismo nem aos populismos.”

Depois de agradecer a Rui Rocha, Cotrim disse que a IL “é a única força política a ir buscar os votos dos descontentes, a única força capaz de combater os oportunistas que se aproveitam do medo”. E apontou baterias aos “extremos”. “É possível combater a desesperança e o voto estéril.”

Rui Rocha, o líder do partido, retribuiu os elogios de Cotrim em duplicado e agradeceu-lhe o papel que desempenhou, não apenas nesta campanha, mas na história do partido. Mas antes proclamou: “Somos mesmo os vencedores desta noite! Somos os vencedores do futuro.”

As celebrações, na verdade, começaram logo pelas 20h, quando as televisões avançaram as primeiras projecções de possíveis resultados, com base em sondagens feitas à boca das urnas. E elas colocavam a IL com um resultado a oscilar entre os 8% e os 12%. Acima, portanto, do que seria expectável, já que as sondagens dos últimos dias davam aos liberais no máximo 8%.

É verdade que haveria sempre motivos para celebrar. Nas europeias de 2019, quando o partido contava ainda pouco tempo de existência, os liberais conseguiram apenas 0,88% dos votos.

Passados cinco anos, porém, e com o partido a assumir-se como o quarto em termos de representação no Parlamento, consequência dos quase 320 mil votos conseguidos nas legislativas de 10 de Março, que confirmaram os oito assentos ganhos em 2022, as expectativas estavam muito mais elevadas. Isso mesmo havia sido admitido, nas últimas semanas, com o decorrer da campanha eleitoral, tanto por Cotrim de Figueiredo, como pelo líder Rui Rocha.

Uma “fezada” alimentada pelos cenários virtuais resultantes das sondagens, que apontavam para uma votação a oscilar entre os 5% e os 8%. O que dava a certeza de uma prestação acima da conseguida, há três meses, para as legislativas, nas quais os liberais haviam arrebatado 319.685 votos, correspondentes a 4,94% do total. Um resultado que foi ontem superado.

“Vou medir bem as minhas palavras. Que grande vitória da IL!”

João Cotrim de Figueiredo
Eurodeputado da IL

ANTONIO PEDRO SANTOS/EPA

Liberais assumiram-se como os vencedores da noite eleitoral

Que viva a Europa!

Opinião

António Barreto

Grande Europa! Bela Europa! Europa complexa e difícil! Europa forte e frágil, vulnerável e resistente! Europa quase sempre em risco diante do adversário de fora, do inimigo vizinho e das ameaças de dentro! Europa a viver um dos seus mais difíceis momentos da história recente, depois da Segunda Guerra Mundial, Europa com guerra ao lado da sua União, às suas portas, dentro do seu continente! Europa sempre a sofrer dos ataques dos seus tradicionais inimigos, dos impérios que a rodeiam! Europa que criou, adoptou ou desenvolveu, mais do que qualquer outro continente, o que de melhor a humanidade fez na história, das artes à ciência, da cidade ao campo, das viagens aos descobrimentos, da máquina ao espírito, da democracia aos direitos humanos, da liberdade à diversidade humana!

A Europa que este domingo foi a votos é uma Europa ferida, amedrontada, perseguida, frágil por dentro, vulnerável por fora, invejada, atacada e ameaçada. Será que a Europa tem os meios suficientes para resolver e superar as crises que criou, as que deixou criar e as que lhe trouxeram de fora?

Estas eleições permitem todas as leituras, nacionais e europeias. Conforme os países, as direitas ganharam e perderam, as esquerdas perderam e ganharam. Algumas extremas-direitas subiram, outras desceram. Aumentou a fragmentação política da Europa, alargou-se a diversidade das comunidades nacionais e ficaram ainda mais marcadas as diferenças políticas entre países. Confirma-se uma vez mais que a fraqueza da Europa, a sua diversidade, as suas diferenças e os seus contrastes, é a sua riqueza, o que faz do continente uma civilização invejável.

Confirmou-se que as ameaças actuais são das mais graves que a Europa conheceu nas últimas décadas. As percepções europeias das migrações são perturbadoras. O receio de desordem interna aumenta. Os sentimentos nacionais sentem-se ameaçados. A agressividade nacionalista procura caminhos. A Europa está ameaçada pelo afastamento americano. A Europa está posta em perigo pelo imperialismo agressivo russo. A Europa está fragilizada pela guerra no Próximo Oriente. A Europa não tem defesa capaz, nem unidade à altura dos grandes conflitos. A Europa perdeu grande parte da sua indústria e da sua energia. A Europa... ou se refunda ou se destrói.

A Europa é uma obra de arte de política, de engenho, de cultura e de civilização. Mas é frágil porque se deixou acomodar. Será a Europa capaz de resolver os problemas que criou e que deixou que a viessem perturbar? Será que a democracia é capaz de resolver os problemas que ela própria criou? Estas últimas eleições europeias nada resolveram, não definiram caminhos, não encontraram soluções. Mas avisaram! Chamaram a atenção! Os europeus têm poucos anos, muito poucos, para encontrar o seu caminho, a sua defesa, a sua unidade e o seu programa. Têm poucos anos, muito poucos, para consolidar a sua diversidade, sem destruir a sua história. Para refundar a sua dimensão continental, sem perder de vista a sua variedade nacional. Para reforçar a sua liberdade, sem perder o seu espírito.

Estas eleições nada resolveram, não definiram caminhos, não encontraram soluções. Mas avisaram!

Sociólogo

Bloco de Esquerda

Catarina Martins elege mas falha a meta dos dois eurodeputados

Ana Bacelar Begonha

Catarina Martins segue para Bruxelas, mas vai sozinha. Nas primeiras eleições europeias com a ex-líder como cabeça de lista, o Bloco de Esquerda (BE) "resiste", mas não consegue manter a representação que tinha conquistado em 2019 e José Gusmão vai despedir-se do Parlamento Europeu. O eurodeputado, que foi o número dois da lista do BE às europeias, tanto nestas como nas últimas eleições, sentava-se no hemiciclo europeu nos últimos cinco anos.

Embora tenha evitado traçar metas eleitorais concretas, o BE esperava eleger o segundo eurodeputado. Catarina Martins não se comprometeu com um objectivo, apontando apenas ao melhor resultado possível. Mas Mariana Mortágua, coordenadora, e Francisco Louçã, antigo líder, trataram de definir o horizonte de dois deputados durante a campanha.

Na noite eleitoral, a meta baixou logo com as projecções, que indicavam que o partido podia não eleger e que foram recebidas em silêncio numa sala meio cheia no Fórum Lisboa. No final, Mariana Mortágua assumiu que "foi uma noite difícil para a esquerda" e que o BE "não cumpriu" o seu objectivo, mas não apresentou o resultado como uma derrota: "Tal como nas legislativas, o Bloco de Esquerda resistiu", declarou. O mesmo fez Fabian Figueiredo, líder parlamentar, que defendeu que o partido tentou "marcar a diferença, liderar o debate à esquerda" e que "esse objectivo foi mais do que cumprido".

Mesmo antes de Catarina Martins ser eleita, os bloquistas já festejavam a sua entrada no Parlamento Europeu. Assumindo a eleição, a bloquista defendeu que, "numas eleições que eram muito difíceis e num momento complicado em toda a Europa, o BE mantém a representação". E definiu as bandeiras que vai levar a Bruxelas: mostrou-se "pela paz e o fim do genocídio na Palestina", assim como pela "autodeterminação" da Ucrânia, e recusou o "pacto das migrações e a vergonhosa criminalização da imigração", bem como o "recuo dos direitos e liberdades das mulheres" e de qualquer pessoa.

"A nossa Europa é de iguais e pela igualdade", afirmou, comprometendo-se ainda com as lutas pelo clima, a saúde, a habitação ou a educação e com a procura de "alianças o mais vastas possível em toda a Europa para fazer esse caminho". Para aí apontou também Mariana Mortágua, que argumentou que "é preciso resistir à extrema-direita" e "construir uma alternativa" através de "articulações" à esquerda.

Pior resultado

O BE renovou a lista face às últimas eleições, trocando Marisa Matias, que era eurodeputada desde 2009 e foi cabeça de lista duas vezes, por Catarina Martins. A ex-líder e ex-deputada vai agora estrear-se no grupo da Esquerda no Parlamento Europeu, juntando-se a uma lista de deputados que já contou com Miguel Portas e Rui Tavares, agora líder do Livre.

O partido apostou na experiência e na popularidade da anterior coordenadora do BE, que assumiu a liderança do partido durante 11 anos e foi deputada durante 14, sabendo que estas eleições seriam difíceis, tendo em conta o expectável crescimento da direita. A campanha foi centrada no combate à extrema-direita, nos direitos das mulheres e dos imigrantes, na defesa da Palestina ou na justiça climática. E, depois de ter passado a corrida às legislativas a tentar formar um acordo à esquerda, nestas eleições foi colando o PS à direita. Mas a estratégia não bastou para chegar ao segundo deputado.

O partido não consegue regressar aos resultados de 2019 – em que elegeu dois eurodeputados com 9,8% e mais de 325 mil votos – nem aos de 2009, os melhores de sempre – em que elegeu três eurodeputados com 10,73% e mais de 380 mil votos. Ficou, até à hora de fecho deste jornal, pelos 4,25% e mais de 167 mil votos, o pior resultado desde 1999, quando concorreu pela primeira vez e não conseguiu eleger, com 1,79% dos votos. É preciso recuar a 2004, quando teve 4,91% e contou com cerca de 167 mil boletins, e a 2014, com 4,56% e menos de 150 mil eleitores, para encontrar resultados aproximados.

Estes números reforçam uma trajectória pouco favorável para o Bloco. Nos Açores, em Fevereiro, perdeu um deputado; nas legislativas, em Março, manteve o número de deputados; e na Madeira, em Maio, depois de ter conseguido regressar à assembleia legislativa regional nas eleições de Setembro, voltou a perder a representação. Mas Francisco Louçã retirou o ónus da coordenadora Mariana Mortágua, que classificou como "uma líder extraordinária", apontando-lhe uma liderança de "muitos anos".

Numas eleições que eram muito difíceis, e num momento complicado em toda a Europa, o BE mantém representação

Catarina Martins
Eurodeputada do BE

ANTÓNIO COTRIM/LUSA

Mariana Mortágua insiste nas "articulações" à esquerda

Livre

Pedalada não chegou para conseguir entrar na Europa

Gina Pereira

À terceira não foi de vez. O Livre falhou a eleição para o Parlamento Europeu, depois de em 2014, ano da sua fundação, e de nas últimas europeias, de 2019, também Rui Tavares não ter conseguido entrar no hemiciclo de Estrasburgo. A pedalada que o partido conseguiu em Março – que fez aumentar de um para quatro os deputados no hemiciclo nacional – e o considerável reforço da votação, alcançando mais do dobro dos votos face a 2019, não foram suficientes para que Francisco Paupério conquistasse um lugar de estreia para o Livre na Europa.

Rui Tavares, co-porta-voz do partido, bem tinha dito logo no início da noite de ontem que "até à contagem do último voto" o partido iria estar na "expectativa" de saber se conseguia eleger. Mas nem o facto de os portugueses terem ido mais às urnas, nem o facto de o Livre ter conseguido mais de 148 mil votos (3,75% do total) – mais do que duplicando face ao escrutínio de 2019 (em que fechou com cerca de 60 mil) – fizeram com que a eleição de Paupério se concretizasse, deixando um amargo de boca no partido da papoila.

"É bom ter diminuído a abstenção, mas acho que ainda estamos muito longe daquilo que precisamos em termos de esclarecimento sobre assuntos europeus na política portuguesa", disse Rui Tavares, ao início da noite, mostrando-se confiante no reforço da votação na esquerda verde europeia, num movimento que disse acreditar que "veio para ficar no nosso país".

O co-porta-voz do Livre congratulou-se pelos resultados obtidos pelos parceiros dos Países Baixos, Dinamarca e Polónia, que também integram os verdes europeus. "São três Estados-membros em que coligações integradas pelos verdes europeus ou em que concorrem, no caso da Dinamarca, sozinhos vencem as eleições. Isso também nos indica que esta é a família política para fazer frente à extrema-direita", sublinhou, congratulando-se pelo facto de a votação no Livre ter voltado a crescer, num cenário em que a direita radical populista, representada pelo Chega, desceu.

Quase sozinho

Não será possível apontar responsabilidades pela não eleição ao cabeça de lista do Livre, que, em muitas ocasiões, foi deixado praticamente sozinho a fazer campanha, sem a ajuda das caras mais conhecidas do partido. Só ao sexto dia é que Rui Tavares se juntou à campanha, depois de começar a haver notícias sobre a sua ausência. Na ocasião, garantiu que tinha "toda a confiança" no candidato.

Francisco Paupério tem 29 anos e é biólogo

Licenciado em Biologia pela Universidade do Porto, mestre em Biologia Computacional e a concluir o doutoramento em Biologia Integrativa e Biomedicina no Instituto Gulbenkian de Ciência, a escolha de Francisco Paupério, de 29 anos, para cabeça de lista do Livre foi bastante polémica.

Após o resultado da primeira volta das primárias, em que Paupério teve mais de 50% dos votos de inscritos no processo, a comissão eleitoral do partido ainda ponderou restringir o voto na segunda volta apenas a militantes, por considerar que existiam "fortes indícios de viciação" do processo. Mas a decisão acabou por não avançar, depois de a comissão de ética ter considerado que não faria sentido suspeitar de práticas incorrectas, "infracções dolosas" ou "negligentes" por parte do candidato ou dos seus apoiantes.

Durante a campanha, Paupério optou por um programa de visitas a instituições e associações que considerou ser exemplo de políticas focadas na integração, no ambiente, na ciência ou nos jovens. Fez uma campanha pela positiva e disse ao que vinha: prometeu que a sua primeira intervenção no Parlamento Europeu seria em defesa da Lei do Restauro da Natureza e defendeu a existência de um comissário europeu para os oceanos, reclamando esse cargo para um português. Não foi suficiente para ser eleito.

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

PAN

Extinção no mapa europeu é oficial

Helena Pereira

O PAN desapareceu oficialmente do mapa europeu: é a extinção, após uma era muito curta e que foi também muito atribulada. Apesar das grandes expectativas em revalidar o lugar obtido em 2019, o PAN ficou muito aquém de conseguir eleger um representante. Teve apenas 47 mil votos. A decepção foi assumida por um dirigente do partido logo ao início da noite. "Não estamos satisfeitos com a não eleição do Pedro Fidalgo Marques e, portanto, gostaríamos muito de repor a verdade e repor a eleição de Pedro Fidalgo Marques, mas não foi possível", afirmou Ernesto Morais.

O PAN tinha concorrido pela primeira vez às eleições europeias em 2014, mas apenas cinco anos depois, em 2019, conseguiu eleger o seu primeiro eurodeputado. Foi Francisco Guerreiro, licenciado em Comunicação Social e assessor parlamentar do então líder do PAN, André Silva, que obteve 5,05% dos votos.

Francisco Guerreiro já havia sido também analista de estudos de mercado e trabalhou para a Comissão Europeia. A sua história, como eurodeputado do PAN, contudo, não teve um final feliz. Pouco tempo depois de ser eleito, logo em 2020, anunciou a saída do PAN por "divergências políticas" com a direcção do partido, tendo optado por manter o cargo no Parlamento Europeu. Em comunicado, explicou que "as divergências que justificam o seu afastamento do PAN assentam na falta de identificação política com várias posições relevantes tomadas pelo partido no Parlamento nacional, bem como com a linha política global que tem caracterizado a actuação do PAN nos últimos meses", considerando que esta tem "limitado a independência política do eurodeputado em Bruxelas".

Em 2021, o eurodeputado independente anunciou que se iria filiar no Volt quando terminasse o seu mandato em Estrasburgo: "A minha aproximação ao Volt é natural porque este é um movimento ecologista e europeísta que combate os populismos e as ideologias mais extremadas na União Europeia."

No fundo, o PAN vê acontecer nas eleições europeias aquilo que já tinha visto suceder nas legislativas: depois de uma rápida subida, a queda. Na Assembleia da República, ainda tem um lugar.

CDU

João Oliveira eleito: "A voz do povo continuará a fazer-se ouvir" na Europa

Joana Mesquita

Na sala do hotel Sana Metropolitan, na rua Soeiro Pereira Gomes – a mesma da sede do PCP – a noite eleitoral foi vivida com muita expectativa. Só perto das 23h30 os militantes comunistas viram a eleição de um eurodeputado confirmada, quando o próprio João Oliveira anunciou que tinha sido eleito. "A voz do povo continuará a fazer-se ouvir no Parlamento Europeu", declarou. A CDU perdeu um dos representantes na Europa mas a noite, que até aqui tinha sido silenciosa, rapidamente se tornou de festa.

As projecções das televisões foram recebidas em silêncio na sala do hotel que acolheu os militantes da CDU, já que em todas elas, no melhor cenário, a coligação que junta PCP e PEV elegia apenas o cabeça de lista, João Oliveira. A previsão da RTP/Universidade Católica antevia entre 3% e 5%, a do ICS/ISCTE/GfK Metris previa 2,8%-5,8% e a da Intercampus era de 2,3-5,3%. Uma hora mais tarde, pelas 21h15, João Oliveira – que esteve a acompanhar a noite eleitoral na sede do partido, acompanhado por Paulo Raimundo, secretário-geral do PCP – reagiu ao cenário pouco favorável.

Recebido com fortes aplausos, bandeiras e cânticos por uma assistência marcadamente jovem mas também composta por personalidades como António Filipe, histórico deputado do PCP, Isabel Camarinha, ex-secretária-geral da CGTP ou Bernardino Soares, antigo presidente da Câmara Municipal de Loures, o cabeça de lista nunca utilizou a palavra derrota.

João Oliveira lançou ataques às "manobras abjectas", numa referência ao artigo do jornal Politico, que incluía os dois eurodeputados comunistas na lista dos "melhores amigos" do Kremlin, que acusou de "fabricar rankings para condicionar o posicionamento coerente de quem defende a paz".

"Para o que der e vier"

"Se julgam que nos condicionam, podem continuar a gastar dinheiro que nós continuaremos a defender a paz", frisou, elogiando quem não se deixou "condicionar pelo medo" e quem conseguiu "ver para lá das cortinas de fumo e das manipulações".

Seja quando apontou para "a batalha que a partir de amanhã" começa para a "construção de um futuro melhor", ou quando referiu que a CDU não "baixa os braços", o discurso do candidato foi sempre optimista e atingiu mesmo o ponto alto no final da intervenção. "A luta continua", atirou.

Horas mais tarde, já perto das 23h30, João Oliveira voltou a entrar na sala, desta vez, para anunciar a sua eleição. "A voz do povo continuará a fazer-se ouvir no Parlamento Europeu", afirmou o cabeça de lista da CDU, num curto discurso, em que reassumiu o "compromisso político" com o povo "para o que der e vier".

Paulo Raimundo reforçou as "circunstâncias adversas" da campanha, em que a comitiva lutou "contra ventos e marés". "Nem outros tiveram resultados extraordinários, nem a CDU desapareceu", respondeu o secretário-geral do PCP, em referência às sondagens que previam que a CDU não elegesse e que davam o Chega a crescer.

"Hoje festejemos para amanhã voltar ao combate", frisou Paulo Raimundo, notoriamente feliz com o resultado alcançado por João Oliveira, que conseguiu 4,12% dos votos (162. 625 votos).

Em queda livre no Parlamento Europeu desde 2014, quando recolheu 416.446 votos, o que em percentagem representou 12,68% e se traduziu em 3 mandatos, as últimas eleições europeias não foram um mar de rosas para os comunistas.

Em 2019, a CDU desceu de três eurodeputados para dois e conquistou 228.157 votos (6,88%), número que só por pouco não significou a perda de metade dos votos face às europeias passadas. Ainda assim, João Ferreira – mais tarde substituído por João Pimenta Lopes, para candidatar-se às autárquicas de 2021, em que foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa – e Sandra Pereira rumaram a Bruxelas.

Também as sondagens da última semana não foram animadoras para a CDU, sendo que só no barómetro da Universidade Católica, para PÚBLICO, RTP e Antena 1, a coligação chegava aos 4%. Em nenhuma das sondagens era dado como certo que João Oliveira fosse eleito, já que, normalmente, a percentagem necessária para um candidato integrar o Parlamento Europeu é, precisamente, a dos 4%.

Depois de não ter conseguido eleger na Assembleia Legislativa dos Açores em 2020 e de ter visto esse mesmo cenário repetido em 2024, a votação na CDU tem caído sempre que os portugueses vão às urnas.

Nas recentes eleições antecipadas na Madeira de 2024, os comunistas ficaram de fora do parlamento madeirense e nas legislativas de 10 de Março deste ano a CDU desceu de 6 deputados (em 2022) para apenas quatro.

JOÃO RELVAS/LUSA

João Oliveira, cabeça de lista da CDU, conseguiu 4,12% dos votos

> **Se julgam que nos condicionam, podem continuar a gastar dinheiro que nós continuaremos a defender a paz**
> **João Oliveira**
> Eurodeputado da CDU

À direita, dois partidos de um homem só

Opinião

Francisco Mendes da Silva

Ese João Cotrim de Figueiredo, o político mais plausível da IL, tivesse permanecido na liderança do partido em vez de a abandonar fora de tempo porque tinha o Parlamento Europeu na cabeça? Morreremos sem saber o resultado dessa história alternativa. Mas não é arriscado dizer que a IL teria tido nas legislativas um resultado muito superior ao que teve. E nesse caso o quadro parlamentar e governativo podia ser hoje bastante diferente. Mais estável, menos dependente do populismo.

Estas europeias confirmaram uma sociologia político-eleitoral com cerca de um quinto de votantes à direita da AD. Este cenário tem duas implicações inevitáveis.

A primeira é a de que o PS jamais conseguirá formar governo, porque a direita será maioritária e bloqueará essa possibilidade. É verdade que a correlação entre o apelo eleitoral da AD e o do PS se mantém praticamente imóvel desde Março. Toda a eleição que se faça neste cenário pode dar a vitória a qualquer um deles. Só que uma vitória do PS seria sempre estéril.

A segunda implicação é a de que, caso o Chega consolide ou reforce o actual peso parlamentar, a AD terá de escolher: ou trai os seus valores, fazendo entendimentos com Ventura; ou fica dependente do que a oposição deixar passar.

Nas europeias vislumbrámos a promessa de um outro mundo possível. A AD e a IL cresceram em percentagem relativamente às legislativas. O Chega desceu - e muito. Ventura achou que era tempo de dar ao partido uma patine de respeitabilidade, com um diplomata circunspecto. Esqueceu-se de que boa parte do seu eleitorado não quer nem respeitabilidade nem circunspecção: quer a arruaça tonitruante de Ventura. É o eleitorado típico da abstenção e do voto nulo, que, cumprindo a tradição, desta vez ficou em casa.

O Chega é um partido de um homem só. O problema, para a direita, é que a IL também.

Advogado

Estreia do voto em mobilidade

David podia votar por França mas escolheu votar por Portugal

Reportagem

Ana Cristina Pereira Texto
Anna Costa Fotografia

Votação decorreu quase sempre com normalidade, apesar da desmaterialização dos cadernos eleitorais

David Almeida não encontrou filas na manhã de ontem na Escola Básica Manoel de Oliveira, na zona Ocidental do Porto. Escolheu a mesa número 9 e demorou menos de um minuto a avançar. É a primeira vez que vota em Portugal numas eleições europeias.

A grande novidade desta consulta é a desmaterialização dos cadernos eleitorais: os eleitores portugueses puderam deslocar-se a qualquer mesa do país para votar. Mas os cidadãos europeus com dupla nacionalidade, como David, já antes podiam fazer uma escolha: o país de voto.

David é luso-francês. Pode votar no círculo eleitoral de Portugal ou no de França. Sempre votou pela França. Mudando-se para Portugal, poderia continuar a fazê-lo.

Escolheu votar por Portugal. Na manhã de ontem, apresentou-se como membro de uma comunidade com diversas escalas: União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, Porto, Portugal, União Europeia. "As decisões [políticas] tomadas no dia-a-dia afectam o bairro onde eu moro, as pessoas ao meu redor, o que está a acontecer nas escolas, nos hospitais..."

Ana Furtado, da junta de freguesia, estava à entrada a ajudar a orientar quem aparecia para votar. Não dava por filas a formarem-se em torno de nenhuma das 11 mesas de voto instaladas naquela escola. Nas eleições anteriores, amiúde via concentrarem-se eleitores na mesa associada aos nomes começados pela letra "m". "Existem ainda muitas Marias neste Portugal." Agora, é só escolher a menos concorrida e avançar.

Pequena turbulência

Não foi sempre assim. Registou-se alguma turbulência por volta das 11h30. Explicou o Ministério da Administração Interna, em comunicado, que houve "uma situação de actualização de segurança do sistema pré-agendada que, tendo coincidido com um dos picos de afluência de eleitores às urnas, provocou, durante algum tempo, um abrandamento na operacionalidade do sistema". Todavia, depressa tudo voltou "à plena normalidade."

De todo o lado, porém, chegavam ecos de uma eleição ordeira. Sem delongas.

Bruno Silva, por exemplo, mora em Torre de Moncorvo. Está a gozar o fim-de-semana prolongado com três amigos em Albufeira e votou na escola secundária local. "Foi muito rápido", relata aquele bolseiro de investigação, de 29 anos. "A abstenção tem sido elevada. Penso que é positivo darem mais liberdade às pessoas."

Fred Rocha mora no Barreiro. Sempre que há eleições, faz "uma peregrinação democrática à Póvoa de Varzim". Desta vez, este *web developer* de 42 anos foi despreocupado passar uns dias com amigos a Espanha. Estando perto da fronteira, cruzou-a e votou em Elvas. "Foi muito tranquilo. As pessoas foram muito simpáticas. Para quem está nas mesas também é diferente. Pela primeira vez, estão a receber eleitores de outros sítios."

Outro exemplo: Diana Carvalho vive em Lisboa e costuma viajar até ao Porto para votar. Ontem, a professora universitária de 35 anos votou com o namorado no Liceu Camões. "Fomos juntos. Ele costuma votar lá. É muito perto de casa. Fomos a pé."

Também houve eleitores que se encontravam perto de casa e mesmo assim aproveitaram as conveniências da mobilidade. Liliana Pinto vota na freguesia de Campanhã, no Porto. A socióloga passou o domingo com a família e foi votar à Escola Básica e Secundária de Canelas, em Gaia. "Demorei, literalmente, dois minutos."

David Almeida não encontrou filas na Escola Manoel de Oliveira

David Almeida também não votou na Universidade Católica do Porto, como nas legislativas de Março. Pegou na bicicleta, foi tomar o pequeno-almoço a uma confeitaria do outro lado da freguesia e experimentou votar na Escola Básica Manoel de Oliveira.

Identidade *versus* cidadania

Cada europeu com dupla nacionalidade tem a sua história e a de David começou há 40 anos, em Rennes, no Noroeste de França. Cresceu em Toulouse, no Sul. Estudou engenharia agrónoma em Paris. Conheceu a esposa, Mariana S., de nacionalidade brasileira, a trabalhar em São Paulo. Ainda viveram juntos em Paris, mas ela "cansou-se".

Resolveram testar a vida em Portugal. Nos seus tempos de estudante, Mariana fizera um intercâmbio em Coimbra e adorara a experiência. "Ela veio em 2019 para o Porto. Eu ia e voltava – ainda trabalhava lá." Apanhados pela pandemia de covid-19, foram prolongando a experiência.

Já fizeram amigos. Já tiveram uma filha. Já compraram um apartamento. "A gente gosta muito daqui", afiança David. "A gente teve a sorte de criar uma rede social muito rápido e pode trabalhar de onde quiser. O Porto tem uma dinâmica perfeita de vida na cidade, multiculturalidade, possibilidades culturais, acesso ao mar." Pelo menos para já, a mudança não faz com que David se identifique mais como português.

Os pais partiram muito jovens para França. Era pequeno quando se separaram. Casaram-se com franceses. De repente, David só ouvia falar francês, já não só na escola e nas actividades de tempos livres, mas também dentro de casa. Foi já adulto, a trabalhar no Brasil, que desenvolveu a língua. "Sua língua define muito a sua cultura, né? Tenho amigos portugueses aqui e noto que as nossas referências [culturais] são muito diferentes."

Apesar de ter crescido imerso na cultura francesa, faz-lhe mais sentido votar agora por Portugal. "Votar não é uma questão de identidade, é uma questão de cidadania. Não sinto que tenha uma identidade portuguesa, mas sinto-me um cidadão português. Eu tenho um cartão de cidadão. Eu moro aqui. Eu acompanho muito o que acontece em França, mas não moro lá."

Abstenção foi a mais baixa dos últimos 20 anos

A abstenção foi a mais baixa em eleições europeias dos últimos 20 anos, ao situar-se em 62,5%. Isto significa que, dos 10,4 milhões de eleitores inscritos, 3,9 milhões decidiram ir às urnas.

É preciso recuar até às europeias de 2004 para encontrar um valor mais baixo do que este: 61,2%. Em 2019, a abstenção tinha alcançado um máximo histórico de 69,3%.

Ao longo do dia de ontem foi-se percebendo que a participação neste acto seria ligeiramente superior à de anos anteriores. A possibilidade de votar em qualquer mesa, independentemente do local de residência, terá contribuído para atrair mais eleitores às mesas. Essa era, pelo menos, a convicção do porta-voz da Comissão Nacional de Eleições, Fernando Anastácio. "Houve muita gente a exercer o voto em mobilidade. O facto de se estar fora do local onde se está recenseado e onde habitualmente votava podia ser um constrangimento a votar, por isso temos a expectativa de que esta possibilidade tenha sido uma ferramenta que, de alguma maneira, tenha permitido uma redução da abstenção."

O Presidente da República, que na véspera dramatizara no apelo ao voto, declarando que a Europa atravessa "a situação mais grave" nos "últimos 30 anos" e que "não votar é metermos a cabeça na areia", congratulou-se a meio do dia com "o bom sinal" de haver mais gente a afluir às eleições.

Ainda assim, as europeias continuam a ser a eleição menos atractiva para os portugueses e há 30 anos que a abstenção não desce do patamar dos 60%. Desde 1994 que mais de metade dos eleitores (64,5% nesse ano) não se desloca à sua secção de voto. Na eleição anterior, em 1989, já a afluência não era famosa: 51,1%.

Em 1999, ainda houve um ligeiro recuo da abstenção (60,1%), mas desde então foi sempre a subir até aos 69,3% de 2019. Nesse ano, dos mais de 10,7 milhões de inscritos, apenas 3,3 milhões decidiram votar. **J.P.P.**

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

Vencedores

João Cotrim de Figueiredo
O ex-líder liberal foi uma das figuras desta campanha. Apesar de em alguns momentos se ter perdido em tricas desnecessárias com outros candidatos, foi politicamente eficaz a passar a mensagem, apostando num discurso capaz de penetrar além do eleitorado liberal. João Cotrim de Figueiredo contribuiu decisivamente para a estreia da IL no Parlamento Europeu e logo com dois eurodeputados. Por outro lado, este resultado reafirma a IL como um dos quatro maiores partidos nacionais, agora taco a taco com o Chega. **D.S.**

Pedro Nuno Santos
O secretário-geral do PS perdeu nos Açores e na Madeira e, a 10 de Março, ficou perto mas atrás da AD. E se nos dois primeiros casos se tratou de eleições de carácter regional, em que o líder nacional conta pouco, nas legislativas, em que disputava o cargo de primeiro-ministro com Luís Montenegro, tinha a inglória missão de travar um embate em que muitos eleitores avaliavam o legado de Costa. Nestas europeias, Pedro Nuno arriscou ao escolher uma cabeça de lista de que não é próximo politicamente e com poucos pergaminhos em matérias europeias. Uma escolha que se revelou acertada. **D.S.**

António Costa
O ex-primeiro-ministro e ex-secretário-geral do PS, António Costa, conseguiu nestas europeias emergir como um dos vencedores da noite, apesar de nada ter tido que ver com estas eleições. Mas, com o segundo lugar dos socialistas europeus nestas eleições, as possibilidades de vir a ocupar a almejada presidência do Conselho Europeu saem reforçadas. Costa afastou desempenhar um cargo europeu enquanto pendesse sobre ele qualquer suspeita na *Operação Influencer*, mas ontem, na CMTV, deixou subentendido que ter sido ouvido pela justiça como "mero declarante" significará que não é suspeito. **D.S.**

Marta Temido
A antiga ministra da Saúde é a cabeça de lista da candidatura que acabou por vencer estas eleições europeias e, nessa medida, entra no rol dos vencedores da noite eleitoral. É certo que o PS cai em percentagem de votos e número de deputados comparativamente com o bom resultado alcançado em 2019, mas não é menos verdade que Marta Temido conseguiu ganhar a disputa renhida com a Aliança Democrática. Marta Temido mostrou na campanha que, além da popularidade granjeada durante a pandemia de covid-19, é empática e eficaz nas acções de rua. **D.S.**

Vencidos

Luís Montenegro
Depois de quatro vitórias consecutivas, nas eleições regionais dos Açores, legislativas e duas eleições regionais da Madeira, o presidente do PSD teve a sua primeira derrota. Foi por muito pouco, mas ficou em segundo lugar e com menos um deputado do que os socialistas. A escolha arriscada do cabeça de lista, Sebastião Bugalho, também foi exclusivamente sua e a ajuda que deu à campanha da AD, reservando vários anúncios de medidas do Governo para os dias da campanha oficial, não garantiu o *élan* com que a coligação de direita estava a contar. **H.P.**

Vencidos

André Ventura
Habituado a consecutivos bons registos eleitorais, o presidente do Chega elevou a fasquia nestas europeias, apontando como objectivo vencer. Mas ficou em terceiro e em linha com a IL. O líder populista é o rosto desta derrota eleitoral do Chega porque foi ele o protagonista da campanha, relegando o cabeça de lista para segundo plano. O partido ficou muito aquém dos 18% das últimas legislativas, o que, pelo menos em parte, pode explicar-se pelos maiores níveis de abstenção nesta eleição (a 10 de Março o Chega concentrou votos oriundos da abstenção, agora não conseguiu mobilizar esses eleitores). **D.S.**

Catarina Martins
O Bloco de Esquerda não vive tempos fáceis. Depois do mau resultado nas legislativas de 2022, no pós-"geringonça", em que passaram de 19 para cinco mandatos e que foi reconfirmado em 2024, os bloquistas falham a manutenção dos dois eurodeputados que tinham em Bruxelas. Catarina Martins, ex-coordenadora do partido, teve boas intervenções nos debates televisivos e boas recepções pelo país durante a campanha, mas isso não chegou: o programa eleitoral do BE já não convence como no passado. Os únicos partidos de esquerda a crescer ou a aguentar a votação são os mais europeístas: Livre e PS. **H.P.**

João Oliveira
A CDU apostou no ex-líder parlamentar do PCP, que tem experiência política e notoriedade, mas não conseguiu evitar o desaire. Perdeu um dos dois lugares que tinha e voltou a ficar atrás do BE. Confirma-se o movimento descendente dos partidos que fizeram parte da "geringonça". João Oliveira, por seu lado, quebrou a espécie de "feitiço" com que brincava frequentemente: nas eleições legislativas de 2022, em que foi cabeça de lista por Évora, não conseguiu ser eleito, tendo sido a primeira vez que a CDU não conseguiu ter um representante naquele círculo eleitoral. **H.P.**

Rui Tavares
O Livre falhou o objectivo de se estrear no Parlamento Europeu. O cabeça de lista, Francisco Paupério, foi deixado livre para fazer esta campanha para as europeias. Mas livre no sentido em que assumiu praticamente sozinho as despesas da campanha eleitoral. Tarefa tão mais árdua na medida em que se apresentava a esta corrida sem qualquer experiência política e como um completo desconhecido em termos mediáticos. Rui Tavares, o líder e até aqui figura omnipotente e omnipresente no partido, só parcamente surgiu na campanha. Assim, mais do que de Francisco Paupério, esta é uma derrota de Rui Tavares. **D.S.**

Inês Sousa Real
O PAN está definitivamente em curva descendente. Depois de ter encolhido nas últimas legislativas, passando de quatro para um lugar, acabou por desaparecer do Parlamento Europeu. Em 2019, tinha eleito, pela primeira vez, um deputado, Francisco Guerreiro, que perdeu pouco tempo depois, devido a divergências políticas. Guerreiro abandonou o PAN, conservando para si o lugar em Bruxelas. A história do PAN no PE será apenas um ténue rodapé. Sousa Real é cada fez mais o centro à volta do qual tudo gira no partido e portanto esta é mais uma derrota sua do que desconhecido Pedro Fidalgo Marques. **H.P.**

Parlamento Europeu

O centro aguentou e o “sonho” de Meloni e Le Pen de uma maioria de direita caiu por terra

Rita Siza , Bruxelas

Von der Leyen apelou ao apoio da “grande coligação” pró-europeista para continuar o “bom trabalho” dos últimos cinco anos

Os eleitores europeus votaram e, apesar da previsível subida da representação da direita radical e extrema, o centro aguentou. As forças pró-europeias e progressistas, defensoras de uma maior integração política da União Europeia, estarão em clara maioria na décima legislatura do Parlamento Europeu, que arranca no próximo dia 18 de Julho, tendo garantidos mais de 400 votos num total de 720.

O Partido Popular Europeu (PPE, centro-direita), onde vão sentar-se os eurodeputados da Aliança Democrática, voltará a ter a maior bancada do hemiciclo, com 189 eurodeputados. E os Socialistas & Democratas (S&D, centro-esquerda), onde está o PS, deverá eleger 135 eurodeputados.

Depois de três eleições consecutivas a perder lugares no Parlamento Europeu, o grupo democrata-cristão consegue, este ano, aumentar a sua representação – facto que o presidente do grupo do PPE, Manfred Weber, não deixou de destacar. “Somos o maior grupo, e ainda deveremos aumentar o nosso número”, estimou, revelando que “a ideia é convidar novos membros”, caso dos os holandeses BBB e NSC; da Aliança Liberal da Dinamarca; a Lista Unitária da Letónia e o Tisza da Hungria.

Na mesma linha, o eurodeputado do PS, Pedro Marques, na qualidade de vice-presidente do grupo do S&D, considerou que os sociais-democratas “fizeram uma boa campanha” que lhes permitiu consolidar a sua posição como o segundo maior grupo, “com um forte resultado” (ainda que tenham perdido cinco eleitos face a 2019). “Partimos numa posição forte para o inícios das negociações [para a distribuição dos cargos de topo das instituições comunitárias]”, considerou – apontando à presidência do Conselho Europeu para os socialistas.

Apesar do terramoto político em França, onde o movimento do Presidente Emmanuel Macron, Besoin d’Europe, foi atropelado pela União Nacional de Marine Le Pen, a bancada liberal Renovar a Europa, que acolherá os dois eleitos da Iniciativa Liberal, mantém-se como a terceira maior na próxima legislatura, com 83 eurodeputados.

A curta distância, e praticamente coladas uma à outra, surgem depois as bancadas de direita radical e extrema: com 72 assentos, os Conservadores e Reformistas Europeus, agora dominados pelos Irmãos de Itália da primeira-ministra, Giorgia Meloni; e com 58 lugares, a Identidade e Democracia, com uma representação reforçada da União Nacional, de Marine Le Pen.

Convém assinalar que estes são números que vão necessariamente ser revistos, uma vez que ainda terão de ser integrados os cerca de 50 eleitos de partidos que até agora não tinham representação no Parlamento Europeu.

Mas os eventuais ajustes ao tamanho final dos grupos não deverão chegar para que as aspirações das duas mulheres que, ontem, viram reforçado o seu estatuto de líderes da direita radical europeia, concretizem o seu “sonho” de uma nova maioria exclusivamente de direita formada pelo PPE, ECR e ID.

Juntos, os democratas-cristãos, socialistas e liberais têm uma muito confortável maioria de 407 votos, bastante acima da fasquia dos 361 que correspondem à maioria absoluta de 50% mais um necessária para a eleição do presidente da Comissão Europeia. Se a esta grande coligação se juntarem os votos dos Verdes – que tiveram um mau resultado – a maioria das forças pró-europeias é de 460 votos, ou seja, perto de 65%.

Ou seja, as previsões de uma forte guinada do Parlamento Europeu para a direita acabaram por não se materializar, com as votações de alguns dos partidos associados ao ECR e ao ID em países como a Bélgica, República Checa, Dinamarca, Finlândia, Polónia, Roménia ou Suécia a ficarem aquém das expectativas. A soma PPE, ECR e ID não vai além dos 319 votos.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, foi rápida a interiorizar as mudanças no tabuleiro político em Bruxelas. Numa curta intervenção no palco do hemiciclo do Parlamento Europeu, reconvertido numa gigantesca sala de imprensa internacional, a alemã, candidata a um segundo mandato à frente do executivo comunitário, deixou um apelo às “forças pró-europeias” que estarão representadas no próximo hemiciclo.

“Continuamos a ter uma maioria ao centro para uma Europa forte”, sublinhou Von der Leyen, confirmando que começará já esta segunda-feira a negociar com os representantes das famílias socialista e liberal para estabelecer uma nova grande-coligação no próximo mandato.

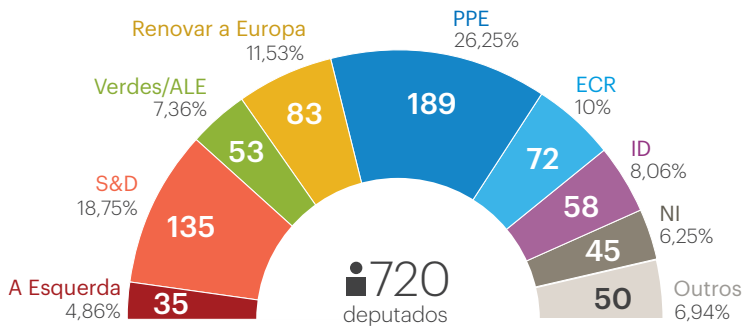
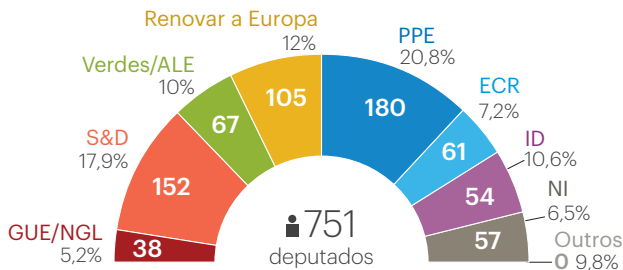
“Quero ter uma forte maioria de forças pró-europeias. A partir de amanhã, vamos estender a mão ao S&D e ao Renovar a Europa, que constituem esta plataforma alargada e com quem trabalhámos tão bem nestes cinco anos. Creio que o meu primeiro mandato demonstra aquilo que podemos alcançar juntos, e por isso quero continuar neste caminho com as forças que são pró-UE, pró-Ucrânia e pró-Estado de direito na próxima legislatura”, afirmou Von der Leyen.

PIROSCHKA VAN DE WOUW/REUTERS

Von der Leyen vai já começar a negociar com os representantes das famílias socialista e liberal

Acompanhe em publico.pt/europeias-2024

O novo Parlamento Europeu

Resultados provisórios (às 00h40 de Lisboa)

Parlamento eleito em 2019

A Esquerda (antiga GUE/NGL: Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde)
S&D: Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas
Verdes/ALE: Os Verdes/Aliança Livre Europeia
Renovar a Europa: Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa
PPE: Partido Popular Europeu
ECR: Conservadores e Reformistas Europeus
ID: Identidade e Democracia
NI: Não-inscritos; Outros: deputados não filiados em qualquer grupo político

Fonte: Parlamento Europeu PÚBLICO

Quero continuar neste caminho com as forças que são pró-UE, pró-Ucrânia e pró-Estado de direito na próxima legislatura

Von der Leyen
Presidente da Comissão Europeia

Notoriamente ausente do discurso da alemã esteve ausente qualquer referência à bancada dos Conservadores e Reformistas Europeus, onde se sentam os Irmãos de Itália, da sua aliada Giorgia Meloni. A presidente da Comissão pôs a tónica na vitória do PPE – "o maior partido e a âncora de estabilidade" em Bruxelas" – considerando que esse resultado é um reconhecimento da sua liderança nos últimos cinco anos.

"Esta eleição não teve lugar no vácuo. O mundo à nossa volta está em tumulto. Há forças a tentar desestabilizar as nossas sociedades e enfraquecer a Europa. Não deixaremos que isso aconteça. E estes resultados mostram que a maioria dos europeus compreenderam esta mensagem", afirmou.

O seu comissário para o Emprego e Direitos Sociais, e cabeça de lista dos Socialistas Europeus, foi um dos que compreendeu. "É claro que estamos abertos a uma forte cooperação com todas as forças democráticas deste Parlamento, e como segundo maior grupo, prontos a negociar os acordos para tornar a Europa social e economicamente mais forte, mais segura, mais democrática", afirmou, repetindo que a sua linha vermelha não mudou. "Para nós, não há nenhuma possibilidade de cooperar com as forças que querem desmantelar e enfraquecer o nosso projecto, que se baseia na solidariedade", vincou.

O mesmo argumento foi invocado pelo cabeça de lista d'A Esquerda, Walter Baier. O grupo que inclui o Bloco e a CDU, e que manteve praticamente a mesma representatividade (caiu dos 37 para os 35 eurodeputados), vai "continuar a opor-se às políticas que criaram um campo fértil para o crescimento da extrema-direita", mas promete "apoiar todas as reformas progressistas" pelo direito à habitação ou ao aborto seguro, aos serviços públicos universais e à promoção de postos de trabalho com salários "decentes".

Houve uma vaga, mas não um tsunami

Opinião

Teresa de Sousa

As previsões confirmaram-se. Houve uma vaga da direita radical e extrema, mas não um tsunami. Em conjunto, devem conseguir, segundo as previsões, 140 lugares no novo Parlamento. Pode não ser demasiado, mas é imenso para um continente que precisou de uma guerra mundial para se libertar do fascismo e do nazismo.

Em teoria, mantém-se a maioria dos três partidos centrais do Parlamento Europeu (PE) – o PPE, os Socialistas e Democratas (S&D) e os Renovadores. Com destinos diferentes, mas sem alterações dramáticas. O PPE conseguiu aumentar o número de lugares. O S&D caiu, mas não demasiado. A maior quebra verificou-se no grupo liberal dos Renovadores, devido à queda dramática do Renascimento de Emmanuel Macron, em França. Mantêm, os três juntos, uma maioria, ainda que mais apertada, no PE.

Estes são os números, depois vem a política e o jogo das alianças. Na prática, muita coisa vai depender da forma como o PPE, que mantém o pódio e que reúne os partidos do centro-direita, vai exercer as suas preferências políticas. Assumindo o papel de charneira entre a direita radical e extrema e os seus parceiros habituais do centro e do centro-esquerda? Ou mantendo-se fiel à "grande coligação" que funcionou desde 2019? A novidade deste novo mapa político do PE está, precisamente, em que, pela primeira vez, toda a direita, somada, passou a ser maioritária.

A influência da extrema-direita

Com esta nova configuração, ficam, por enquanto, mais perguntas do que respostas. A primeira das quais é como se irá manifestar a crescente influência da direita radical e extrema. Os dois grupos parlamentares cresceram. O Identidade e Democracia, mais extremista, pode passar de 49 para 60 lugares (ainda previsões), mesmo com a expulsão da AfD alemã. Le Pen reforçou o seu papel de liderança, com a grande vitória da União Nacional em França. Os Conservadores e Reformistas europeus, da direita radical, onde o partido de Giorgia Meloni impera, sobem de 68 para 70. A soma de lugares que os dois grupos conquistaram não é suficiente para fazer vencer iniciativas próprias, mas pode funcionar como uma minoria de bloqueio, obrigando os partidos maioritários a negociar. Para muitos analistas, o seu impacto político será real, mesmo que indirecto, forçando os grandes grupos políticos tradicionais a alguns ajustamentos. Inclinando-os, provavelmente, mais para a direita em matérias tão sensíveis como as políticas de imigração e asilo (maior endurecimento) ou nas decisões relativas ao combate às alterações climáticas (alguma dose de "branqueamento" do Pacto Ecológico), mas também na ratificação dos acordos comerciais da União Europeia com o exterior (estes partidos são, no essencial, mais proteccionistas) ou na aprovação do Orçamento comunitário, sobre o qual o PE tem o poder de co-decisão. Numa palavra, pode concluir-se que aumentará o grau de imprevisibilidade e de instabilidade nas decisões do PE.

Paris e Berlim, os elos mais fracos

Olhando para os resultados nos países mais influentes da União, os sinais não são animadores. Na Alemanha, apesar da vitória folgada de uma CDU/CSU que, depois de Merkel, virou à direita, a AfD conseguiu ultrapassar por pouco o SPD de Olaf Scholz. Uma humilhação para o chanceler. Os Verdes, que tiveram na Alemanha e na Europa uma progressão espectacular nas europeias de 2019, registaram perdas assinaláveis. A coligação tripartida que governa em Berlim, cuja saúde já era frágil, saiu bastante amachucada.

Pela primeira vez, toda a direita, somada, passou a ser maioritária

Em França, o descalabro do Renascimento de Emmanuel Macron e a ascensão aparentemente imparável da União Nacional de Marine Le Pen prenuncia tempos sombrios para as presidenciais de 2027. Macron fez o que tinha a fazer: dissolveu a Assembleia Nacional. O que acontecer em França nos próximos dois anos terá um impacto gigantesco sobre o destino da Europa.

Em Itália, a estratégia europeia de Giorgia Meloni viu-se confirmada nas urnas – a chefe do Governo de Roma conseguiu conquistar um papel relevante em Bruxelas, adquirindo (quase) o estatuto de "*queenmaker*" na escolha da próxima (ou do próximo) presidente da Comissão. Quis fazer das europeias um referendo à sua liderança, ao ponto de ter encabeçado a lista dos "Irmãos de Itália" para o PE. Reforçou a votação, embora o Partido Democrata, de centro-esquerda, tenha resistido bem. A fraqueza relativa de Macron e Scholz convém-lhe.

Onde estão os líderes?

A Europa enfrenta hoje desafios inimagináveis em 2019 – o primeiro dos quais é uma guerra na sua fronteira leste. Os europeus continuam a dar valor à União Europeia – 71%, segundo o Eurobarómetro, consideraram que a pertença à UE é benéfica para o seu país. As forças nacionalistas e soberanistas souberam adaptar-se a este sentimento generalizado. Deixaram de defender a saída (aprenderam alguma coisa com o "Brexit") e passaram a pugnar por uma "transformação" a partir de dentro. Os seus ganhos também se devem a esta capacidade de "normalização". Parece faltar ainda às forças políticas europeístas um discurso suficientemente mobilizador e combativo para valorizar a Europa aos olhos dos cidadãos, demonstrando que ela é hoje mais necessária do que nunca.

Jornalista

ANDRE PAIN/EPA

Marine Le Pen e Jordan Bardella, a líder e o cabeça de lista da União Nacional

Primeira volta dentro de três semanas

Presidente francês convoca legislativas antecipadas

João Pedro Pincha e Maria João Guimarães

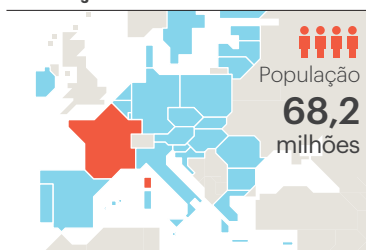
Na sequência da pesada derrota que do seu partido, Renascimento, e da vitória da União Nacional, chefiada por Marine Le Pen, o chefe de Estado falou aos franceses a partir do Palácio do Eliseu para anunciar legislativas antecipadas.

"Eu não saberia, ao fim de um dia como o de hoje, fazer de conta que nada aconteceu", justificou Macron. "Chegou a altura de clarificação", disse. "Ouvi a vossa mensagem, as vossas preocupações, e não as vou deixar sem resposta."

"Sei que posso contar convosco para votar em força a 30 de Junho e 7 de Julho, a França precisa de uma maioria clara para agir com serenidade e harmonia."

Macron falou depois do cabeça de lista da União Nacional, Jordan Bardella, ter pedido eleições antecipadas invocando tanto a maioria relativa do partido de Macron no Parlamento, como a diferença de resultado das europeias (a UN terá conseguido 31% e o Renascimento apenas 15%, segundo as sondagens à boca das urnas), e antes do discurso de Marine Le Pen.

"Os partidos da extrema-direita, que nos últimos anos se têm oposto a tantos avanços conseguidos na nossa Europa - como o relançamento económico, a protecção comum das

França

nossas fronteiras, o apoio aos nossos agricultores, o apoio à Ucrânia -? têm ganhado terreno por toda a Europa", contextualizou Macron. Em França, "o seu representante conseguiu quase 40% dos votos expressos."

"Para mim, que sempre considerei que uma Europa unida, forte e independente é boa para França, esta é uma situação com que não me conformo??", declarou o Presidente.

A líder da União Nacional congratulou-se com o anúncio de Macron convocar eleições. "O voto dos franceses é definitivo: o Presidente, respondendo ao apelo de Jordan Bardella, acaba de anunciar que os franceses voltarão às urnas dentro de algumas semanas", declarou Marine Le Pen.

Num discurso falando do "regresso das nações", Le Pen garantiu que, "se o povo quiser", o seu partido "está pronto a governar".

À esquerda, Jean-Luc Mélenchon, cuja França Insubmissa ficou atrás do Partido Socialista com 8% contra 14% do PSF (ao contrário do que aconteceu nas europeias de 2019, embora por uma diferença muito pequena) também se congratulou com a convocação de eleições, embora criticasse Macron por "não ter posto em causa o seu mandato, mas escolhido dissolver a Assembleia".

Entre as análises políticas há quem se mostre surpreendido e quem passe da surpresa à compreensão. Simon Hix, do European University Institute, está no primeiro campo. "Suicida marcar eleições antecipadas", declarou na rede social X (antigo Twitter). "Do que está à espera, que todos os partidos excepto a UN se juntem numa coligação 'salvem a República'? Duvido que isso seja possível em apenas três semanas".

Já Giovanni Capoccia, professor de política da Universidade de Oxford, especialista em extremismo e iliberalismo, diz que apesar de ser "bastante chocante à primeira vista, é provavelmente o correcto dada a situação", já que "dramatiza, correctamente, a situação e tira a UN da situação relativamente confortável em que tem estado nos últimos dois anos".

"Macron chama agora a UN para um confronto real, numa eleição em que a participação vai ser maior, e o que está em jogo é muito mais, do que nestas europeias", diz ainda Capoccia. "A campanha deverá ser dramática e um apelo contra a UN."

Governo castigado

Radicais da AfD em segundo, à frente do SPD de Scholz

Maria João Guimarães

A grande notícia na Alemanha foi a subida do partido radical, e com uma faceta cada vez mais extremista, AfD (Alternativa para a Alemanha), que não pareceu afectado por vários escândalos, incluindo de potencial proximidade da Rússia e China.

A AfD conseguiu ficar em segundo lugar, ultrapassando o Partido Social-Democrata do chanceler Olaf Sholz, com 16,2% contra 14%, segundo a sondagem à boca das urnas da emissora pública ARD, o que será o pior resultado da história do partido numa eleição nacional.

Tentando retirar importância à AfD, o diário DerTagesspiegel divulgou a sua primeira página de segunda-feira com o título "Afinal, pelo menos cerca de 80% [dos alemães] ainda têm mais ou menos juízo".

O comentário na primeira página era sobre a rejeição da "coligação semáforo" que integra SPD, Verdes e o Partido Liberal Democrata (FDP) e que é muito pouco popular, com vários desacordos muito públicos entre partidos que defendem políticas muitas vezes contraditórias.

O maior partido da oposição, a União Democrata Cristã (CDU/CSU), foi sem surpresas o mais votado, com cerca de 30% enquanto os Verdes, que tinham tido o maior sucesso das últimas europeias, registaram nestas europeias a maior queda, de 20% para 11,9%.

O FDP manteve a mesma grandeza, descendo segundo esta sondagem menos de um ponto percentual, apesar de ter como cabeça de lista uma candidata com grande peso político e presença mediática, Marie-Agnes Strack Zimmermann. No entanto, a percentagem que obteve, se transposta para eleições nacionais, significaria que ficava mesmo na linha de entrada no Parlamento, que é de 5% (o que já aconteceu nas legislativas que se seguiram à coligação que formou com Angela Merkel).

A pressão é grande no FDP para considerar sair do Governo, mas a fazer contrapeso para uma decisão neste sentido está o facto de partidos vistos como prejudicando a estabilidade serem muitas vezes penalizados nas urnas.

Na sua estreia eleitoral, o partido Aliança Sahra Wagenknecht conseguiu 6%, e o seu antigo partido Die Linke (A Esquerda) ficou-se pelos 2,6%. O partido de Wagenknecht é descrito como um partido de esquerda em termos de economia mas conservador em temas como imigração ou questões em que a esquerda é mais progressista. E parece ter ido buscar mais eleitores ao liberais e à CDU/CSU, até ao SPD, do que à AfD, como previam comentadores, sublinhava na rede social X (antigo Twitter) o jornalista Tom Nutall, da *Economist*.

Mantiveram eurodeputados o partido satírico Die Partei e o partido da protecção dos animais, por exemplo, com o Volt a passar a dois eurodeputados.

O especialista em análise eleitoral Jörg Schönenborn declarava na emissora pública ARD que nestas eleições houve um alargar do espectro político na Alemanha, com 14 partidos a obter representação no Parlamento Europeu.

Em relação à AfD, o partido foi o mais votado nos estados federados que faziam parte da antiga RDA excepto Berlim. Em três deles vai haver eleições para o governo estadual já em Setembro. E outra tendência que se verificou foi ser um partido popular entre os jovens.

Alemanha

Olaf Sholz deixou-se ultrapassar pela AfD

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

Saiu reforçada

Meloni vence em Itália e pode tornar-se a voz da direita radical na UE

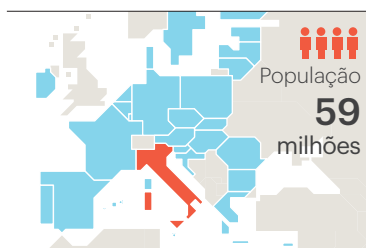
Leonete Botelho

Giorgia Meloni venceu as eleições europeias em Itália, com mais quatro pontos percentuais do que o Partido Democrata, de centro-esquerda, segundo os dados disponíveis à meia-noite naquele que foi o último país a encerrar as mesas de voto na Europa.

Os Irmãos de Itália, partido da primeira-ministra, contavam com 27,7% dos votos, uma ligeira melhoria em relação às eleições gerais de 2022, em que atingiu 26% - a fasquia que Meloni almejava manter neste acto eleitoral -, mas uma subida exponencial face a 2019, quando obtiveram apenas 6,4% dos votos nas europeias. Na rede social X, Meloni salientou a subida do partido: "Os Irmãos de Itália confirmam-se como o principal partido italiano, superando o resultado das últimas eleições políticas", escreveu, junto a uma foto em que fazia o sinal da vitória com a mão.

Na noite eleitoral, Giorgia Meloni - que é também a cabeça de lista do seu partido, embora não possa vir a assumir o lugar - foi a última a chegar à sede do partido de direita radical. Um toque cénico em linha com a aura que adquiriu nas últimas semanas a nível europeu, como uma personagem à margem da extrema-direita europeia, que critica Putin e vê o seu apoio disputado tanto por Ursula von der Leyen como por Marine Le Pen.

Num sinal de que conta com o seu apoio para ser reeleita, a presidente da Comissão Europeia já afirmou que tem trabalhado muito bem com Meloni. Por seu lado, Marine Le Pen, a grande vencedora das eleições europeias em França, sonha com a união - ou pelo menos uma grande coligação - dos dois grupos de direita radical no Parlamento Europeu, o Identidade e Democracia, a que pertence, e os Conservadores e Reformistas Europeus, onde se sentam os Irmãos de Itália.

Meloni governa em Roma com o partido de centro-direita Forza Italia, fundado pelo falecido Silvio Berlusconi, e a Liga, dois partidos que, de acordo com os resultados provisórios, ficaram-se pelos 10,5% no primeiro caso e os oito por cento do partido de Matteo Salvini. Assim, Meloni sai reforçada também no seio do Governo, infligindo uma pesada derrota a Salvini, que foi o grande vencedor das europeias de 2019 e ocupa o cargo de vice-primeiro-ministro.

Itália

> **É digno de nota que a cena política partidária mais estável da Europa é actualmente a italiana, com Meloni, e os seus rivais à volta de Schlein**
>
> **Alexander Clarkson**
> Professor de Ciência Política no King's College

Do lado da oposição, o Partido Democrata, que obtém perto dos 23,7%, alcança um bom resultado para a sua líder Elly Schlein, que assumiu o comando do partido em 2023 e tem tido dificuldades em impor a sua vontade à velha guarda. O PD obteve 19% nas eleições gerais em 2022 e Schlein estava ansiosa por melhorar esse resultado.

"É digno de nota que a cena política partidária mais estável da Europa é actualmente a italiana, com Meloni, e os seus rivais à volta de Schlein, a consolidarem a sua influência a nível interno, bem como no seio das respectivas famílias partidárias em Bruxelas", comentou na rede social X (antigo Twitter) o professor de Ciência Política no King's College (de Londres) Alexander Clarkson.

Já o especialista em populismo Cas Mudde notou ainda que, apesar da grande vitória de Meloni, "a direita radical não ganhou em grande em Itália". Isto porque, explica, "o resultado combinado dos Irmãos de Itália e da Liga é sensivelmente o mesmo em 2024 e 2019".

O outro principal partido da oposição, o Movimento 5 Estrelas, terá ficado com 11%, uma perda de apoio em comparação com os 15% de há dois anos.

GIUSEPPE LAMI/EPA

Giorgia Meloni foi a última a chegar à sede do partido

Empates técnicos, mas vitórias de todos

Opinião

Jorge Botelho Moniz

Empates técnicos, mas vitórias de todos: tudo empatado, mas a política não tem apenas aversão aos vazios, ela também não aguenta empates. Por isso, o PS ganha, porque não há modo de contornar a aritmética, tem mais 40 mil votos e parece ter conseguido mobilizar o voto útil à esquerda. A AD também ganha, fica acima dos 29% que o seu cabeça de lista, ora independente ora da coligação, havia sugerido como número da glória. A AD com este resultado, conjugado com o das outras direitas, confirma a viragem à direita em Portugal e, com o resultado muito mais fraco do Chega, fica mais confortável para a sua governação minoritária.

O Chega perde, perde cerca de 800 mil votos, mas mantém-se como terceira força política do país, elegendo pela primeira vez eurodeputados. Contudo, seja pela aproximação ao PS no Parlamento, seja pelo facto de ter esgotado o voto de protesto nas últimas legislativas, seja por Tânger Corrêa, talvez o Chega tenha chegado a um planalto que não consegue ultrapassar.

A IL ganhou e muito com o efeito Cotrim e obteve uma nova vida, mostrando que vale tanto quanto a própria marca IL e que, se este lastro se mantiver, pode ser útil à AD nesta e noutras legislaturas nacionais. Mais um vencedor? Claro, António Costa! O ex-primeiro ministro apresentou-se como candidato ao Conselho Europeu, tendo o apoio do atual governo português. Palavra de Montenegro.

Abstenção: numa noite de empates, o grande vencedor, voltou a não falhar. Apesar de haver um aumento da participação, comparativamente às últimas europeias, com os valores de participação a aproximarem-se daqueles dos finais da década de 1990 e inícios da década de 2000 em Portugal, o grande entusiasmo com a participação dos portugueses é, no mínimo, condescendente. Após uma participação de quase 60% nas últimas legislativas, os portugueses mostraram que sabem votar. Agora, quer seja pelo desgaste eleitoral (regionais, regionais, legislativas, regionais e europeias), quer seja pela distância de Bruxelas ou pela incapacidade de o próprio Chega ir buscar os abstencionistas mais empedernidos, ficaram em casa. Mas vou parar de ser pessimista. Talvez a abstenção nas europeias seja um elogio. Quem sabe as pessoas não votam porque não querem mudanças, talvez gostem do *status quo* europeu, talvez a passividade possa ser vista como um elogio simbólico.

Vendaval de direita na UE: Já havia escrito. Está a acontecer uma direitização da Europa. Mais, uma direitização da direita europeia. As únicas famílias políticas que crescem foram as de direita: PPE (+15%), ECR (+2%), ID (+8%) e os não-inscritos. O Parlamento Europeu (PE) vira à direita e já se fala de uma nova aliança de direita extrema ou radical no PE - parece altamente improvável porque são grupos altamente heterogéneos e indisciplinados, internamente. Os resultados das eleições europeias,

> **Talvez o Chega tenha chegado a um planalto que não consegue ultrapassar**

em França (Le Pen!) e na Alemanha, desencadearam uma crise política em Paris e o início de um exame de consciência para a coligação de Scholz em Berlim. Os restantes motores da UE - Espanha, Itália, Países Baixos ou Áustria - confirmaram a tendência para a direita e vão ajudar a elevar o PE para as mesmas agendas políticas que já são decididas no Conselho da UE. Mas, no final das contas, Ursula von der Leyen já pegou na calculadora e deu o mote. Percebeu que as forças pró-europeias e democráticas podem continuar a decidir sem recorrer aos extremos. A manutenção do centro europeu (PPE, S&D e Renew), não fica muito abaixo dos 60%, havendo ainda os Verdes com mais de 7%, se necessário. Já foi dito, vai ser construído um bastião contra os extremos de direita e esquerda. Só o futuro dirá.

Director de Estudos Europeus na Universidade Lusófona

Vox é terceira força

PP vence e anuncia "um novo ciclo político", mas PSOE resiste

Leonete Botelho

O Partido Popular (PP), de centro-direita, venceu as eleições europeias em Espanha, conquistando 22 lugares dos 61 atribuídos ao país, mais dez do que alcançara em 2019, e obtém uma vantagem de quatro pontos percentuais sobre o partido do Governo (34,2% contra 30,1%). Mas o PSOE resiste, perdendo apenas um dos 21 lugares em Bruxelas que tinha conquistado em 2019.

"Estamos perante um novo ciclo político", afirmou o líder do PP, Alberto Núñez Feijóo, depois de tomar conhecimento dos resultados que representam, na sua opinião, uma vitória "forte e transparente" do seu partido. "Estes são os melhores resultados de umas eleições europeias desde há 25 anos", disse, no discurso de vitória. Mas, apesar da vitória e do crescimento, este não seria o resultado desejado por Núñes Feijóo, que no início da semana admitira que, "no contexto certo", que passaria por uma grande derrota do PSOE, poderia avançar com uma moção de censura.

O PP fez uma campanha centrada nas acusações de corrupção contra a mulher do primeiro-ministro e na lei de amnistia para os líderes catalães pró-independência, aprovada apenas uma semana antes das eleições. Mas o PSOE segura um resultado digno, com uma lista liderada pela ministra da Energia, Teresa Ribera. No discurso final, Ribera considerou que, face ao contexto da campanha eleitoral, os 30% obtidos são "um magnífico resultado". Sánchez não reagiu até à hora do fecho desta edição.

O terceiro partido mais votado foi o radical Vox, que passa de quatro para seis cadeiras no Parlamento Europeu, mas também é uma vitória amarga, pois não obteve o sucesso que tiveram os seus aliados no resto da Europa. E mesmo a nível interno, em termos de percentagem de votos, o apoio ao Vox desceu para 9,6%, contra 12,4% nas eleições gerais de Julho de 2023. O consolo para o Vox é que conseguiu consolidar-se como a terceira força política, já que em 2019 foi a quinta, atrás do Cidadãos (agora excluído do Parlamento Europeu) e do Podemos, que sofreu um forte revés.

Já o novo partido extremista Acabou a Festa, criado há dois anos por um antigo seguidor do Vox, elegeu três deputados. O partido liderado por Alvise Perez, um influenciador das redes sociais de extrema-direita que concorria contra o que descreve como corrupção universal, conseguiu obter três lugares com uma campanha conduzida maioritariamente através da aplicação de mensagens Telegram.

O PSOE de Sánchez perdeu apenas um lugar face a 2019

Espanha

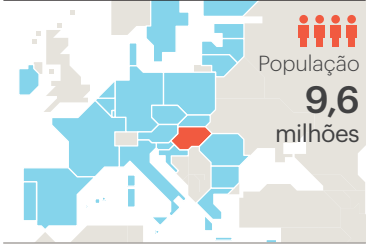
61 deputados

As duas ultracandidaturas somaram quase 2,5 milhões de votos, ou 14,2% do total. A direita combinada ganhou quase 50%, enquanto a esquerda se seguiu com 43%.

O voto dos partidos mais pequenos da esquerda dividiu-se entre o Sumar – o parceiro júnior da coligação governamental –, que conquistou três lugares, e o Podemos, de extrema-esquerda, liderado pela antiga ministra da Igualdade, Irene Montero, que obteve dois lugares.

A coligação independentista Agora República conquistou também três lugares, enquanto o Juntos, de Carles Puigdemont, consegue um lugar (perdendo um face a 2019).

O grande derrotado é o Cidadãos, que fica fora do hemiciclo europeu, quando em 2019 alcançara sete lugares. A sua votação terá sido absorvida pelo PSOE.

Hungria

21 deputados

"Uma desilusão"

Orbán sofre golpe na Hungria

Maria João Guimarães

Na Hungria, a dúvida não era tanto o resultado do Fidesz, do primeiro-ministro iliberal Viktor Orbán, mas sim, sobretudo, a quanta diferença ficaria o seu desafiador Peter Magyar. E, segundo os resultados parciais, Orbán recebeu um golpe: não só a sua percentagem foi menor do que era previsto, com 43,8% dos votos, como Magyar e o seu recém-criado partido terão conseguido 31%, mais do que previam as sondagens.

Orbán não demorou a declarar vitória, mas o resultado não foi visto assim pelos analistas: este deverá ser o seu pior resultado numa eleição nacional ou europeia em quase duas décadas, diz a agência Reuters.

"Esta é uma desilusão para Orbán", comentou na rede social X o cientista político András Tóth-Czifra. "O Fidesz gastou muita energia e dinheiro a mostrar a sua força. Este não é um resultado de preguiça. Esta é a actual força do Fidesz."

Magyar entrou na política depois do afastamento da sua ex-mulher, Judit Varga, do poder, após um perdão concedido quando era ministra da Justiça a um homem condenado por ter ajudado um pedófilo. Varga deveria ser a cabeça de lista do Fidesz.

O político recém chegado tinha actividade em empresas ligadas ao Governo, que cessou, dedicando-se a denunciar a corrupção no regime do Fidesz. Sendo uma pessoa do sistema, é o maior desafio a Orbán, que não o pode apresentar como alguém da oposição. Numa grande manifestação em Budapeste na véspera das eleições, Magyar declarou que quer construir um país onde não há direita nem esquerda – apenas húngaros".

O seu partido Tisza (que significa "respeito e liberdade") foi fundado há poucos meses atirando ao alvo Orbán, com o objectivo definido de acabar com o seu reinado no país, que dura há 14 anos.

PiS com pior resultado em dez anos

Tusk com vitória clara na Polónia: "A democracia triunfa aqui"

Maria João Guimarães

O primeiro-ministro da Polónia, Donald Tusk, conseguiu o primeiro lugar nas europeias no país. As sondagens à boca das urnas davam uma vitória expressiva ao líder da Coligação Cívica (cujo principal partido é a Plataforma Cívica), que fez da guerra na Ucrânia o principal tema de campanha.

Tusk terá obtido 38,2% dos votos, segundo esta projecção, contra 33,9% do Partido Lei e Justiça (PiS), que ocupou antes o Governo levando a cabo uma degradação das instituições democráticas. É um forte sinal para o chefe do Governo que tomou posse em final de Dezembro do ano passado, e que está a desfazer as medidas que prejudicaram o Estado de direito levadas a cabo pelo seu antecessor, o que levou já a Comissão Europeia a encerrar, há cerca de um mês, o processo no âmbito do Estado de direito no país.

Nestas eleições, "mostrámos que as nossas escolhas, os nossos esforços, têm uma dimensão muito maior do que apenas as nossas questões nacionais... mostrámos que somos um farol de esperança para a Europa", disse Tusk aos apoiantes após o anúncio das sondagens.

"Os partidos no poder na Alemanha não têm razões para estar contentes e em França têm razões para uma tristeza dramática", disse Tusk, acrescentando: "Entre os grandes países, a Polónia mostrou que a democracia triunfa aqui."

Esta é uma derrota considerável para o PiS, que desde 2014 não falhava um primeiro lugar em eleições nacionais (nas legislativas, o partido ficou à frente, mas o conjunto da oposição deu a chefia do Governo a Tusk). A participação foi de apenas 28%, comparado com 33% nas europeias de 2019, com mais pessoas a votar nas cidades do que nas zonas rurais, um indicador inicial melhor para o partido de Tusk.

O partido nacionalista Confederação terá obtido 11,9% – um resultado bastante alto para este partido que está ainda mais à direita do PiS. Um deputado do partido ficou tristemente conhecido por ter apagado, com um extintor, as velas de um candelabro aceso para comemorar o feriado judaico da Hanukká no Parlamento polaco – e irá sentar-se agora no Parlamento Europeu.

O partido ficou em primeiro lugar no grupo etário entre os 18 e os 29, numa tendência de voto jovem na extrema-direita e direita radical populista que aconteceu também noutros países. Seguiram-se os parceiros de coligação de Tusk Terceira Via, de centro-direita, que terá conseguido 8,2%, e a Esquerda, com 6,6%. Os resultados oficiais só serão publicados hoje.

Polónia

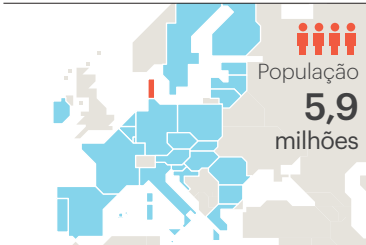
53 deputados

KACPER PEMPEL/REUTERS

Donald Tusk falou aos apoiantes

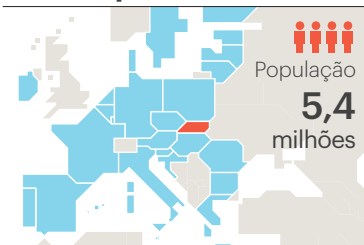
Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

Os resultados em dez países

Dinamarca

15 deputados

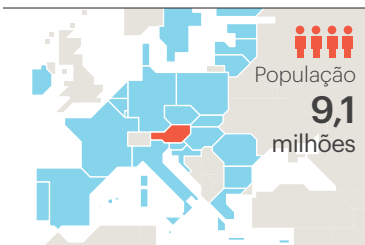
primeira-ministra na Dinamarca

Na Dinamarca, a Esquerda Verde (SF) venceu as eleições ao Partido Social Democrata da primeira-ministra Mette Frederiksen, alvo de um ataque nos últimos dias da campanha. Pela primeira na história, o SF conseguiu três mandatos, e alcançou mais de 17% dos votos. "O resultado eleitoral é muito melhor do que muitas pessoas da esquerda previam. E em termos de percentagem, é na verdade, superior ao que apontavam as sondagens", escreve o jornal *Politiken*. Mette Frederiksen lamentou a derrota nas redes soiciais.

Eslováquia

15 deputados

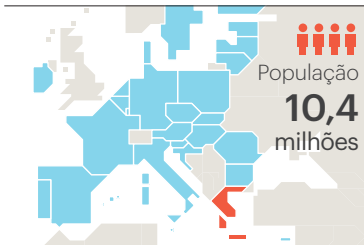
Partido de Fico perde eleições na Eslováquia

Segundo os resultados conhecidos à meia-noite, o vencedor das eleições é a Eslováquia Progressista, uma das principais forças da oposição, com 27,81% dos votos. O Smer, do primeiro-ministro populista Robert Fico, alvo de um brutal ataque durante a campanha, obteve 24,76% dos votos, seguido do partido direita radical Republika, com 12,53%, do partido minoritário no poder Hlas, com 7,18%, e do Movimento Democrata Cristão (KDH), na oposição, com 7,14%.
Os outros partidos não atingiram o limiar dos 5%, não conseguindo eleger qualquer deputado.

Áustria

20 deputados

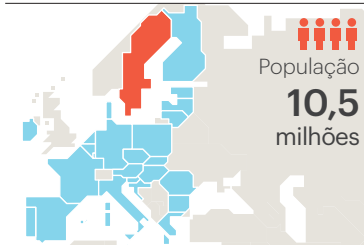
Vitória da extrema-direita na Áustria

O Partido da Liberdade (FPÖ), de direita radical, ganhou as eleições para Parlamento Europeu na Áustria pela primeira vez com mais de 25%, elegendo seis eurodeputados, seguido do Partido Popular, conservador, do chanceler Karl Nehammer, com 24%, e do Partido Social-Democrata, com 23%.
Esta votação é, de certa forma, um ensaio para as eleições parlamentares do final do ano, em que as sondagens mostram que o FPÖ tem uma vantagem ainda maior. O partido tem extremado cada vez mais as suas posições e são conhecidas as posições pró-russas e as suspeitas de colaboração com Putin.

Grécia

21 deputados

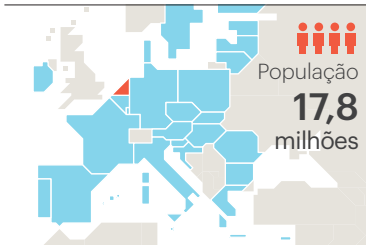
Abstenção recorde na Grécia com crescimento da direita radical

O partido conservado Nova Democracia, do primeiro-ministro Kyriakos Mitsotakis, venceu as eleições com 28% dos votos, deixando em segundo lugar o principal partido da oposição, o Syriza, e os socialistas do PASOK em terceiro. Os partidos da direita-radical e da extrema-direita aumentaram também a sua percentagem de votos apesar de um deles, o Spartans, ter sido impedido pelos tribunais de concorrer a estas eleições. A Solução Grega consegue obter quase 10% dos votos, o ultra-religioso Niki pouco mais de 4% e a Voz da Razão 3%.

Suécia

21 deputados

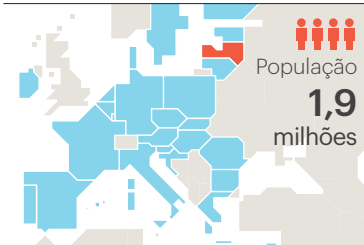
Queda da direita radical na Suécia

Os sociais-democratas venceram as eleições na Suécia, com 25% dos votos, ficando à frente dos conservadores do Partido Moderado do primeiro-ministro Ulf Kristersson, que registaram pouco mais de 17% da votação. Os analistas destacam, sobretudo, o resultado negativo do partido radical de direita na Suécia, os Democratas Suecos (DS), que nas legislativas de Setembro de 2022 se tinham destacado com um segundo lugar e que agora se ficam pelo quarto lugar, atrás dos Verdes, com 13,4% dos votos. O DS tinha mesmo sido projectado como possível vencedor em algumas das últimas sondagens.

Países Baixos

31 deputados

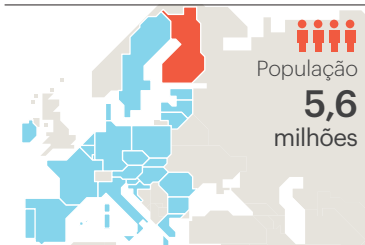
Aliança verde-laboral vence partido de Wilders nos Países Baixos

A coligação que reúne o GroenLinks, da esquerda ecologista, e o Partido Trabalhista, de centro-esquerda, venceu as eleições com 21,1% dos votos, deixando para trás o PVV, de Geert Wilders, vencedor das legislativas de Outubro de 2023, com 17% dos votos. "É uma óptima notícia", disse Bas Eickhout, eurodeputado holandês e candidato dos Verdes à presidência da Comissão Europeia, à estação pública holandesa NOS, manifestando o seu desapontamento pelas derrotas dos Verdes em todo o continente.

Letónia

9 deputados

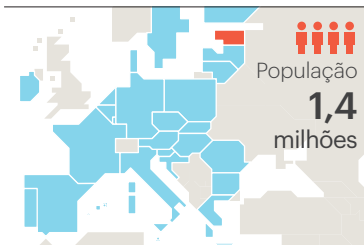
Centro-direita derrota partido nacionalista na Letónia

O partido de centro-direita Nova Unidade, do comissário letão Valdis Dombrovskis, ganhou as eleições no país báltico, com 25% dos votos, ficando à frente dos nacionalistas de direita radical Aliança Nacional, que conseguiu mais de 22%. Com estes resultados, ambos os partidos mantêm os seus dois lugares que alcançaram em 2019. Os outros cinco lugares estão distribuídos por outros tantos partidos. O político pró-russo Nils Ušakovs mantém o seu lugar, o que significa que pode continuar a gozar da imunidade de que necessita para evitar os vários processos judiciais pendentes.

Finlândia

15 deputados

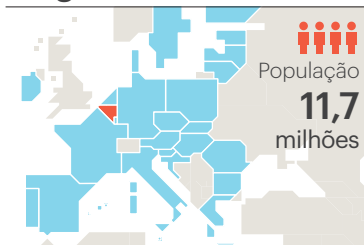
Não há onda de direita na Finlândia

Os resultados na Finlândia contrastam com a tendência europeia de crescimento dos partidos de direita radical. O Partido da Coligação Nacional, do primeiro-ministro Petteri Orpo, europeísta e de centro-direita, conseguiu mais de 24% dos votos, seguindo-se a Aliança de Esquerda, que fica com cerca de 17% dos votos. O Partido dos Finlandeses, nacionalista, anti-imigração e eurocéptico, consegue menos de 8% dos votos, elegendo apenas um eurodeputado.

Estónia

7 deputados

Conservadores da Estónia vencem primeiro-ministro

O partido de centro-direita estónio Isamaa, liderado pelo antigo ministro dos Negócios Estrangeiros Urmas Reinsalu e actualmente na oposição, venceu as eleições, conquistando dois dos sete lugares da Estónia no Parlamento Europeu, com mais de 21% dos votos. O Partido Social Democrata, que ficou em segundo lugar nas eleições, também obteve dois lugares. Por seu lado, o Partido Reformista da primeira-ministra Kaja Kallas foi prejudicado e, desta vez, obteve apenas um lugar, em comparação com os dois lugares que obteve há cinco anos.

Bélgica

22 deputados

Resultados nacionais sem reflexo nas europeias na Bélgica

O partido flamengo de extrema-direita Vlaams Belang ganhou nas eleições nacionais e regionais da Bélgica. Mas, com 97,5% dos votos contados, parece que isso não se vai traduzir em mais lugares no Parlamento Europeu, diz o *Politico*. Três dos 22 lugares da Bélgica no PE continuam nas mãos do Vlaams Belang; outros três vão para a Nova Aliança Flamenga, que se junta aos Conservadores e Reformistas Europeus. O partido liberal do primeiro-ministro cessante, Alexander De Croo, perdeu um lugar, e os liberais francófonos do MR ganharam um.
Por Ivo Neto

Espaço público

Europeias: ainda não é o fim

Editorial

David Pontes

É verdade que a extrema-direita continua a subir, mas não é menos verdade que o centro mostrou capacidade para aguentar

"Ainda não é o fim nem o princípio do mundo/ calma é apenas um pouco tarde." Na frase do poeta Manuel António Pina ecoa o resultado das europeias. E ela é, felizmente, verdadeira tanto para Portugal como para a Europa no seu conjunto.

O fim de uma Europa humanista, solidária e cumpridora dos desígnios daqueles que a fundaram como um espaço de paz e de respeito pela democracia e pelos Direitos Humanos está ainda longe ou, pelo menos, esta Europa ganhou mais cinco anos de validade.

É verdade que a extrema-direita continua a subir, mas não é menos verdade que o centro mostrou capacidade para aguentar e que o destino da União Europeia continuará a ser determinado pelas forças reunidas no Partido Popular Europeu e no grupo da Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas. Em Portugal, os sociais-democratas e os socialistas continuam, em conjunto, a ter muito mais lugares que as restantes forças partidárias e, mesmo que a direita radical populista tenha conseguido, pela primeira vez, eleger eurodeputados, eles continuam a ser uma minoria, ruidosa, é certo, mas claramente uma minoria.

Para os democratas, a melhor notícia da noite foi mesmo a quebra estrondosa do Chega em comparação com as eleições legislativas. Uma diminuição para a qual terá contribuído certamente a subida da Iniciativa Liberal, o grande vencedor da noite, que com um excelente cabeça de lista mostrou que, com inteligência, o combate à subida das forças radicais de direita se pode, e deve, fazer prioritariamente à direita.

Sem uma substancial diferença nos resultados do PS e do PSD, a grande derrota foi da estratégia do Governo de anunciar sofregamente, nas últimas semanas, uma série de medidas simpáticas para os portugueses, que mostraram mais maturidade democrática que alguns dos seus governantes. Exige-se menos *power points* e mais governação.

O país que sai das europeias continua empatado, mas desta vez a vitória foi para Pedro Nuno Santos, que obteve um resultado importante, que reforça a sua liderança à frente dos socialistas, mas que também não chega para embandeirar em arco. Exige-se mais visão estratégica e menos arroubos entusiásticos.

Uma nota final para o sucesso, preparado pelo anterior executivo, dos mecanismos de votação, que terão contribuído significativamente para a redução da abstenção. O país moderno mostrou-se, em absoluto contraste com o arcaísmo da Comissão Nacional de Eleições, que, ontem, não resistiu a confirmar que ainda vive no século passado.

CARTAS AO DIRECTOR

E que tal se fôssemos sinceros?

É-nos dito que, ao fornecer armamento à Ucrânia, estamos a defender a democracia contra quem a ameaça, a Rússia, que já cometeu barbaridades amplamente relatadas. Não sei se é legítimo comparar os horrores que vimos em Bucha e Mariupol com os de Rafah. Naqueles, os agredidos tiveram o respaldo do Ocidente, traduzido em fornecimento do que há de melhor na indústria da guerra. Já os palestinianos, ainda que não possuindo apenas as pedras da Intifada, de pouco mais dispõem do que do apoio moral das democracias ocidentais, que é bom de sentir, mas não mata a fome nem ganha guerras.

A geopolítica, por definição, é hipócrita. Refugia-se em explicações dirigidas à indolente aceitação popular, mas enreda-se nos próprios argumentos, ora justificando ora condenando os mesmíssimos factos. Seria bom que a coerência imperasse na comunicação "oficial" que nos chega, sem se esconderem as verdadeiras causas que se defendem. No caso, as democracias "liberais", mas também os interesses económicos nelas instalados, como os da indústria armamentista, sobre a qual Eisenhower, premonitoriamente, expôs as suas enormes reservas. E ele sabia do que falava, como agora, parece-me, está bem à vista de quem quer ver.

José A. Rodrigues, Vila Nova de Gaia

Provas do século XXI

À boleia do artigo de Andreia Sanches no PÚBLICO de 08-06-2024, "Exames do século XX", gostava que se acrescentasse uma reflexão sobre as provas de aferição para alunos de sete anos de idade, estas do século XXI. Concordo que deva haver exames nacionais para níveis de escolaridade avançados com um peso adequado na avaliação final, mas com muito maior destaque e relevância para a avaliação formativa e contínua. Contudo, as imaturas crianças do 2.º ano, em muitos casos, ainda não têm consolidadas as suas competências de leitura, escrita e cálculo. Submetê-las a provas uniformes e formais a nível nacional é uma atrocidade que se agrava pela controvérsia dos seus propósitos e resultados. A estrutura e a metodologia com que são elaboradas são de excelente qualidade. Mas a complexidade da linguagem dos enunciados e a extensão das provas não são compatíveis com o seu público-alvo. O seu cancelamento seria uma atitude sensata.

José M. Carvalho, Chaves

Comentadores independentes?

O aparecimento de Sebastião Bugalho como candidato da AD ao Parlamento Europeu confirmou que, por uma questão de transparência, das TV e restantes órgãos de comunicação social, devem ser catalogados os seus comentadores como membros, apoiantes ou simpatizantes de determinado partido ou área política. No anterior governo PS, Pedro Adão e Silva também deixou o seu estatuto de comentador para assumir o cargo de ministro da Cultura. No actual Governo AD, a sua secretária de Estado da Defesa Nacional, Ana Isabel Xavier, também era comentadora da RTP em questões internacionais. (...)

Alguns comentadores estarão sobejamente identificados pelos cargos partidários, governamentais e outros que assumiram. Mas, mesmo para esses, é útil a indicação da área política da sua simpatia ou em que se situam, considerando que os telespectadores, ouvintes e leitores não estão todos ao mesmo nível de recepção da informação/comentário, seja pela idade ou pela formação e interesse no acompanhamento da situação política.

Normalmente, ao estatuto de comentador ou politólogo, é associada a característica de independência para tentar reforçar a credibilidade. Mas de comentadores independentes está o inferno cheio...

Ernesto Silva, Vila Nova de Gaia

Saúde pública

Quem telefonar para a Saúde 24, à noite, após o atendimento, recebe um SMS com instruções. Instruções que informam que, caso não seja contactado pelo seu centro de saúde no dia seguinte até às 12h, deverá dirigir-se lá. Chegados lá, percebemos que o centro de saúde, no meu caso o Centro de Saúde Barão de Nova Sintra, no Porto, não telefona. Não segue o protocolo da SNS24, diz a funcionária do atendimento. Para ser atendida, tem de vir cá às 8h da manhã. Mas pode vir e não ter vaga para o dia.

Telefono de novo para a Saúde 24. Explico a situação. Face à perplexidade, o enfermeiro diz-me que o centro de saúde irá escrever uma carta a reencaminhar a minha consulta para o dia seguinte para o SASU (Serviço de Atendimento Complementar).

O Centro de Saúde Barão de Nova Sintra diz que não escreve carta nenhuma. Que não têm esse protocolo.

Rosário Forjaz, Porto

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles cartasdirector@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Um boletim de voto tem mais força que um tiro de espingarda
Abraham Lincoln (1809-1865), estadista norte-americano

O NÚMERO

6

candidatos às eleições presidenciais no Irão, que se disputam a 28 de Junho depois da morte, em Maio, do Presidente Ebrahim Raisi num acidente

Os ouvintes de queixas

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Cada vez mais dou comigo a fantasiar que os três aplicativos no meu telemóvel são o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, e que basta a almofadinha do meu indicador para indicar para qual dessas três moradas vou enviar os meus interlocutores.

Na minha fantasia, a remetência é permanente: quem vá para o céu, no céu terá de ficar, por muito mal que depois se porte.

Esta bondade é um sacrifício, para poder mandar certas pessoas permanentemente para o inferno, por muito que procurem redimir-se quando já for tarde.

No endereçamento directo para o Inferno, poucos há que passem à frente do indivíduo que, ao chegar tarde a um almoço combinado há que séculos, se ponha imediatamente a queixar-se, sobrepondo-se à conversa que interrompeu, com uma longa lista de queixas, com o trânsito à cabeça, só para amolecer.

"A verdade é que a minha vida é uma merda", disse este atrasado, vendo que estávamos todos pouco comovidos.

É o erro de quem gosta de se queixar: parte sempre do princípio de que as pessoas gostam de ouvir queixas. Mas este princípio é insultuoso, como se não bastasse já o sofrimento de escutar queixumes em bica.

Quem é que gosta de ouvir queixas, a começar pelas pessoas que são pagas para fazer isso?

Para se gostar de ouvir queixas, seria preciso ser-se sádico ou masoquista. Há quem só goste de ouvir queixas que são piores do que as próprias, porque assim pensa que não está tão mal como poderia estar.

Quando as queixas são melhores do que as próprias, indigna-se e diz: "Isso não é nada! Sorte tens tu!"*

Mas também a pessoa que está sempre a queixar-se ouve-se e deprime-se. Parte-se do princípio de que as pessoas passam o tempo a fazer o que gostam. Gostam de se queixar? Façam bom proveito.

Nós é que não temos de as ouvir.

* O clássico deste comparativismo é o *sketch* de 1967 onde quatro ex-mineiros de Yorkshire se vão excedendo nos relatos miseráveis das respectivas infâncias. Está em oslinksdomec.com. A versão Monty Python também é boa.

ZOOM FAIXA DE GAZA

DOAA ROUQA/REUTERS

Um pai beija o pé do seu filho ferido no Hospital dos Mártires de Al-Aqsa, em Deir al-Balah, após mais um ataque do exército israelita na região central da Faixa de Gaza

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho, Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Maio **18.733 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Sem imigrantes, a AIMA funcionará melhor

Rui Pena Pires

1. Num episódio da extraordinária série política de humor Yes, Prime Minister, apresentava-se a solução ideal para um bom hospital: edifício novo, as últimas tecnologias médicas, um corpo de profissionais de saúde alargado e... nenhum doente. Os doentes eram o problema, argumentava-se, sem doentes o hospital funcionaria na perfeição. Muitas décadas depois, e na vida real, o paradigma de Yes, Prime Minister organizou a reforma governamental da política de imigração.

2. Claro que, em *Yes, Prime Minister*, os doentes não desapareciam, apenas deixavam de perturbar o funcionamento dos serviços públicos. Como no caso presente: os imigrantes indocumentados não vão desaparecer, já que nenhuma política foi apresentada para o efeito, mas deixarão de perturbar o funcionamento da AIMA. Devia ser isso que nos pretendia explicar António Vitorino: a transição do SEF para a AIMA correu mal porque não foi acompanhada por uma política que tirasse os imigrantes do caminho da agência. Como os doentes do hospital, na série britânica. E como aconteceu agora com os imigrantes, na nova política de imigração.

3. Continuará a haver imigração em Portugal porque há necessidades de mão-de-obra que não têm resposta interna, no contexto de uma demografia recessiva e de uma emigração estrutural. E continuará a haver muita imigração irregular em Portugal porque os imigrantes não encontram mecanismos legais eficazes para responder à procura do seu trabalho. A persistente irregularidade na imigração é provocada pela continuada prática restritiva de concessão de vistos, independentemente do ciclo económico, e não só por falta de meios dos consulados. E é viabilizada pela sobrevivência de amplos setores de informalidade no nosso mercado de trabalho. Isto permite que alguém entre legalmente em Portugal, por exemplo com o estatuto de turista, e se fixe e trabalhe no país sem a documentação que o autoriza. Documentar a imigração e regular e fiscalizar melhor o mercado de trabalho são, pois, os desafios principais que se colocam hoje às políticas públicas de imigração. Com uma intervenção minimalista na rede consular, e esquecendo a regulação do mercado de trabalho, a nova medida do Governo, de extinção do instrumento da "manifestação de interesse", manterá elevada, ou irá mesmo ampliar, a imigração irregular.

4. Porque nunca é possível extinguir completamente a imigração irregular, colocou-se na lei uma norma supletiva que permitia legalizar quem, tendo-se fixado irregularmente, trabalhou e descontou para a Segurança Social durante pelo menos um ano. Mas porque não se mudou a política de vistos nem se reforçou e atualizou a rede consular, o que deveria ser uma norma supletiva tornou-se regra. Quando passaram a fixar-se em Portugal mais de 50 mil imigrantes, mas só menos de 3000 conseguiam ter visto de trabalho, a irregularidade tornou-se norma e a documentação exceção. Não porque havia as "manifestações de interesse" (a norma que permitia a regularização), mas porque a política de vistos estava completamente desfasada da realidade. Note-se que entradas da ordem das 60 mil por ano não representam um descontrolo absurdo da imigração, apenas o mínimo necessário para compensar os valores atuais da emigração, mas não ainda as necessidades decorrentes da recessão demográfica.

A retoma da norma que permite a regularização será mesmo necessária (...). O que é preciso é que seja supletiva e não regra

5. Ou seja, o que havia de prioritário para mudar não era a lei de estrangeiros, mas a política de vistos e a atribuição de recursos a essa política. Sem essa alteração, a mudança agora feita na lei apenas vai produzir irregularidade mais prolongada. Estamos simplesmente a trocar irregularidade temporária por irregularidade de longa duração. Claro que a pressão sobre a AIMA vai reduzir-se, mas apenas porque se eliminou boa parte do serviço que esta prestava, não porque se reduziu a imigração irregular. Admite-se que, com a acumulação de pendências ocorrida no tempo do SEF, podia ser necessária uma suspensão temporária das regularizações para possibilitar uma rápida recuperação dessas pendências. Ao mesmo tempo, seria necessário intervir nos domínios da política de vistos e da regulação do mercado de trabalho para que, assim que fosse levantada a suspensão, não se repetisse a pressão de hoje sobre a AIMA. Como terá percebido o Presidente da República, a retoma da norma que permite a regularização será mesmo necessária, pois não há sistemas migratórios perfeitos. O que é preciso é que ela seja supletiva e não regra.

6. Um hospital sem doentes não tem pressão, mas não cura a doença à sua volta. Uma AIMA sem regularizações vai funcionar muito melhor, mas não resolverá a continuação, ou mesmo ampliação, da irregularidade migratória. Que deveria ser um dos seus objetivos mais importantes.

Sociólogo

Imigração: um copo menos cheio

Carlos Blanco de Morais

Foi apresentado o Plano do Governo para as migrações. Porventura para adocicar junto do Presidente, do PS e dos comentadores, pontificaram nos discursos as expressões *acolhimento e humanismo*, ainda assim sem o efeito de esconjurarem as etiquetas de xenofobia que a imprensa cola a quem critique o descontrolo migratório.

Os socialistas não se impressionaram. Foi confrangedor ouvir Eduardo Cabrita na SIC, o pior ministro da Administração Interna de que há memória, a falar *ex cathedra* sobre a reforma e lançando sobre Ana Catarina Mendes as culpas do fracasso do seu "modelo-maravilha". Pior só mesmo a própria Ana Catarina a defender um sistema que: entope tribunais em Lisboa, com 100 intimações de pedidos de residência por dia; que congestiona os serviços jurídicos do Governo; que faz acampar multidões de migrantes à porta da AIMA; que atira pessoas sem abrigo para debaixo de arcadas; e que fez germinar empresas fictícias, transformadas em valhacoutos de imigração ilegal. Satisfeita com um modelo sem unidade de ação administrativa e que é um atentado à inteligência, diz que se deve dar tempo ao tempo para a AIMA funcionar.

Ultrapassando a benevolência do Governo para com o maior fracasso socialista, interessa examinar as medidas tomadas. Cingir-nos-emos às de ordem pública e de controlo de fluxos, já que as medidas de ordem social, sendo importantes, não são prioritárias para lidar com uma crise aguda. Destaquemos cinco medidas.

i) Extinção do procedimento de promessa de contrato de trabalho. Os arts. 88.º e 89.º da Lei de Estrangeiros permitiam autorização de residência a quem quisesse trabalhar em Portugal, acoplando uma simples promessa de contrato de trabalho ou constituição de empresa. Foram a via verde apelativa para o maior passadouro de uma imigração desordenada dominada em parte por redes criminosas. A sua revogação por decreto-lei é constitucional, pois a "imigração" não é um direito fundamental e, como tal, não integra a reserva parlamentar.

ii) Reorganização dos consulados extraeuropeus. É partir destes que o Estado deve criar um crivo de acesso a território nacional, escrutinando os requisitos de admissão e concedendo ou negando vistos, importando inverter a perceção de facilitismo e até de atos de corrupção operados por redes junto de funcionários.

iii) Criação da estrutura de missão para pendências. Com cerca de 400.000 candidatos, a regularização (que outros quereriam solucionar com uma legalização em massa), a criação de uma estrutura com poderes superiores de direção e controlo de todo o processo e com reforço de meios constitui um expediente de urgência e necessidade face à herança recebida.

iv) Implantação do sistema biométrico do controlo de cidadãos de países terceiros. Trata-se de uma imposição do sistema Schengen que o anterior executivo não concretizou, criando o risco de Portugal poder vir a ser dele suspenso, estando o Governo a recuperar um atraso.

v) Coordenação e especialização das polícias e garantia funcional do retorno de ilegais. É fundamental a adoção de estruturas que coordenem as forças de segurança e reforcem serviços especializados na PSP, de modo a: **a)** detetar as empresas fictícias que encobrem lavagem de dinheiro e de redes de tráfico; **b)** identificar entidades de solicitadoria, de advocacia de "vão de escada" e de ONG, comprometidas com atividades migratórias ilícitas; **c)** providenciar com ou sem apoio do *Frontex* o retorno dos ilegais expulsos aos seus Estados de origem, missão falhada do Governo anterior e da própria polícia.

Poder-se-ia falar em outras medidas. Seria o caso da substituição da AIMA e estruturas satélites por um departamento integrado de fronteiras quando acabar a Estrutura de Missão. Seria a compatibilização com o direito europeu do visto CPLP (que tem um processo por incumprimento), sob pena de o mesmo não ser reconhecido. Seria ajustar a imigração com as necessidades do mercado de trabalho; e seria discriminar positivamente comunidades, como a brasileira, que na opinião dos portugueses se integrem melhor na sociedade.

Um primeiro passo foi dado.

Professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Sobre a condição da vítima

Gabriela Rocha

É curioso, embora não tanto, que quando há denúncias sobre violências sistêmicas, cujos alvos são figuras conhecidas e de reputação aparentemente ilibada, a comoção pela defesa delas seja por vezes mais veemente do que aquela pelo reconhecimento de que a violência possa ter existido e dos estragos produzidos às suas vítimas.

Isso acontece em casos exemplares de denúncias de racismo, violência de gênero, transfobia, entre outras formas de violência, onde muitas vezes os comportamentos dessas figuras foram de alguma maneira normalizados ao longo dos anos, ou permaneceram ocultos, em virtude da posição de poder que ocupavam. Parece que a denúncia em si e suas possíveis repercussões têm um potencial tão devastador que merecem toda a atenção, sem deixar que se reflita sobre a devastação que já foi provocada às vítimas e que uma denúncia, um processo judicial, uma condenação ou o "cancelamento" do agressor não vão ser capazes de reparar.

Isso porque a condição da vítima, particularmente nesses casos a que me refiro mas não só, é tudo menos confortável. Nada está assegurado a ela ao denunciar. Pelo contrário, na maior parte das vezes, as possibilidades de perdas materiais, de impactos psicológicos e na reputação e de "retraumatização" são muito grandes e quase sempre vão incidir ao longo de todo o processo, independentemente da situação em que a denunciante se encontra. A denúncia não torna as denunciantes imediatamente seguras e felizes; ela não diverte, não alivia, ela não cura.

Da mesma forma, reconhecer-se vítima não é uma atividade aprazível e corriqueira – como alguns detratores querem fazer parecer - pois é um processo também traumático, carregado de culpa, de descrença, de vergonha, de sentimento de impotência, inconformismo com o passado e ansiedade pelo futuro. A vítima é cercada por questões como: por que deixei? Como não percebi antes? Por que não falei nada? Por que não me preveni? Vou ganhar alguma coisa se falar? Alguém vai acreditar em mim? Como vou provar? Como eu vou sair depois desse processo? Portanto, quando a denúncia vem a público e quanto maior a sua gravidade, pode-se ter certeza, ela já foi ruminada, refletida, elaborada e reelaborada uma centena de vezes. Ela provavelmente quase não aconteceu, como muitas jamais acontecem. Denunciar é mais ou menos embarcar em uma jornada repleta de perigos e armadilhas, na tentativa de sobreviver, mas com a convicção de que a denúncia era

SÉRGIO AZENHA

necessária, porque não há nada pior do que o tenebroso lodo do silenciamento e do não reconhecimento. É libertador, sim, mas igualmente assustador.

Vim a descobrir tudo isso ao integrar o "Coletivo de vítimas de assédio moral, sexual, abuso de poder e extrativismo intelectual no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra", formado no ano passado, no intuito de reunir pessoas, algumas que nem sequer se conheciam, mas tinham em comum o fato de desejarem denunciar abusos perpetrados no mesmo local, contra abusadores também comuns. O coletivo foi fundamental para possibilitar a formalização das denúncias que se seguiram, pois permitiu que um relato se complementasse ao outro e tivéssemos um panorama amplo da violência institucional que cada uma conheceu parcialmente em sua experiência particular. Além disso, ele se tornou um espaço onde tentamos colocar em prática as coisas radicais que o feminismo prega. Diálogo, escuta, cuidado, reconhecimento. Tudo aquilo que a denúncia, tratada em uma dimensão puramente individual, seria incapaz de proporcionar.

Temos bastante consciência de que o feminismo não é homogêneo e não pretende pregar a santidade de quem quer que seja. As diferenças, por vezes sutis, por vezes mais profundas, entre as vertentes feministas são resultado tanto da complexidade das opressões quanto da multiplicidade de um movimento que se reinventa continuamente, porque é preciso.

Outro ponto que surpreendentemente precisa ser destacado é de que este coletivo em particular não exclui feministas ditas radicais, nem sequer quem não se reconheça como feminista, mas atua em conformidade com os preceitos de um Estado de direito, tendo apresentado provas materiais de todas as denúncias que formalizou, além de respeitar o devido processo e o direito ao contraditório dos acusados. Quem quiser acreditar ou desacreditar o conteúdo delas é livre para isso, mas também responsável pela opinião que emite. Quem não quiser "tomar partido", em respeito à presunção de inocência, pode exercer livremente o seu direito ao silêncio.

Algo diferente é a polemização da condição das vítimas, como parece ser a intenção do professor Elísio Estanque, em seu artigo de opinião recentemente publicado neste jornal. O professor não aponta explicitamente a quem dirige as suas críticas sobre um suposto *feminismo dogmático*, mas, pelas circunstâncias do momento e por se tratar de um investigador e professor da mesma instituição, somos levadas a associar esse contexto aos argumentos que o autor apresenta e, assim, dialogar com estes.

Ele define o dogmatismo como a convicção de um feminismo que prescinde da apuração dos fatos, pois faz das mulheres necessariamente vítimas vulneráveis e dos homens que elas denunciam, necessariamente, predadores. Argumenta ainda que em situações "cinzentas" comuns no ambiente acadêmico, onde a violência em causa não é tão explícita e conta com a cumplicidade silenciosa de ambas as partes e de trocas de benefícios, não se pode facilmente atribuir culpas e responsabilidades. Conclui que há uma certa vantagem em ser "o elo mais fraco" nas relações hierárquicas, pois é ele quem conta com os benefícios de ser objeto de tutela de figuras mais poderosas, de quem posteriormente se afirma vítima.

Há uma certa resistência, por parte de alguns integrantes do Centro de Estudos Sociais, em encarar problemas que sempre estiveram à vista de todos

Há realmente uma grande complexidade no desvelamento de violências sistêmicas, sobretudo quando envolvem aparatos institucionais. Não por outra razão, denúncias contra abusos de poder, assédio moral - e também o sexual, por não contarem com testemunhas, na grande maioria dos casos - levam por vezes muito tempo para virem à tona e comumente jamais são concretizadas. A disparidade hierárquica, a proteção institucional dos membros mais fortes, o medo de retaliação, a convicção de que nenhuma acusação terá sucesso, a precariedade acentuada por fatores como identidade racial, étnica e origem geográfica são apenas algumas circunstâncias que dificultam o reconhecimento das violências, o autorreconhecimento da situação de vítima e a conjunção de condições favoráveis para que uma denúncia tenha o sucesso de ser ao menos apurada (tudo isso é extensivamente abordado nas cartas públicas divulgadas pelo coletivo). Enfim, o que é deliberadamente silenciado no texto do professor é justamente a realidade complexa e desafiadora do funcionamento de instituições acadêmicas como o Centro de Estudos Sociais, que ele conhece tão bem, mas que, talvez por sua posição de privilégio, prefira negligenciar.

Há uma certa resistência, por parte de alguns integrantes do CES, em encarar problemas que sempre estiveram à vista de todos, embora cada um seja também condicionado por sua posição, perspectiva e parcela de responsabilidades. Há um medo, que paira, de que tudo será perdido. O caminho mais fácil é culpar as malfadadas vítimas, como se elas fossem responsáveis pelo caos que as denúncias geraram.

É preciso muito mais coragem do que isso. A coragem de uma das vítimas do coletivo a que pertenço, uma das investigadoras mais brilhantes que conheci, e que admitiu ter desistido da vida acadêmica após uma década de traumas e abusos contínuos sofridos por ela. A condição de vítima, ou sobrevivente, revela esse misto de força e vulnerabilidade. Não somos frágeis, indefesas, tampouco temos todas as respostas e ferramentas para transformar estruturalmente as situações que denunciamos. Precisamos de debates honestos, abertura para escuta, disposição para a mudança. De todos, não apenas das vítimas.

Doutora em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Jogo *online* rendeu ao Estado mais de 86 milhões de euros no primeiro trimestre

Dados do Serviço de Regulação e Inspecção de Jogos revelam que a actividade de jogos e apostas *online* gerou mais de 260 milhões em receita bruta só no primeiro trimestre deste ano

Sónia Trigueirão

A actividade de jogos e apostas *online* não pára de crescer e dar milhões ao Estado. Os últimos dados publicados pelo Serviço de Regulação e Inspecção de Jogos (SRIJ) revelam que esta actividade gerou 260,9 milhões de euros em receita bruta nos primeiros três meses de 2024, um aumento de 32,9% face ao trimestre homólogo, e permitiu que o Estado arrecadasse em impostos 86,2 milhões, mais 36,6% do que no mesmo período do ano passado. O último relatório do SRIJ indica que, do total da receita bruta, 38,6% são de apostas desportivas à cota e 61,4% dos jogos de fortuna ou azar.

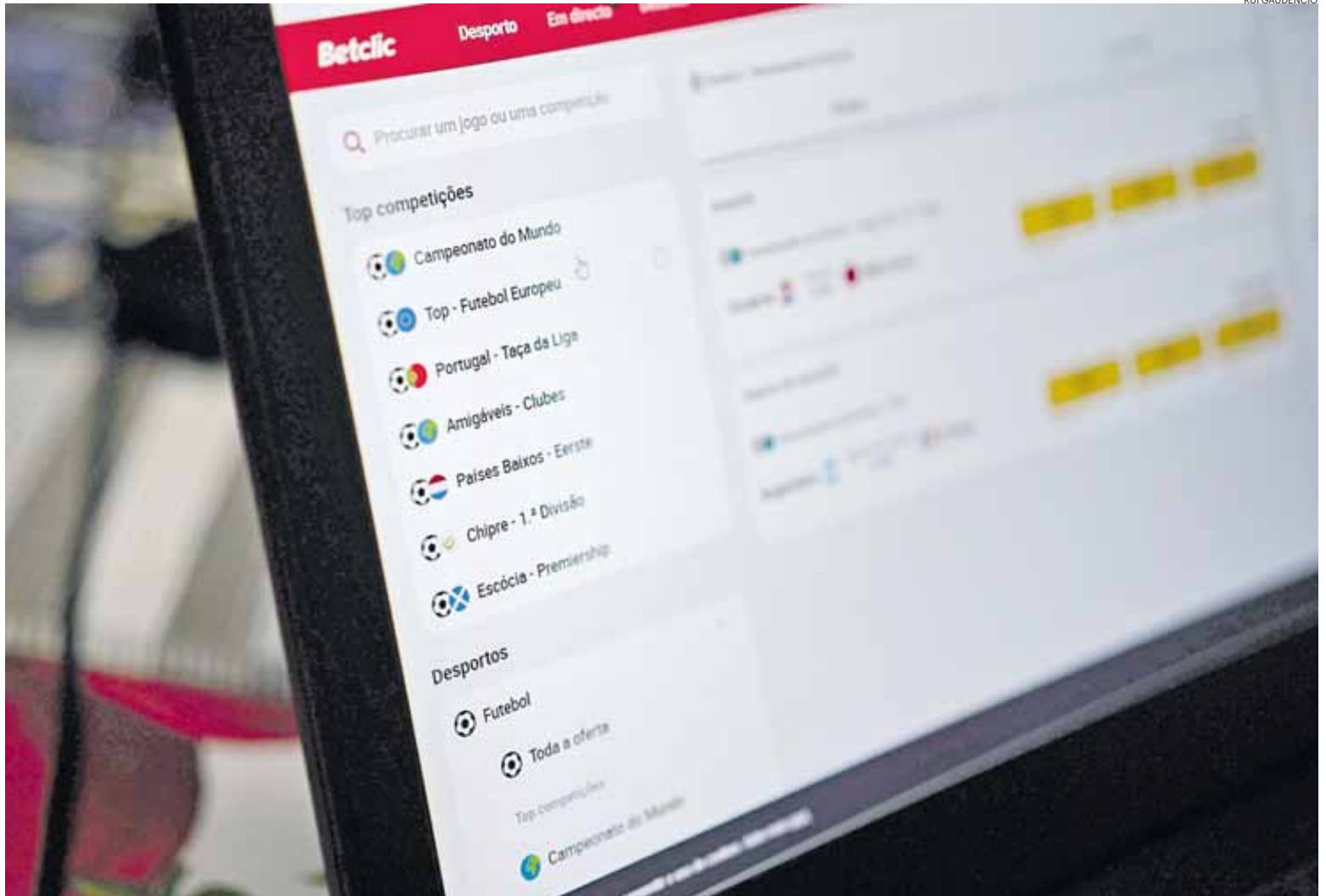
Numa análise feita à actividade por categoria de jogos e apostas *online*, o SRIJ revela que, a 31 de Março, as 17 entidades autorizadas a exercer a actividade em Portugal eram detentoras de 30 licenças (13 licenças para exploração de apostas desportivas à cota e 17 licenças para exploração de jogos de fortuna ou azar).

O volume de jogo em apostas desportivas à cota foi de 574 milhões de euros, registando-se um aumento de 132,6 milhões (mais 30%) relativamente ao primeiro trimestre de 2023 e o valor das apostas em jogos de fortuna ou azar foi de 4352,3 milhões de euros, valor superior em 1377,1 milhões (mais 46,3%) face ao mesmo período do ano passado.

O futebol foi a modalidade desportiva em que se verificou o maior volume de apostas, representando 72,4% do total de apostas desportivas. O basquetebol e o ténis corresponderam, no seu conjunto, a 23,7% do total de apostas desportivas no trimestre em análise (9,6% e 14,1%, respectivamente).

Ao nível das competições desportivas, a I Liga portuguesa representou 14,3% do volume de apostas efectuadas na modalidade de futebol, seguida das competições La Liga (Espanha), Premier League (Inglaterra) e Série A (Itália), que representaram 8,2%, 7,6% e 6,7% respectivamente.

No ténis, os torneios Open da Austrália, Open de Miami e Open de Indian Wells foram as competições com maior volume de apostas (14,1%, 10,7% e 7,9%, respectivamente). Na modalidade de basquetebol, a competição norte-americana NBA foi a que registou maior volume de apostas, representando 58,9% do total de apostas nesta modalidade.

RUI GAUDÊNCIO

Nas apostas desportivas à cota, o futebol representa quase três quartos do total do volume de apostas

Já as apostas em jogos de máquinas representaram 82,2% do total de apostas em jogos de fortuna ou azar *online*. Por seu lado, as apostas em roleta francesa representaram 6,6% do total de apostas, seguidas das apostas em *blackjack/21* (com 5%), das apostas em banca francesa (com 4,1%) e das apostas em jogos de póquer – “não bancado” e em “modo de torneio” (no seu conjunto, 2%).

O mesmo relatório da inspecção de jogos revela que, no conjunto das 17 entidades exploradoras, o número de registos de jogadores, durante os primeiros três meses de 2024, situou-se nos 4,29 milhões, valor superior em 4,3% face ao último trimestre de 2023, em resultado de 304,1 mil novos registos e do cancelamento de 126,8 mil registos de jogadores.

São agora 236 mil os jogadores com pedidos activos de exclusão da prática de jogos e apostas *online*

Os registos de jogadores com idades compreendidas entre os 25 e 34 anos representavam, em 31 de Março de 2024, 34,7% do total, sendo 79,5% a proporção dos jogadores registados com idade inferior a 45 anos.

Relativamente ao registo de novos jogadores, apurou-se que 80,3% tinham idade inferior a 45 anos, destacando-se o registo de jogadores com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, que representaram 31,4% do total de novos registos.

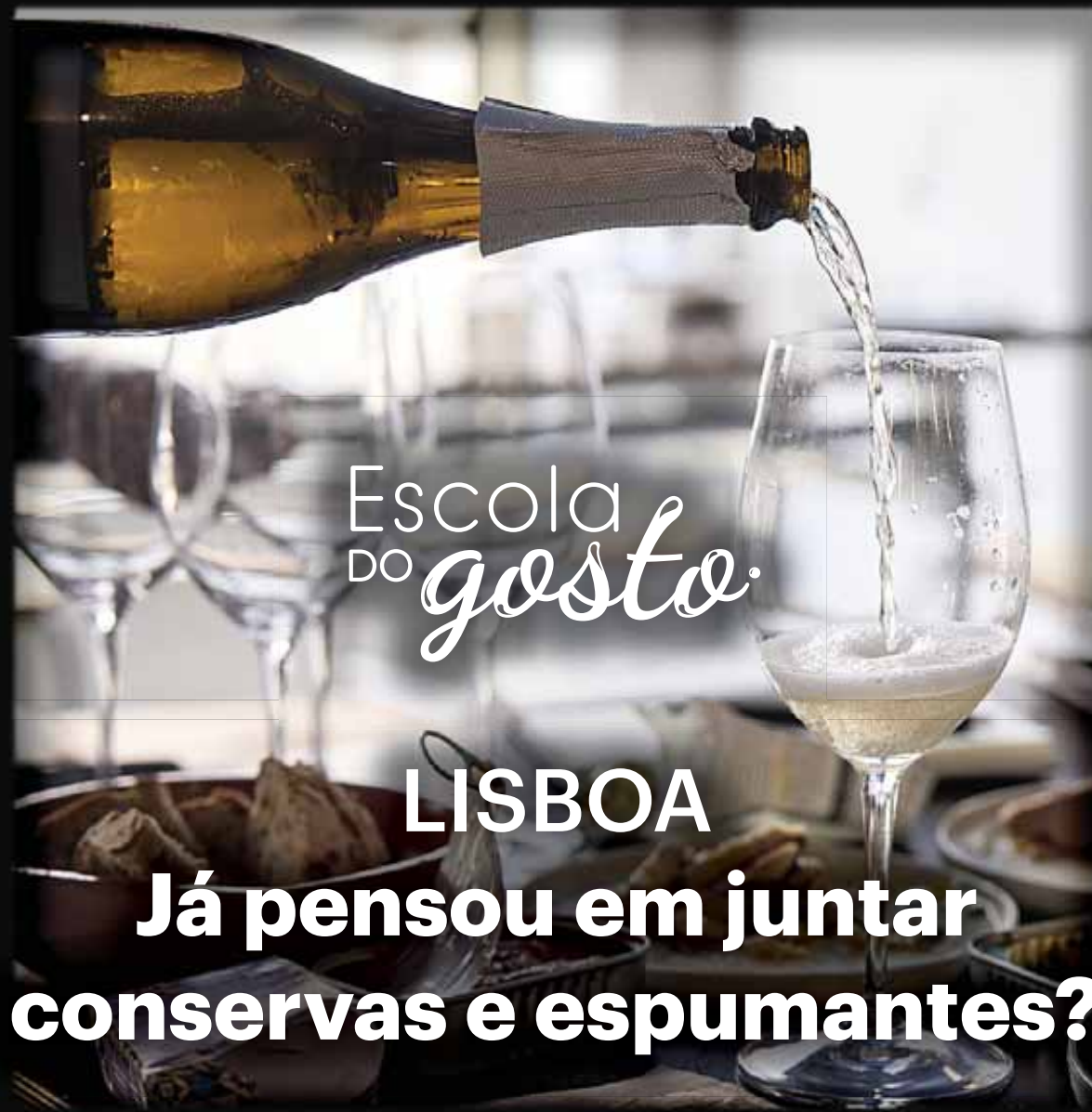
Os distritos de Porto e Lisboa foram os que apresentaram o maior número de registos de jogadores (21,1% e 20,9% do total, respectivamente). Seguiram-se os distritos de Braga, Setúbal e Aveiro, que no seu conjunto totalizaram 24,8% do total de registos de jogadores. Cerca de 0,2% dos jogadores registados residiam fora de Portugal.

Auto-excluídos aumentam

Os registos de jogadores com nacionalidade portuguesa representavam, no primeiro trimestre deste ano, 95,3% do total. No que respeita a outras nacionalidades, o documento de análise do SRIJ indica que a nacionalidade brasileira representa 51,7% do total de jogadores com nacionalidade estrangeira. Já cabo-verdianos, nepaleses e angolanos representavam, no seu conjunto, cerca de 21,8%.

Em 31 de Março de 2024, no conjunto das entidades exploradoras, encontravam-se auto-excluídos da prática de jogos e apostas *online* 236,2 mil registos de jogadores, mais 21,2 mil do que no final do último trimestre de 2023 (representando um aumento de 9,9%).

Desde a entrada em vigor do Regime Jurídico dos Jogos e Apostas Online (RJO), a 29 de Junho de 2015, e até 31 de Março de 2024, foram enviadas 1245 notificações a operadores ilegais de jogo *online* para encerrarem a sua actividade em Portugal (50 durante o primeiro trimestre de 2024), e procedeu-se à notificação dos prestadores intermediários de serviços em rede para o bloqueio de 1924 *sites* de operadores ilegais (143 no trimestre em análise).

No total, foram efectuadas 30 participações junto do Ministério Público para efeitos de instauração dos correspondentes processos-crime (dois durante o primeiro trimestre deste ano).

SÁBADO, 22 DE JUNHO - 10H - CHEFS AGENCY STUDIO, BELÉM - LISBOA

As conservas adoram espumantes, descubra como numa aula intimista com o chefe Leopoldo Calhau, Francisco Antunes e Edgardo Pacheco

Experiência única de prova e aprendizagem

DESCONTOS ESPECIAIS PARA ASSINANTES. AULAS DISPONÍVEIS EM **PUBLICO.PT/AULAS/ESCOLA-DO-GOSTO**

COM O APOIO DE:

Kongjian Yu quer transformar as cidades em esponjas contra cheias e secas

Cidades devem absorver e libertar água para enfrentar alterações climáticas, defende arquitecto paisagista. Planos de drenagem como o de Lisboa vão falhar a longo prazo, diz

Camilo Soldado Texto
Tiago Bernardo Lopes Fotografia

"Vocês não têm árvores suficientes. Têm de plantar mais árvores e, ao fazê-lo, tornam o solo mais permeável", observa o arquitecto paisagista Kongjian Yu, sobre as ruas do Porto, acabado de aterrar na cidade pela primeira vez.

O plantio de árvores é apenas um dos múltiplos passos que o arquitecto chinês propõe para que uma cidade possa encaixar-se no conceito que tem vindo a desenvolver e a implementar em várias metrópoles do seu país.

No fundo, "cidade-esponja" é uma metáfora que serve para descrever áreas urbanas que sejam capazes de absorver água durante temporadas mais chuvosas e de a libertar durante épocas secas.

"É uma cidade resiliente à água", simplifica Yu, em entrevista ao PÚBLICO, nos jardins do Palácio de Cristal, onde esteve, em Maio, para participar num congresso organizado pela Associação Nacional de Coberturas Verdes (ANCV).

O conceito que formulou com base na sua experiência enquanto filho de agricultores numa zona de monção da China, mas também enquanto estudante de Harvard, implica repensar a forma com construímos e gerimos o ciclo urbano da água.

Mesmo na área ajardinada onde se sentou a conversar com o PÚBLICO, observa, há pavimentos cimentados e sistemas de canalização enterrados para drenar a água. "Vivemos com uma aversão à água, estamos habituados a drená-la ao máximo e o mais rapidamente possível. A cidade-esponja é o completo oposto", observa.

Essa "revolução na forma como pensamos" significa seguir três princípios: reter a água quando cai, ter solos permeáveis e que permitam a recarga de aquíferos; quando em movimento, é preciso abrandar a água, criar curvas, pontos de amortecimento, introduzir vegetação; adaptarmo-nos à água e evitar as soluções de betão.

O tamanho dos canos

Na base do problema, defende, está a construção da cidade moderna, com recurso a infra-estrutura "cinzenta" (sistemas construídos para gerir e transportar água e saneamento), que começou na Europa, foi adoptada pelos norte-americanos e depois replicada um pouco por todo o globo.

"Era uma solução fiável e dependente do cálculo de volumes de precipitação", analisa. Ou seja, para escoar determinado volume de água, construíam-se túneis ou canalização de um dado diâmetro. "É completamente racional. Mas, quando se aplica um sistema a um clima que não é europeu, mediterrânico, falha-se totalmente." E foi isso que aconteceu na China, que tem parte do território afectado por clima de monções, mas também na Índia, na China, em Singapura, na Malásia ou Indonésia, exemplifica.

Começa também a falhar na Europa, por causa das alterações climáticas. "Vocês vão investir mais a tentar corrigir este sistema que falha? Podem duplicar o investimento, mas será sempre um montante gigantesco e irá falhar outra vez", diz.

Quando a pergunta é sobre o plano de drenagem de Lisboa, que implica um investimento de 250 milhões de euros e, entre outros pontos, a abertura de dois grandes túneis, o arquitecto paisagista ri-se abertamente.

"Esse é o modelo *business as usual*. Não vai resolver o problema", diz. Além do gigante esforço financeiro, as grandes infra-estruturas – sejam túneis, diques ou outras soluções – são construídas em betão, material que tem um determinado tempo útil até que o desgaste provoque os seus danos. Depois disso, precisa de manutenção, o que implica novo e generoso investimento.

Acresce que os episódios de cheia são cada vez mais extremos e, mesmo que os sistemas estejam dimensionados para volumes que consideramos hoje históricos, é uma questão de tempo até que estes sejam superados. "Do ponto de vista económico, não é sustentável. É absurdo. A longo prazo, é estúpido pensar que a tecnologia vai resolver o problema", entende.

Reter a água na sua "esponja" significa que se pode fazer uso dela durante o outro extremo, nos períodos de seca, ajudando também a arrefecer a cidade em ondas de calor. "Se tiveres água, tens tudo. Se te livrares da água, terás problemas durante os períodos de seca. É uma oportunidade perdida", nota.

Menos asfalto, menos carros

Em Março, numa entrevista ao *The New York Times*, Kongjian Yu disse que, se a superfície permeável de uma cidade ou espaços verdes ocuparem 20% a 40% da sua área, em teoria, pode-se resolver o problema das inundações urbanas.

Isso coloca problemas de espaço e, em centros urbanos consolidados, como é o caso da maioria das cidades europeias, esse é um dos recursos mais escassos. Mesmo olhando para a Europa, o arquitecto paisagista mantém a estimativa.

"Comparando com Tóquio e Hong Kong, vocês têm muito espaço", responde. O contrário acontece com os níveis de precipitação, que são mais elevados a oriente. É tudo uma questão de desenho urbano, defende.

"Têm de se adaptar, de usar sistemas para manter a água, empregar medidas de pequena escala em todo o lado, tanto quanto possível, desde coberturas verdes nos telhados, aos pátios, aos quintais", defende.

No espaço público, as oportunidades são outras, mas implicam tomar decisões. O Porto, tal como Lisboa e várias das cidades que concentram grande parte da população portuguesa, tem rios a correr no seu subsolo, engolidos que foram pelo processo de urbanização.

TIAGO BERNARDO LOPES

MIGUEL MADEIRA

Kongjian Yu: não é com betão, como fará Lisboa, que se torna uma cidade resiliente à água

Trazer algumas linhas de água à superfície ajudaria a tornar a cidade mais permeável. Os muitos lugares de estacionamento que viu na cidade, refere, também poderiam ser permeáveis. O único sacrifício é abandonar algum conforto do uso do carro", aponta. E, mesmo mantendo alguma utilização para automóveis, não seria necessário cobrir tudo com asfalto. "Precisamos é de um plano ao nível da cidade e, no caso do Porto, acredito que isso poderia ser facilmente resolvido", exemplifica.

Mas, para que esta "mudança holística na forma de pensar" a cidade aconteça, é preciso que os responsáveis políticos também sejam convencidos. Foi por aí que Kongjian Yu começou.

Boom das cidades e cheias

O momento crítico foi quando regressou à China, em 1997, depois do doutoramento na Universidade de Harvard. "Era o tempo do *boom* das cidades chinesas", que se expandiam a grande velocidade, seguindo o modelo norte-americano de construção de betão em altura. "A prática era encanar rios, impermeabilizar zonas húmidas e destruir florestas ao longo dos rios. Percebi imediatamente que isso viria a dar problemas mais tarde", recorda.

"Cidade-esponja" é uma metáfora para descrever áreas urbanas que sejam capazes de absorver água durante temporadas mais chuvosas e de a libertar durante épocas secas

Para essa rápida avaliação contribuíram os 17 anos vividos com os pais, ambos agricultores, numa pequena aldeia não muito longe de Xangai, na região das monções, caracterizada por um Verão chuvoso e um Inverno seco.

Apesar das condições, quem ali vive, num lugar rodeado por sete lagos, descreve, conseguiu adaptar-se ao longo dos séculos. "Como? Retemos a água na montanha, na encosta, nas quintas, na aldeia."

A ideia de tratar a água como um tesouro, ajudando assim a criar vegetação, atrair aves e biodiversidade, acompanhou-o durante a infância e ficou-lhe no subconsciente. Mais tarde observaria que, mesmo a arquitectura vernacular da região – com pátios ao centro que armazenavam a água recolhida pelos telhados – seguia esse princípio.

Estudou primeiro em Pequim, onde hoje dá aulas, depois nos Estados Unidos, e, como o próprio descreve, combinou a educação de um agricultor com a formação em ecologia, planeamento regional e urbano e ciência moderna.

Quando regressou à China, sentiu que tinha de avisar os responsáveis políticos. Na viragem do milénio, escreveu centenas de cartas aos líderes chineses, do governo central aos autarcas, a avisar que tinham de restaurar os rios e as zonas húmidas, conta. Escreveu um livro, cuja versão integral está agora a ser traduzida para inglês, e também o distribuiu.

Foi insistindo, espalhando a mensagem, até que, em 2012, a capital do país sofreu umas cheias que mataram 79 pessoas. "De repente, Xi Jinping apercebeu-se de que teria de fazer algo", diz.

Na sequência de várias decisões governamentais, no ano seguinte o país embarcou num programa experimental que envolvia 15 cidades com problemas de cheias. O financiamento ia para intervenções de pequena escala que pudessem ajudar a comprovar a sua eficácia. O programa foi crescendo, explica Yu, e já há mais de 70 cidades em processos experimentais.

Um dos casos de sucesso, aponta, é Sanya, na ilha de Hainan, cuja intervenção foi desenhada pela sua Turenscape, hoje uma das maiores empresas de arquitectura paisagista do mundo, onde trabalham mais de 600 pessoas

Foi ali, numa cidade insular particularmente atingida por inundações urbanas causadas pelas monções, o primeiro projecto experimental. Kongjian Yu desenhou um parque com uma zona húmida, mesmo numa área central da cidade, com cerca de 10 hectares.

Noutro ponto, por causa da subida do nível das águas, onde havia um muro de betão, instalaram um mangal (ecossistema costeiro arborizado e caracterizado por estar sujeito ao ritmo das marés).

A intervenção começou em 2015 e terminou em 2016. "O mangal criou uma linha costeira resiliente, abrandou a água e reduziu a força da natureza. Além disso, ficou bonito. Os dois projectos têm 10 anos e, até agora, reduzimos o problema", afirma.

Soluções rio acima

A "cidade-esponja" valeu a Kongjian Yu atenção global e pode estar para a gestão da água como o urbanista Carlos Moreno está para a proximidade, com a sua "cidade dos 15 minutos". São duas ideias populares que podem ajudar a resolver problemas dos grandes centros urbanos. Nos dois casos há exemplos práticos de aplicação dos princípios que defendem, mas também não lhes faltam críticos.

O custo é um dos temas frequentemente apontados quando se discute o conceito, mas o arquitecto paisagista garante que, no caso de Sanya, gastou-se um quarto do que aconteceria num "parque normal". O investimento em pavimento é "mínimo", diz, e a água que é retida alimenta a vegetação no futuro, cortando custos de manutenção. "Um verdadeiro projecto de cidade-esponja deve ser barato, com soluções com base na natureza e baixos requisitos de manutenção", descreve.

Outro dos pontos fracos apontados à "cidade-esponja" é a possível falência do conceito quando há cheias ribeirinhas, cujo problema nasce a montante. Aqui, o arquitecto fala num problema de planeamento regional, como foi o caso recente do Brasil. Entre Abril e Maio, no estado do Rio Grande do Sul, chuvas fortes e prolongadas provocaram inundações e mais de 170 mortos.

"O problema é que cortámos as florestas a montante, esses terrenos são agora trabalhados por agricultura mecanizada, com monoculturas, sem lagos, sem sítios onde armazenar água, sem zonas húmidas", analisa. "Temos de pensar ao nível da bacia hidrográfica, de tentar resolver os problemas a montante, de trabalhar com os afluentes e de criar um sistema-esponja", comenta.

E isso terá alguma eficácia em casos de volumes recorde de precipitação? Kongjian Yu acredita que sim, criando redes de lagos, de poços, de intervenção na paisagem. "É uma questão de um bom desenho", garante. E o bom desenho não pode passar pelas mesmas construções em betão que só adiam o problema, considera. "Estamos dispostos a continuar a investir, nunca resolvendo, ou vamos introduzir soluções de base natural?" Para o arquitecto paisagista, não há alternativa.

Apelos para cessar-fogo após “massacre” em libertação de reféns

Operação militar de Israel no centro de Gaza fez pelo menos 274 mortos e mais de 600 feridos entre a população palestiniana

Ivo Neto

As imagens do encontro dos quatro reféns israelitas com familiares no sábado contrastam com os números da tragédia no centro da Faixa de Gaza, que crescem com o passar das horas. O alto representante para a Política Externa e de Segurança da União Europeia, Josep Borrell, diz que o que aconteceu no centro de Gaza foi um “massacre”, enquanto as Nações Unidas sublinham que o campo de refugiados de Nuseirat (onde decorreu a operação militar) é a prova de que os “civis continuam a sofrer em Gaza”.

Ao mesmo tempo que em Israel se celebrava o encontro dos reféns com as suas famílias, as imagens de Nuseirat, acompanhadas pelo crescente número de mortos, apontam para mais um dia trágico no enclave palestiniano. O Ministério da Saúde de Gaza actualizou, ontem, para 274 o número de mortos e mais de 600 feridos, muitos deles mulheres e crianças, na sequência do ataque israelita ao campo de refugiados de Nuseirat. Espera-se que o número continue a aumentar, disse Medhat Abbas, um dos directores do ministério ao jornal *The Washington Post*. “Há casos críticos e um colapso na infra-estrutura médica”, disse o responsável.

Ainda no sábado, Josep Borrell tinha alertado para as consequências da operação militar desencadeada pelas Forças de Defesa de Israel no centro da Faixa de Gaza. “As notícias

RAMADAN ABED/REUTERS

Entre as mais de 200 vítimas mortais da intervenção militar das Forças de Defesa de Israel estão mulheres e crianças

Hamas diz que operação das IDF no sábado fez três mortos entre reféns que ainda estão em Gaza. Israel não confirma números

de Gaza sobre mais um massacre de civis são aterradoras. Condenamo-lo com toda a veemência", afirmou Borrell no X. "O banho de sangue tem de acabar imediatamente", reforçou.

Através da mesma plataforma, Martin Griffiths, subsecretário-geral das Nações Unidas para os Assuntos Humanitários e coordenador da Ajuda de Emergência, disse que "o campo de refugiados de Nuseirat continua a ser o epicentro do trauma sísmico que os civis de Gaza continuam a sofrer". "Ao vermos os corpos no chão, percebemos que em Gaza não há qualquer lugar seguro", acrescentou.

Por seu lado, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Estado hebraico, Israel Katz, usou a plataforma X para apontar aos críticos. "O mundo admirou a coragem, a determinação e a capacidade da operação de Israel para libertar os reféns", disse ontem. "Apenas os inimigos de Israel se queixaram das baixas dos terroristas do Hamas e dos seus cúmplices, acusando Israel de crimes de guerra", acrescentou depois.

Da parte dos EUA, o conselheiro de segurança nacional, Jake Sullivan, disse que "pessoas inocentes foram tragicamente mortas nesta operação. Não sabemos o número exacto, mas foram mortas pessoas inocentes", lamentou o norte-americano no programa Face the Nation, no canal CBS, onde insistiu na necessidade de um cessar-fogo: "De longe, a maneira mais eficaz, certa e correcta de libertar todos os reféns é conseguir um cessar-fogo abrangente sobre os reféns, tal como o Presidente Biden apresentou em público."

O porta-voz militar israelita, Daniel Hagari, confirmou no sábado que dezenas de palestinianos tinham sido mortos. O responsável israelita avançou com um total de "menos de 100 mortes", sem conseguir garantir quantos eram civis, disse numa conferência de imprensa, pouco depois do anúncio da libertação de quatro reféns, levados para Gaza no ataque de 7 de Outubro, quando estavam no festival Nova de música electrónica, no deserto do Negev. A operação de salvamento foi a maior operação israelita desta guerra e permitiu o resgate de Noa Argamani, 26 anos, Almog Meir Jan, 21 anos, Andrey Kozlov, 27 anos, e Shlomi Ziv, 40 anos.

Mudança de estratégia

Segundo escreve o diário Haaretz, o gabinete de relações públicas do Hamas disse ontem que os soldados israelitas que participaram na operação de resgate de reféns entraram no campo de refugiados de Nuseirat com veículos civis, camuflados, fazendo-se passar por refugiados e palestinianos deslocados. De acordo com o gabinete, durante a operação, foram danificados 89 apartamentos e casas habitadas.

O grupo islamista, que no sábado tinha dito que o raide israelita havia feito mortos entre reféns – uma informação que não foi confirmada por Israel –, disse, também ontem, em declarações à agência Reuters, que o total de vítimas mortais entre os reféns foi de três. Num vídeo publicado nas redes sociais, consultado pelo diário britânico *The Guardian*, o Hamas diz que entre as vítimas mortais estará um refém com nacionalidade norte-americana.

Ao início do dia, o porta-voz do Hamas, Abu Obaida, também voltou a afirmar que tinham sido mortos reféns durante a operação, sem fornecer qualquer prova para essa informação, advertindo ainda que as condições iriam piorar para os restantes prisioneiros após o ataque. "A operação representará um grande perigo para os prisioneiros e terá um impacto negativo nas suas condições", escreveu o porta-voz Abu Obaida no Telegram, segundo a AFP.

Benny Gantz demite-se do governo

Netanyahu mais dependente de radicais

O ministro do Gabinete de Guerra de Israel, Benny Gantz, anunciou ontem a sua demissão numa conferência de imprensa. "Netanyahu está a impedir-nos de avançar para uma verdadeira vitória", afirmou. "Por esta razão, deixamos o governo de emergência, com o coração pesado, mas de todo o coração." Gantz apelou a Netanyahu para que marcasse uma data para as eleições, acrescentando: "Não deixes que a nossa nação se desfaça." Em Maio, Benny Gantz exigiu que o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, se comprometesse com uma visão consensual para o conflito de Gaza que inclua a estipulação de quem poderá governar o território após a guerra com o Hamas.

Gantz tinha feito ainda exigências sobre mais cinco pontos: o regresso dos reféns; o derrube do Hamas e a desmilitarização de Gaza; o regresso dos residentes do Norte de Israel às suas casas; o avanço da normalização com a Arábia Saudita; e a adopção de um esquema para o serviço militar ou nacional para todos os cidadãos israelitas.

O ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, disse, entretanto, ao primeiro-ministro Netanyahu que vai a exigir um lugar no Gabinete de Guerra após a demissão de Benny Gantz do governo. Trata-se de um primeiro sinal da maior dependência de que Benjamin Netanyahu vai ficar dos elementos mais radicais do seu governo, perdendo agora uma das figuras mais moderadas, e um elemento importante em questões de diplomacia, nomeadamente nas relações com os EUA. **Ivo Neto**

"O Hamas vai tentar tirar ilações da operação e tomar mais precauções para manter os reféns inacessíveis", disse Avi Kalo, um tenente-coronel israelita na reserva e antigo chefe do departamento de informações militares dedicado aos soldados desaparecidos em combate, ao jornal *The New York Times*.

O especialista admite, por exemplo, a possibilidade de o grupo islamista transferir os reféns que ainda estão em apartamentos civis, como os que albergavam os quatro que foram libertados no sábado, para complexos com condições mais duras em túneis subterrâneos, onde será mais difícil chegar até eles. Ainda assim, Avi Kalo disse ao diário norte-americano que a operação de resgate não representa um ponto de viragem para o Hamas, uma vez que o grupo ainda tem muitos reféns. "Quatro a menos não é algo que mude radicalmente a realidade", acrescentou.

Israel prossegue operações

Depois das incursões realizadas no sábado, neste domingo, Israel, segundo escreve a agência Reuters, voltou a realizar ataques aéreos em residências na cidade de Deir Al-Balah e no campo de refugiados de Al-Bureij, matando pelo menos três pessoas em cada uma das localidades, enquanto tanques bombardearam partes do campo de refugiados de Nuseirat e de Al-Maghazi, disseram médicos à agência de notícias britânica.

Os militares israelitas confirmaram num comunicado que as suas forças continuavam as operar no centro da Faixa de Gaza, matando elementos do Hamas e destruindo as infra-estruturas do grupo islamista.

Só a digitalização bateu a eficiência alemã na manutenção de comboios

Ainda antes de os comboios chegarem à oficina, a Siemens diz que já consegue prever e detectar avarias com uma eficácia de 99%, evitando paragens prolongadas para reparação

Ruben Martins, em Dortmund

É uma coisa que não se vê muitas vezes: uma oficina de manutenção de comboios impecavelmente limpa e bem cheirosa. A Siemens apresenta em Dortmund, Alemanha, aquilo a que chamou “oficina digital”. Impressiona pelo tamanho pequeno, mas que só se compreende pela eficiência. O armazém de peças não chega a meio corredor de uma loja sueca de móveis. Se for preciso peças para reparar os comboios, elas chegam em menos de 24 horas ou são fabricadas numa impressora 3D da oficina.

Estamos no pulmão industrial da Alemanha, no triângulo que liga Bona a Dortmund, com vértice em Duisburgo, no estado da Renânia do Norte-Vestfália. Aqui, o objectivo é “melhorar a eficiência” e “reduzir custos”, diz o responsável pela Siemens Mobility, Michael Peter. A empresa diz trabalhar para garantir uma percentagem de 100% de disponibilidade do material circulante para os operadores ferroviários, de forma a evitar supressões e outros imprevistos, como as avarias durante o funcionamento – que causam largos atrasos e condicionam todo o processo em rede do sistema ferroviário.

Para perceber como tudo funciona, é preciso entender que, por esta Europa fora, e ao contrário de Portugal, há comboios com menos de 20 anos já equipados com tecnologia de ponta – em Portugal, o mais próximo disso é a tecnologia do Alfa Pendular – que está a melhorar a experiência do passageiro, mas também a própria manutenção, evitando pausas prolongadas para reparação. Hoje, um comboio convencional de serviço urbano produz por mês cerca de três *gigabytes* (GB) de informação. Já um comboio de alta velocidade chega aos 30 GB de informação. Tudo isto são dados que servem para melhorar a eficiência da operação e prevenir avarias. Os dados recolhidos pelos vários sensores e sistemas do comboio levam a uma eficácia de 99% no que toca à previsão e detecção de avarias, permitindo uma redução de 30% nas idas à oficina, garante a Siemens.

FOTOS: DR

Na pequena fábrica da Siemens em Dortmund reparam-se largas dezenas de comboios por mês em seis linhas de manutenção

Como na Fórmula 1

Mas como se reparam largas dezenas de comboios por mês com apenas seis linhas de manutenção? A resposta está no agendamento ao detalhe e com a aprendizagem que se faz com base no historial que se tem. Este não é um espaço para manutenção pesada, já que o objectivo é recriar a experiência de “*pit stop*” da Fórmula 1: os comboios chegam – já com tudo o que é necessário para os reparar na oficina –, os trabalhadores são alocados à reparação das falhas de acordo com as suas competências técnicas – o próprio trabalho é distribuído de forma automática por um sistema informatizado sem uso de papel – e o tempo é calculado ao minuto desde que o comboio chegue à oficina, para que tudo corra como o esperado.

O contrato de manutenção entre a região de Rurh e a Siemens – com duração de 32 anos – ajuda. A cada dez dias, os comboios passam por esta oficina para serem lavados numa nave – é, aliás, o único sítio da oficina que não cheira bem –, num processo que leva cerca de 20 minutos. Há outro pequeno pormenor de destaque: a nave tem catenária para levar alimentação eléctrica aos comboios (que não está activa durante a lavagem), facilitando o processo de chegada e partida dos comboios. A ida à oficina é uma oportunidade de ouro para fazer um *scan* digital de todos os componentes e voltar a identificar eventuais defeitos. Qualquer actualização de *software* ou alteração nas configurações já nem obriga a uma visita às oficinas e pode ser feita através da *cloud*.

Dentro de um comboio já com seis anos de uso intensivo, há espaço para a surpresa: “Cheira como novo”, comenta um jornalista inglês. A responsável pela oficina responde: “E não pensem que isto é um comboio de luxo, isto é um simples regional.” É mesmo: é uma das 84 unidades do modelo *Desiro* que opera o serviço regional conhecido por *Rhein Ruhr Express*, no vale do rio Ruhr. Cada unidade completa tem 105 metros de comprimento, mas opera normalmente em unidade dupla, com capacidade para 800 lugares sentados. Velocidade máxima: 160 km/h. É o que basta para um serviço de elevada capacidade e frequência em distâncias não muito longas. Todo o complexo industrial da Siemens em Dortmund foi construído no âmbito desta encomenda – no valor total de 1,7 mil milhões de euros, com manutenção incluída a 32 anos –, tendo começado a operar em Maio de 2018, cerca de três anos depois do concurso. A experiência correu bem e a Siemens vai agora gastar mais 150 milhões de euros para expandir as instalações.

Informação melhorada

A tecnologia não ajuda só na manutenção. A operação ferroviária ganha muito: desde a previsão mais certeira da hora de chegada (com informação transmitida imediatamente a bordo do próprio comboio e nas estações), informação sobre a ocupação de todas as carruagens (que pode ajudar os passageiros nas estações a distribuírem-se melhor), controlo da temperatura, da iluminação e também a informação completa sobre ligações com outros transportes em tempo real.

Mas o que explica que a realidade que nos contam dentro da oficina seja verdadeiramente contrastante com a constante soma de atrasos na rede ferroviária alemã? O CEO da Siemens Mobility, Michael Peter, culpa as “obras na infra-estrutura” e uma “rede sobrecarregada”, onde os atrasos se sucedem. A rede alemã está a ser vítima do seu sucesso, com uma infra-estrutura sobrecarregada que torna mais falível a operação. Ainda assim, a gestão inteligente da infra-estrutura permite aumentar, diz a Siemens, em 2 km/h a velocidade média do comboio e reduzir cerca de 30% da energia consumida – ao evitar as paragens excessivas e adequando a velocidade às condições de circulação –, calculando um novo horário completo a cada dez segundos, algo impossível para um humano.

Apesar do transtorno que é estar num comboio com atraso, informação é tranquilidade para os passageiros – especialmente os que não dominem a língua alemã. Dentro do comboio, para além dos avisos sonoros e nos ecrãs, a automatização e digitalização do sistema ferroviário permite aos operadores enviarem *emails* e mensagens de alerta directamente aos passageiros sobre as ligações seguintes, a linha onde aguarda o comboio para o transbordo e informação sobre o próprio atraso do comboio. É outro mundo comparado com a experiência a bordo de um comboio em Portugal.

Mas há outros projectos em curso que podem ser replicados noutras geografias: para Espanha, por exemplo, a gigante alemã está a trabalhar com a operadora estatal Renfe na optimização da ocupação dos comboios de alta velocidade, com um melhor sistema de reservas que permita maximizar o lucro por lugar. No Egipto, uma megaencomenda quer revolucionar a infra-estrutura do país e o material circulante, replicando a experiência alemã – com dois mil quilómetros de vias de alta velocidade actualmente em construção –, ficando a gigante alemã responsável pela parte eléctrica e tecnológica da rede, fornecimento e manutenção dos comboios.

O PÚBLICO viajou a convite da Siemens Mobility

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. 21 011 10 10/20 Fax 21 011 10 30
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FARO
Juízo Local Cível de Portimão - Juiz 1
Processo: 1453/24.7T8PTM

ANÚNCIO

Acompanhamento de Maior
Requerente: Ministério Público
Beneficiário: Francisco Sales Baltazar Horta Correia
FAZ-SE SABER que foi distribuído neste tribunal, o processo de Acompanhamento de Maior em que é beneficiário Francisco Sales Baltazar Horta Correia, nascido em 20-06-2001, filho de Luís Miguel Brandão Horta Correia e de Maria Margarida Sales Raio Alegre Baltazar Horta Correia, natural de: Silves [Silves], com domicílio: Urbanização Golden Club, Lote 12, 1.º, Mato Serrão, 8500-561 Carvoeiro - Lagoa, com vista a serem definidas medidas de acompanhamento.

N/ Referência: 132237406
Portimão, 09-05-2024

A Juíza de Direito
Dra. Lénia Rodrigues
O Oficial de Justiça
Jorge Manuel Cunha Rodrigues
Público, 10/06/2024

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FARO
Juízo Local Cível de Portimão - Juiz 1
Processo: 1614/24.9T8PTM

ANÚNCIO

Acompanhamento de Maior
Autor: Ministério Público
Requerido: António José dos Reis Lavrador
FAZ-SE SABER que foi distribuído neste tribunal, o processo de Acompanhamento de Maior em que é requerido António José dos Reis Lavrador, filho de João Inácio Lavrador e de Perpétua dos Reis, nascido em 04-06-1944, portador do NIF - 122438833 e do BI - 4700115, com domicílio: Santa Casa da Misericordia de Alvor, Rua de São Pedro, 8500-006 Alvor, com vista a serem definidas medidas de acompanhamento.

N/ Referência: 132443417
Portimão, 24-05-2024

A Juíza de Direito
Dra. Lénia Rodrigues
A Oficial de Justiça
Maria Isabel Furtado Vieira
Público, 10/06/2024

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FARO
Juízo Local Cível de Portimão - Juiz 1
Processo: 1631/24.9T8PTM

ANÚNCIO

Acompanhamento de Maior
Requerente: Ministério Público
Beneficiário: Fernando Carlos Lobato Fortes Rocha
FAZ-SE SABER que foi distribuído neste tribunal, o processo de Acompanhamento de Maior em que é beneficiário: Fernando Carlos Lobato Fortes Rocha, nascido em 30-07-1953, filho de Henrique Vitorino Fortes Rocha e de Hortense Fernandes Alves Lobato Rocha, natural de: Angola; nacional de Portugal, com domicílio: Rua dos Lusíadas, Torre B, N.º 85, 8.º Andar, Edifício Gémeos, 8500-652 Portimão, com vista a serem definidas medidas de acompanhamento.

N/ Referência: 132426144
Portimão, 23-05-2024

A Juíza de Direito
Dra. Lénia Rodrigues
O Oficial de Justiça
Jorge Manuel Cunha Rodrigues
Público, 10/06/2024

COMUNICADO

Beneficiação do Pavimento
Albergaria - Estarreja (A1)

Durante os meses de junho 2024 a fevereiro de 2025

A Brisa Concessão Rodoviária (BCR) informa que irá efetuar obras de beneficiação do pavimento, no Sublanço Albergaria (A1/IP5) - Estarreja, da A1 - Autoestrada do Norte, pelo que irão existir constrangimentos, por meio de implementação de cortes de via e/ou basculamentos de tráfego.

Os trabalhos ocorrerão durante oito meses.

A Brisa agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes decorrentes desta operação, estando certa de que os possíveis incómodos serão largamente compensados pelo nível de qualidade, segurança e conforto que resultam de uma autoestrada melhor adaptada às necessidades de quem a utiliza.

Para informação de trânsito atualizada poderá consultar o site www.brisaconcessao.pt.

MARIA DA CONCEIÇÃO AVELAR DE BRITO CIRNE DE CASTRO

FALECEU

Sua família participa o seu falecimento. O seu funeral será realizado hoje, dia 10 de Junho, às 11h00, saindo da Capela do Centro Paroquial da Figueirinha – Oeiras para o crematório de Cascais, sendo antecedido de missa de corpo presente às 10h30.

Agência Funerária Barata
800 204 222 - servilusa.pt

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.
Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril
Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra
Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão
- Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Uns sublimes Pulp e os velhos amigos The National encerram Primavera turbulento

Banda do irresistível Jarvis Cocker deu um dos concertos do festival, cuja organização, frustrada com a sucessão de cancelamentos, lamenta a falta de “sorte”

Reportagem

Daniel Dias Texto
Tiago Bernardo Lopes Fotografia

Depois de o palco Vodafone, o principal dos palcos secundários do Primavera Sound Porto, ter estado inactivo na sexta-feira, situação que se traduziu no cancelamento de actuações como a do duo francês Justice, pairou no ar a dúvida sobre o que aconteceria no dia seguinte, o último do festival realizado no Parque da Cidade. Mas os problemas técnicos foram resolvidos e foi no palco Vodafone que se realizou um dos concertos mais memoráveis desta 11.ª edição: os ingleses Pulp, gigantes da Britpop reunidos pela segunda vez, protagonizaram no sábado um concerto que foi tão mais do que nostalgia (uma pena não terem permitido a imprensa fotografá-lo) .

Foram canções notáveis a reencontrar velhos conhecidos, mas também a fazer-se ouvir num palco pela primeira vez para uma quantidade não insignificante de admiradores de uma outra geração, que não andavam por cá no período áureo da banda de *Common people*. Canções notáveis que não precisaram de perder tempo a livrar-se de pó acumulado com os anos, porque estão longe de ser cadáveres, por mais que o vocalista Jarvis Cocker, dançante, teatral, genuíno, engraçado e irresistível como sempre, tenha dito que o objectivo desta digressão passa por “devolvê-las à vida”.

Sem perder tempo com o tipo de afirmações ocas que estamos fartos de ouvir em festivais de grande dimensão – não houve o estafado falatório sobre como o público do Primavera foi o melhor de sempre; houve apenas agradecimentos muito simples e honestos às respostas entusiásticas de uma plateia plenamente sintonizada com o objecto da sua admiração –, a banda passeou pelos discos que lhe valeram um lugar cativo na história (sobretudo *Different Class*), revisitando com alegria e descontracção um repertório que não feriu minimamente.

Perfeição pop atingida com *Disco 2000*. Ternura de uma doce *Something changed* dedicada a Steve Albini, símbolo do Primavera, e Steve Mackey, baixista dos Pulp falecido no ano passado. Uma aterradora *This is hardcore* a acrescentar paletas mais nebulosas. Sintetizadores que salvam vidas em *Do you remember the first time?*, autocomiseração a dar lugar à esperança em *Sunrise*. Silêncio (de um público incansável) para se ouvir *Like a friend*, inicialmente só a guitarra de Jarvis e as suas palavras. “*Come on in now/ wipe your feet on my dreams/ you take up my time/ like some cheap magazine/ when I could’ve been learning something*.”

Palavras cantadas, palavras faladas. Palavras tão meticulosamente escolhidas, tão singulares e poéticas na sua narração de desencontros amorosos ou de frustrações várias. Os Pulp que Portugal já não via há mais de uma dezena de anos foram os Pulp totais. E isso é muita coisa.

Nenhum fã dos britânicos terá ficado incomodado com o facto de não terem sido colocados no palco Porto, que foi adicionado ao recinto do Primavera no ano passado e é, desde essa edição, o novo palco principal. De 2023 para 2024, a organização procedeu a umas muito necessárias afinações – a colossal régie, que roubava uma série de lugares bons numa zona central, foi dividida em duas mais pequenas, e a similarmente problemática tenda de cerveja também saiu do sítio –, mas o espaço onde o público assiste aos concertos continua a ser muito mais plano do que a colina onde desfruta das actuações no palco Vodafone. (A organização diz que, por estar junto à estrada e não no meio do Parque da Cidade, o novo palco, designado palco Porto, facilita os trabalhos de montagem e desmontagem de equipamento, daí o seu estatuto como principal.)

No sábado, o encerramento do palco Porto ficou por conta dos The National, banda que rivaliza com os Arcade Fire, que daqui a um mês actuam no Nos Alive, no Passeio Marítimo de Algés, no que toca a ter uma proximidade intensíssima com o público português. Ao 22.º concerto em solo nacional, a banda liderada por Matt Berninger não surpreendeu (como conseguiria?): apresentou, com a entrega habitual, o indie rock com uma forte carga emotiva que notabilizou o conjunto americano há 20 anos ou perto disso.

São uma banda que não tem medo de repetir uma fórmula: ora convidando as guitarras a se agigantarem, ora atiçando a bateria para esta produzir um frenesim, ora através da entrega apaixonada de Berninger, que vai de um registo mais controlado a gritos urgentes (que costumam soar libertadores, excepto quando soam aflitivos), as suas canções escalam em busca de uma catarse. Individualmente, resultam (como negar uma *Bloodhound Ohio* ou uma *The system only dreams in total darkness*, ou ainda uma *Mr. November*, uma de várias que acabariam com Berninger empoleirado sobre as grades e colado à primeira fila?). Mas duas horas é talvez uma duração demasiado grande: a partir de um certo ponto, torna-se difícil distinguir as partes que fazem o todo.

RIP Steve Albini

O último dia do Primavera deveria ter contado com um concerto dos Shellac, a banda de noise rock que todos os anos comparece no festival português (assim como no Primavera original, o de Barcelona). Mas a morte inesperada, há um mês, do seu líder Steve Albini, peça fundamental do rock alternativo feito nos anos 1980 e 1990, pôs um fim à tradição. Ainda assim, os Shellac não desapareceram do festival: à hora a que deveriam ter actuado, fez-se ouvir, nas colunas do palco Vodafone, aquele que agora é o seu álbum final, *To All Trains*, lançado meros dias após a morte do músico e icónico engenheiro de som, que produziu discos de Nirvana, Pixies, The

Ao seu 22.º concerto em Portugal, a banda The National não surpreendeu — como conseguiria?; The Legendary Tigerman: blues rock sacana; a referência no palco à catástrofe humanitária vivida na Faixa de Gaza

Breeders ou The Jesus Lizard, por exemplo.

Os panos pretos que, no palco, tapavam o equipamento dos Pulp, que dariam início ao seu concerto quase duas horas após o fim desta festa de escuta de *To All Trains*, acentuavam a dimensão de velório. O público não aderiu em massa, mas eram visíveis uns quantos fãs devotos. Geraldine, mulher irlandesa de 49 anos, estava perto das colunas com um grupo internacional de amigos que se conheceram no Primavera Sound de Barcelona, "em 2005 ou 2006". Criaram a tradição de se encontrar anualmente no festival e, em "2012 ou 2013", trocaram o festival espanhol pelo português. Todos os anos, faziam questão de ver os Shellac. Não era só o cumprir de um ritual; era mesmo um dos concertos que mais aguardavam, sempre.

Este ano, Geraldine e os restantes amigos (que são naturais da África do Sul, do Brasil, dos Estados Unidos, da Finlândia, do Japão, da Malásia, da Suécia...) decidiram vir ao festival com peças de roupa alusivas a Albini. A irlandesa, por exemplo, escolheu uma *T-shirt* dos Sunn O))), banda de drone metal cujo álbum *Life Metal* (2019) foi gravado e misturado pelo músico agora falecido. No seu habitual almoço anual num restaurante em Matosinhos, já haviam pedido ao *staff* para pôr a tocar uma *playlist* em que reuniram algum do seu trabalho.

Palestina no pensamento

"Nós fazemos todos parte das vidas uns dos outros. Estivemos nos casamentos, somos os padrinhos e as madrinhas das crianças, conhecemos os irmãos e as irmãs. E os Shellac têm sido a âncora deste grupo", diz Geraldine ao PÚBLICO, que resume assim a importância que Albini tinha para si: "O ruído que ele criava, mesmo quando era louco, acalmava-me." "Era punk rock feito com amor", comenta o português João, antes de nos exibir fotografias suas com gente como Kim Deal ou Mike Patton.

Pouco depois de terminada a homenagem, apresentavam-se no palco Super Bock os veteranos Lisabö, bascos cujo pós-hardcore/noise rock apresenta, inevitavelmente, vários ecos de Albini. Com uma bandeira da Palestina sempre projectada na tela, naquela que foi uma de pelo menos duas referências feitas à catástrofe humanitária vivida na Faixa de Gaza (Matt Berninger também pediria um cessar-fogo imediato, na mesma altura em que reivindicou a legalização do aborto em todo o mundo e endereçou insultos a Donald Trump e uma mensagem de apoio a Joe Biden) o sexteto, que inclui dois bateristas, ofereceu-nos uma salvífica purga. Merecia outras condições: o concerto não levava meia hora quando uma falha no sistema de som o interrompeu durante alguns minutos.

Enquanto os bascos lidavam com problemas técnicos – que na noite inaugural também já haviam prejudicado Ana Frango Elétrico, promessa cada vez mais cumprida da nova música brasileira –, The Legendary Tigerman mostrava o seu blues rock sacana no palco principal, ao qual foi promovido para substituir a afónica Ethel Cain (e depois de na sexta-feira ter sido um dos visados pela suspensão do palco Vodafone).

Antes de se fazer a *Losers*, "uma canção sobre pessoas que não têm dinheiro para comprar bilhetes para festivais, nem para pagar a renda nem para comer", Paulo Furtado aludiu às eleições europeias que se realizaram ontem: "Não vos vou dizer em quem votar, mas seria bonito votarmos em empatia", sugeriu.

A tarde, que ficou marcada por uma chuva inesperada, teve por seu turno a folk pessoalíssima e profundamente torturada de Joanna Sternberg. Com uma voz aguda, peculiar e enganosamente inocente que pode evocar um misto de Melanie e Neil Young, e fazendo lembrar a vulnerabilidade extrema de Daniel Johnston, Sternberg canta canções minimalistas e dolorosas sobre relações para lá de tóxicas e uma auto-estima em estado precário. Os acordes muitas vezes solares contrastam com palavras que sabem bem que a vida real é lixada – e que se preocupam com o sofrimento alheio. Um concerto muito modesto, muito sincero, muito bom, de alguém que entre temas ia, para gáudio dos presentes, revelando um inesperado sentido de humor.

"Cancelamento Sound"

À hora a que teríamos explorado o concerto de Mannequin Pussy no palco principal, a organização do festival comparecia na área do recinto destinada à imprensa para responder a questões da comunicação social e fazer o balanço desta edição. José Barreiro, director do Primavera Sound Porto, explicou os motivos pelos quais não houve concertos no palco Vodafone na sexta-feira. Durante a montagem do equipamento para o espectáculo dos Justice e a suspensão da típica cruz do grupo, quebrou-se uma peça da estrutura do palco, o que comprometeu a segurança.

"Tínhamos a certeza de que tínhamos um palco que aguentava a carga", disse José Barreiro, referindo que o peso do equipamento dos Justice rondava as 13,5 toneladas e que o palco Vodafone já recebera material mais pesado no passado (de acordo com o responsável, os mesmos Justice actuaram no Primavera, em 2016, com 19 toneladas de equipamento). Passar o duo para o palco principal, após Lana del Rey, era impraticável, dado serem precisas quatro horas para montar tudo. A peça que se partira foi substituída durante a madrugada, permitindo a reactivação do palco Vodafone no sábado. Responsabilizando-se pelo problema que resultou no cancelamento dos Justice, José Barreiro lamenta os infortúnios que deixaram de fora também Lankum ou Ethel Cain – tanto a banda irlandesa quanto a cantora e compositora americana cancelaram no próprio dia devido a problemas pessoais e/ou de saúde. "Já parece um 'Cancelamento Sound', este festival já merecia um bocadinho de sorte", diz, ainda frustrado com o facto de no ano passado as chuvas fortes terem contribuído para uma edição turbulenta.

Já há datas para 2025: 12 a 14 de Junho. Segundo as contas da organização, passaram pela edição deste ano mais de 100 mil espectadores.

> **Já parece um 'Cancelamento Sound', este festival já merecia um bocadinho de sorte"**
>
> **José Barreiro**
> Director do Primavera Sound Porto

Guia
ecrãs

publico.pt/streaming

Daniel Brühl tem seis episódios para explorar "a personagem mais icónica e famosa" que alguma vez interpretou, como diz ao PÚBLICO

Série sobre Lagerfeld: "Aquele não é o tipo pequenito de *Adeus, Lenine*?"

Entrevista

Joana Amaral Cardoso

Kaiser Karl *A Vida de Karl Lagerfeld* estreou-se na Disney+. Seis episódios sobre o criador antes de ser o *kaiser* da moda

FOTÓGRAFO

A ficção televisiva por vezes vem, como numa formação do mar para o surf, em ondas. O "*set*" é o cenário, como nos desportos marítimos o "*set*" é o conjunto de vagas que despontam no oceano prontas para serem domadas pelo ser humano. Estamos na fase "séries sobre moda" e dia 7 estreou-se na Disney+ Kaiser Karl: *A Vida de Karl Lagerfeld*, que se junta a *Cristóbal Balenciaga*, na mesma plataforma, e a *The New Look*, da Apple TV+, na maré audiovisual de 2024. "O mundo da moda abre uma caixa glamorosa, é um mundo de extremos, drama e pressão. Isso atrai as pessoas, porque acho que somos todos um pouco vaidosos", comenta o protagonista de *Kaiser Karl*, Daniel Brühl.

Baseada no livro *Kaiser Karl*, do jornalista do diário *Le Monde* Raphaëlle Bacqué, é um olhar prévio ao Lagerfeld de cabelo branco emproado, de fato e gravata preta que dominou a sua era de alta-costura. Este é o Lagerfeld do pronto-a-vestir, do final dos anos 1970, da rivalidade silenciosa com Yves Saint Laurent, do *disco sound* e do amor. Daniel Brühl cruzou-se com Lagerfeld há mais de 20 anos em Berlim numa sessão fotográfica e o *designer* perguntou: "Aquele não é o tipo pequenito de *Adeus, Lenine*?" Brühl é poliglota, como Lagerfeld, e tem seis episódios (produzidos pela Jour Premier para os estúdios Gaumont) para explorar "a personagem mais icónica e famosa" que alguma vez interpretou, como disse ao PÚBLICO.

A quantidade e a persistência das imagens de Lagerfeld foi uma bênção ou uma maldição para construir a personagem?
Ambas. Claro que estou ciente disso e temos de baixar o volume das vozes na nossa cabeça que nos dizem "vai ser um desastre". Tive de atirar tudo isso borda fora e atirar-me. Por outro lado, foi muito útil ver todo esse material, porque ele era tão bom a promover-se e eu queria estudá-lo na sua versão mais jovem: o homem que ele era antes de se tornar famoso. Estudar as suas atitudes em entrevistas quando tinha, bom, a minha idade [45 anos]. Ele falava e andava de forma diferente. Só conheci pessoalmente a versão mais velha dele e essa é aquela em que pensamos quando pensamos em Lagerfeld.

Hesitou em algum momento em aceitar este papel precisamente por esse Lagerfeld que mais reconhecemos ser um perfeccionista tenaz, até dono de opiniões duras sobre o peso ou as escolhas de vestuário das mulheres?
Bem sei. A humanidade é defeituosa. Todos temos um lado negro, a vida é isso. Alguns escondem-no melhor do que outros e por vezes a vida faz-nos dizer ou pensar certas coisas. Por um lado, eu sabia que este iria ser o jovem Lagerfeld, que não iríamos por esse caminho. Talvez se levantem questões se a série continuar, mas não pensei muito nisso. Abordei a personagem com muito respeito, admiração e empatia. As falhas tornam-no num ser humano completo, mesmo quando é manipulador. Mas de onde vem isso, de onde vêm os comentários ou a ira? Temos de nos questionar sobre isso, sobre o que aquela pessoa passou. E vemos muito sofrimento, distúrbios alimentares, o medo vindo da sua educação. O que me interessa são as contradições, a complexidade de uma personagem.

As falhas tornam-no num ser humano completo, mesmo quando é manipulador

Interessa-se por moda. Como descreveria o estilo Lagerfeld e, em particular, a forma como ele mudou a moda na época retratada na série e no futuro?
Ele abriu muitas portas e janelas para deixar entrar alguma brisa fresca em Paris, que era um templo da moda tão lapidar com os seus deuses tão admirados. E chegou o alemão, o pequeno mercenário. É graças a ele que as pessoas *cool* de Nova Iorque vieram a Paris [ver os desfiles] e se começou a questionar o elitismo da velha alta-costura e a valorizar a abordagem do pronto-a-vestir. Tudo isso é graças a Karl Lagerfeld. Na altura, ele era um camaleão. Adaptou-se às ofertas que tinha e criava um desenho incrível para a Chloé e, no dia seguinte, algo completamente diferente e espantoso para a Fendi. Sei que a Chanel é o grande passo e tenho esse arco em mente para a personagem se a série continuar, e aí definir-se-á mais o seu estilo, a sua inspiração pela *art déco*, pelo rococó. Estou muito curioso para explorar quem era Lagerfeld nessa altura.

Estreias da semana

NETFLIX

O Próximo Convidado Dispensa Apresentações com David Letterman
Quarta-feira
Quinta temporada da série de entrevistas em profundidade, desta feita com Charles Barkley e Miley Cyrus à conversa com o famoso entrevistador.

DISNEY +

Bem-Vindos ao Wrexham
Quarta-feira
Temporada número três do sucesso que tem sido a aventura de Rob McElhenney e Ryan Reynolds ao comprar este clube da 5.ª Divisão britânica para tornar um *underdog* num clube pelo qual vale a pena torcer – e o mundo adorou. O clube também, tendo subido de divisão.

AMAZON PRIME VIDEO

The Boys
Quinta-feira
Quarta temporada da bem-sucedida série que vira a ideia de super-herói do avesso. Não é *The Watchmen*, mas também é qualquer coisa. Nesta temporada, o mundo está à beira do abismo, avisa a Prime Video, com Victoria Neuman e Homelander como principais ameaças.

FILMIN

How to Have Sex-A Primeira Vez
Quinta-feira
Primeira longa-metragem de Molly Manning Walker premiada na secção Un Certain Regard do Festival de Cannes, em 2023, centrada em três amigas adolescentes e os temas do sexo, consentimento, amizades e férias na Grécia.

Cinema

Bad Boys: Tudo ou Nada

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Daaaaaali! M12. 13h30; **Uma Vida Singular** 17h; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 14h45, 21h45; **Um Casal** 13h20, 17h35; **O Sabor da Vida** M12. 14h30, 19h10; **Garfield** M6. 13h15, 15h25, 17h35 (VP), 17h10, 19h45 (VO); **Origin - Desigualdade e Preconceito** 21h35; **Manga d'Terra** M14. 19h40; **A Quimera** M12. 15h05, 21h20; **O Auge do Humano 3** 19h; **O Teu Rosto Será o Último** 21h45; **Coney Island - As Primeiras Vezes** 13h35, 14h, 19h10, 20h

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Pinóquio: A História Verdadeira M6. 11h10 (VP); **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h15 (VP); **Challengers** M12. 21h20; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 19h50; **Profissão: Perigo** M12. 21h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 15h45, 21h10; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h35, 15h40, 18h10 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 15h30, 18h30, 21h40; **Garfield: O Filme** M6. 11h15, 15h20, 17h30, 19h45 (VP); **Assassino Profissional** M12. 15h10, 19h40, 21h55; **The First Slam Dunk** M12. 00h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h55, 17h25, 18h40, 19h25, 21h30, 22h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h30, 15h30, 17h40 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 11h10, 15h20, 17h20, 19h10, 21h45

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Manga d'Terra M14. 17h; **A Quimera** M12. 14h30, 19h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Dune - Duna M12. 21h05; **Guerra Civil** M14. 13h20, 15h55, 22h; **Challengers** M12. 13h25, 16h25, 19h15, 22h05; **Profissão: Perigo** M12. 13h15, 16h10, 22h10; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h50, 17h10, 20h50; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h40, 17h, 20h40; **Garfield: O Filme** M6. 11h, 13h35, 16h05, 18h25 (VP); **Assassino Profissional** 13h30, 16h20, 19h05, 21h50; **A Maldição de Romanova** 21h45; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 19h, 20h30; **Manga d'Terra** M14. 13h45, 16h, 18h20 ; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h30, 13h50, 16h15, 18h40 (VP); **O Auge do Humano 3** 19h10; **O Teu Rosto Será o Último** 14h20, 17h30, 21h; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** 14h, 16h30, 18h50, 21h20

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Uma Vida Singular 13h25, 16h, 18h30; **Back to Black** M12. 21h; **Challengers** 21h40; **O Reino do Planeta dos Macacos** 13h40, 17h, 20h10; **IF: Amigos Imaginários** M6. 10h50, 13h10, 15h45 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 18h40, 21h50; **Garfield: O Filme** M6. 11h, 13h30, 16h10, 19h (VP), 18h10, 20h30 (VO); **Assassino Profissional** M12. 13h50, 17h, 21h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h15, 15h50, 18h25, 21h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h20, 13h50, 16h15 (VP)

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Challengers M12. 20h20; **Profissão: Perigo** M12. 21h, 23h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 17h, 20h30, 23h55; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h40 (VP); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 19h, 21h50, 00h10; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h, 18h, 21h20, 23h30; **Garfield** 11h, 13h10, 15h40, 18h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 12h40, 15h10, 17h50, 21h40, 00h25; **Manga d'Terra** M14. 13h50, 16h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h30, 16h, 18h40, 21h30, 00h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h10, 13h, 15h20, 17h40 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h30, 15h50, 18h30, 21h10, 24h; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Imax - 12h50, 15h30, 18h, 20h45, 23h40

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 13h50, 17h30, 20h50; **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 21h; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h35, 16h55, 20h10, 23h20; **Garfield: O Filme** M6. 13h20, 15h50, 18h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 18h30, 21h10, 23h35; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h15, 16h, 18h45, 21h30, 23h40; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h40, 16h10 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h20, 16h05, 18h35, 21h05, 23h55

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Non ou a Vã Glória de Mandar M12. 11h; **Lord Jim** M12. 13h45; **Assassino Profissional** M12. 22h; **A Quimera** M12. 19h30; **O Teu Rosto Será o Último** 16h45

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
A Sombra de Caravaggio M16. 15h45, 21h10; **Uma Vida Singular** M12. 13h35, 19h15; **Challengers** M12. 18h35, 21h25; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 16h50, 21h55; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h25, 18h50; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 16h25, 19h, 21h35; **IF: Amigos Imaginários** M6. 10h30, 14h05 (VP); **O Sabor da Vida** M12. 13h15, 16h05, 18h55, 21h45; **A Natureza do Amor** M14. 16h30, 22h; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 16h, 21h20; **Garfield: O Filme** M6. 11h30, 14h, 16h20, 18h45 (VP), 21h05 (VO); **Graça Furiosa** M14. 13h45, 19h05; **Assassino Profissional** M12. 13h55, 16h35, 19h10, 21h40; **As Aventuras de Jeff Panacloc e Jean-Marc** 13h20, 18h30; **O Bêbado** 14h10, 19h20; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 15h, 18h, 21h15; **A Quimera** M12. 10h50, 13h30, 16h15, 19h05, 21h55; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h45, 16h20, 18h55, 21h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h, 13h35, 16h (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 10h40, 16h10, 21h45; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 11h20, 14h20, 16h45, 19h25, 21h50

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
Dune - Duna: Parte Dois M12. 21h10; **O Panda do Kung Fu 4** M6. 11h10, 17h40 (VP); **Challengers** M12. 18h; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 19h50; **Profissão: Perigo** M12. 21h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 15h30, 21h20; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h35, 13h35, 15h10, 17h25, 19h40 (VP), 13h30, 15h35 (VO); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 21h55; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 15h40, 18h40, 21h40; **Garfield: O Filme** M6. 11h20, 13h30, 15h30, 17h50, 19h45, 21h40 (VP), 15h40 (VO) ; **Assassino Profissional** M12. 15h15, 19h45, 22h; **A Maldição de Romanova** 20h; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 11h30, 13h, 15h55, 17h30, 18h30, 19h25, 21h30, 22h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 11h30, 15h20, 17h35 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h10, 15h20, 17h20, 19h10, 21h45

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira.
O Panda do Kung Fu 4 M6. 11h05, 14h15, 16h50, 19h10 (VP); **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 18h40, 21h45; **IF: Amigos Imaginários** M6. 10h45, 13h20, 16h, 18h30 (VP), 21h10 (VO); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 18h35, 21h50; **Garfield: O Filme** M6. 11h15, 14h, 16h40, 19h (VP), 21h20 (VO); **Assassino Profissional** M12. 13h30, 16h05, 21h25; **The First Slam Dunk** M12. 13h50; **Manga d'Terra** M14. 13h55, 16h15, 19h15, 21h35; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h45, 16h10, 16h20, 18h55, 21h15, 21h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 10h55, 13h40, 16h25, 18h45 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h25, 16h35, 18h50, 21h40

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7 - Alcabideche.
Profissão: Perigo M12. 21h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 14h, 17h30, 20h50; **IF: Amigos Imaginários** M6. 11h10, 13h40, 16h20 (VP), 21h40 (VO); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 12h20, 15h30, 18h40, 22h; **Garfield: O Filme** M6. 10h50, 13h20, 15h50, 18h30 (VP); **Assassino Profissional** M12. 12h30, 15h10, 17h45, 20h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 12h40, 15h20, 18h, 20h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 10h40, 13h, 16h40, 19h15 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 18h50, 21h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Imax - 13h45, 16h15, 19h, 21h30

Estreias

Manga d'Terra
De Basil da Cunha. Com Lucinda Brito, Nunha Gomes, Evandro Pereira, Gonçalo Ramalho. POR/SUI. 2023. 96m. M14.
Terceira longa-metragem do luso-suíço Basil da Cunha, conta a história de Rosa, uma jovem que deixa os filhos pequenos em Cabo Verde e chega a Portugal determinada a singrar na vida.

A Quimera
De Alice Rohrwacher. Com Josh O'Connor, Carol Duarte, Vincenzo Nemolato, Isabella Rossellini, Alba Rohrwacher, Lou Roy-Lecollinet. ITA/FRA/SUI/Turquia. 2023. 130m. Comédia, Fantasia. M12.
Ambientada na Toscana, durante a década de 1980, a história gira em torno de Arthur, um arqueólogo inglês que se deixou envolver num esquema de pilhagem de túmulos. Enquanto os seus cúmplices anseiam a riqueza, ele tem apenas um objectivo: regressar para os braços da mulher que ama.

O Auge do Humano 3
De Eduardo Williams. Com Bo-Kai Hsu, Meera Nadarasa, Sharika Navamani, Abel Navarro. ARG/HOL/TAI/POR/BRA/Peru. 2023. 121m. Drama.
Um filme rodado por todo o mundo, com uma equipa multinacional, com actores não-profissionais e uma câmara de 360 graus, com oito lentes, desenhada para trabalhos de realidade virtual, mas que o argentino Eduardo Williams quis usar para fazer um filme para o ecrã da sala de cinema tradicional.

The Watchers: Eles Vêem Tudo
De Ishana Shyamalan. Com Dakota Fanning, Georgina Campbell, Olwen Fouéré, Siobhan Hewlett, Shane O'Regan. EUA. 2024. 102m. Terror. M16.
Mina fica retida numa floresta quando o seu carro avaria. Subitamente, começa a ouvir a voz de uma mulher que lhe diz para entrar por uma porta. Lá dentro, encontra três desconhecidos que lhe explicam que a casa possui uma parede de vidro e uma luz que se acende a cada fim do dia. Do lado de fora, criaturas assustadoras observam-nos.

O Teu Rosto Será o Último
De Luís Filipe Rocha. Com Pedro Pernas, Madalena Aragão, Afonso Pimentel, Adriano Luz, Teresa Madruga, Rita Durão. POR. 2024. 137m. Drama.
Um drama realizado por Luís Filipe Rocha que adapta "O Teu Rosto Será o Último", o romance de estreia de João Ricardo Pedro, vencedor do Prémio Leya em 2011.

A Maldição de Romanova
De Hugo Diogo. Com Teresa Gafeira, Maria D'Aires, Gonçalo Norton. POR. 2024. m. Terror.
Quando eram miúdos, Luís, Sabrina, Rogério e Vasco decidiram investigar o desaparecimento de um colega. As pistas levaram-nos a algo terrífico que os marcou para sempre: Romanova, uma bruxa milenar que sacrificava crianças para aumentar os seus poderes.

Bad Boys: Tudo ou Nada
De Bilall Fallah, Adil El Arbi. Com Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. EUA. 2024. 110m. Acção, Aventura. M14.
Quando Mike Lowrey e Marcus Burnett, agentes do departamento de narcóticos, decidem investigar um caso de corrupção na Polícia de Miami, deparam-se com uma armadilha: o capitão Conrad Howard, já falecido, é descredibilizado e acusado de ter estado envolvido com a máfia.

Dragonkeeper - Ping e o Dragão
De Jianping Li, Salvador Simó. Com Mario Gas (Voz), Lucía Pérez (Voz), Nano Castro (Voz), Carlos de Luna (Voz). ESP/China. 2024. 98m. Animação, Aventura. M6.
Há muitos anos, na antiga China imperial, os dragões eram grandes aliados dos homens. Contudo, durante o reinado do último imperador, eles foram vistos como inimigos e aprisionados. Agora o destino da China recai sobre Ping, uma menina órfã que descobre que tem como missão salvá-los da extinção.

As estrelas

P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Ainda Temos o Amanhã	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
O Auge do Humano 3	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★★★☆☆
O Bêbado	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Um Casal	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Daaaaaali!	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Furiosa	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Manga d'Terra	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Natureza do Amor	★★☆☆☆	—	★☆☆☆☆
Origin — Desigualdade e Preconceito	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Paixão	—	★★★★☆	★★★★☆
A Quimera	—	★★★☆☆	★★☆☆☆
O Sabor da Vida	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★★☆☆
O Teu Rosto Será o Último	★☆☆☆☆	—	—

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Guia

Lazer

MÚSICA

Ivan Lins
LISBOA Teatro Tivoli BBVA. Dia 10/6, às 21h. M/6. 20€ a 40€
A Gente Merece Ser Feliz. É com esta premissa que Ivan Lins volta a pisar os palcos portugueses, numa espécie de tributo ao amor, ao seu Brasil natal e a todos os que lhe serviram e servem de inspiração ao longo dos quase 79 anos de vida (que celebra a 16 de Junho) e dos 55 de carreira. Um espectáculo para ser "cantado alto e bom som", com um alinhamento recheado de êxitos que marcaram a história da música popular brasileira. A acompanhá-lo em palco estão André Sarbib (piano e voz), Chris Wells (bateria), Cláudio César (guitarra) e Nema Antunes (baixo).

GASTRONOMIA

Petiscos com Sabor a Mar
SETÚBAL Parque Urbano de Albarquel. De 31/5 a 16/6.
O choco frito é apenas um dos acepipes que estão à prova na iniciativa gastronómica que o município leva à mesa à boleia da oitava Mostra das Tradições Marítimas, por sua vez integrada nas II Jornadas de Ambiente de Setúbal. A ideia é celebrar a tradição piscatória local, sensibilizando para a sua importância e preservação, e convidando a população a (vi)ver de perto tudo o que está associado às tradições do mar. No lote de experiências estão exposições, música, artesanato, oficinas de biodiversidade e reciclagem, acções de sensibilização, dias temáticos, técnicas de conserveira e actividades náuticas como baptismos de mar, demonstrações de pesca, passeios de bote ou a tradicional Regata de Botes a Remos. Neste *Cais Vivo: Experiências Únicas à Beira-Mar* entram ainda canoagem, remo, *stand-up paddle* e orientação.

I Mostra de Peixe do Rio
VILA NOVA DA BARQUINHA De 16/5 a 16/6.
São oito os restaurantes que prestam honras aos "sabores autênticos e frescos" que vêm dos rios que banham o concelho: Tejo, Nabão e Zêzere. *Showcookings*, jantares enogastronómicos, degustações, um concurso gastronómico e visitas ao património local completam a carta.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Cruzadas 12.457

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - "Nação valente e imortal". Cartão de Cidadão (vai dar para andar nos transportes públicos e ir a espectáculos). **2** - Fomos ontem a votos para estas eleições. **3** - Símbolo de nanossegundo. Símbolo de miliampere. Neste momento. **4** - Abandona. Sufixo nominal que traduz a ideia de semelhança ou origem. **5** - Um génio arruivado e quezilento que escrevia como ninguém. «A» + «o». **6** - Ruminar. Plural (abrev.). **7** - Estou informado. Rádio (s. q.). Quociente de inteligência (sigla). **8** - Extraterrestre. Discutiu. **9** - As portuguesas, estão espalhadas pelo mundo. **10** - Amargo. Realço. **11** - Escassas. Compartimentos.

VERTICAIS: 1 - Raciocina. Enxugar. **2** - Empreende. Recuperação da Economia. **3** - Um dos digramas da língua portuguesa. Ergui. "Antes o (...) por vizinho do que cavaleiro mesquinho". **4** - Modo de dizer. Antes do meio-dia. Existe por muito tempo. **5** - Salto brusco. Trigueiros. **6** - Germânio (s. q.). Coloca. Prefixo (duas vezes). **7** - Geme. Falsas. **8** - Cidade algarvia. Ligava. **9** - Estrela. Vereador. **10** - Está a debitar para o troço internacional do rio Guadiana muito mais água do que a que recebe a partir do açude de Badajoz. **11** - Símbolo do 25 de Abril. «Save Our Souls».

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1									■		
2										■	
3			■			■					
4				■	■		■			■	
5		■							■		
6	■							■			■
7				■		■			■		
8			■								■
9											
10						■					
11						■					

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1 - Piscinas. Ás. **2** - ULS. Mil. Use. **3** - Nu. Pingalim. **4** - Isca. Horta. **5** - Rómulo. Gr. **6** - Li. Tiago. **7** - Aio. Oral. Ab. **8** - Roer. Bramir. **9** - Sor. Avo. **10** - Nutriscore. **11** - Ame. Real. Lá.
VERTICAIS: 1 - Punir. Arena. **2** - Ilusório. Um. **3** - Ss. Cm. Oeste. **4** - Paul. Ror. **5** - IMI. Lio. Rir. **6** - Ninho. Rb. Se. **7** - Algo. Taroca. **8** - Argila. Ol. **9** - Ultra. Mar. **10** - Ásia. Gaivel. **11** - Sem. Dobro.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: Todos

NORTE
♠AQ105
♥743
♦10984
♣A8

OESTE
♠-
♥KJ62
♦QJ75
♣107652

ESTE
♠963
♥1098
♦K632
♣QJ4

SUL
♠KJ8742
♥AQ5
♦A
♣K93

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♠
passo	3♦[1]	passo	4ST
passo	5♠[2]	passo	6♠
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de Bridge. 1 – Apoio Bergen: 10-11 pontos de honra com pelo menos quatro cartas de fit; 2 – Duas chaves e a Dama de trunfo.

Carteio: Saída: Q♦. Como carteia este cheleme?

Solução: Um cheleme optimista, portanto cumpri-lo pode ser o suficiente para garantir um bom resultado. Tem para já 10 vazas fáceis de se identificar, e pode obter uma vaza adicional cortando um pau no morto. A vaza que falta pode ser feita através da passagem a copas, jogando copa para a Dama e esperando o Rei em Este. Mas se esse Rei estiver em Oeste então pode acabar por perder duas vazas a copas, por isso vale a pena perder um bocadinho de tempo a pensar numa alternativa.
Olhando para a saída, a Dama de ouros de Oeste, assume-se que o Valete também deverá estar na mão daquele adversário, enquanto o Rei pode estar colocado em Este. Temos aqui um ponto onde possivelmente se poderá apurar uma vaza suplementar em ouros. Consegue ver como?
Faça o Ás de ouros e tire os trunfos em três voltas, a acabar no morto. De seguida apresente o 10 de ouros. Se Este jogar o Rei, pode cortar, regressa ao morto através do Ás de paus e joga o 9 de ouros. Quando Este assiste com um pequeno ouro, pode simplesmente baldar o 5 de copas. Oeste faz o Valete de ouros, mas o 8 de ouros está apurado. Ainda haverá tempo para jogar o Rei de paus e pau cortado para ir buscar o 8 de ouros e baldar a Dama de copas.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
passo	1♥	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠A9 ♥Q84 ♦72 ♣KQJ965

Resposta: Marque 2♣, seis boas cartas a paus, mas o parceiro não sabe!

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.678 (Fácil)

	3			7	1		6	
1								8
				6	5			
2		7	3	5	9			
9		8	6		2	5		7
			7	8	4	2		1
			9	4				
3								6
	9		5	3			1	

Solução 12.676

7	2	1	8	4	6	5	3	9
6	3	5	2	7	9	4	1	8
9	8	4	3	5	1	7	6	2
2	5	7	4	6	3	8	9	1
3	6	8	9	1	7	2	4	5
1	4	9	5	8	2	6	7	3
5	1	6	7	3	8	9	2	4
8	9	3	6	2	4	1	5	7
4	7	2	1	9	5	3	8	6

Problema 12.679 (Média)

				6				1
2	7		8					
8		9		2				
1		6			3			
4		3				7		2
			4			9		3
				4		1		9
					6		3	5
7				8				

Solução 12.677

1	4	9	2	8	7	5	3	6
3	7	8	6	5	4	2	9	1
2	6	5	9	3	1	4	7	8
8	1	3	7	4	5	9	6	2
4	9	6	1	2	3	8	5	7
5	2	7	8	9	6	1	4	3
6	5	2	4	7	8	3	1	9
7	8	4	3	1	9	6	2	5
9	3	1	5	6	2	7	8	4

CINEMA

Légua
TVCine Edition, 11h30
Mistura de filme social e melodrama familiar, o filme de Filipa Reis e João Miller Guerra foca-se em três gerações de mulheres numa aldeia de Marco de Canaveses: Emília (Fátima Soares), que toma conta de uma casa senhorial; Ana (Carla Maciel), filha dos caseiros e amiga de Emília; e Mónica (Vitória Nogueira da Silva), filha de Ana, uma jovem ansiosa por deixar aquele tédio.

O Trio em Mi Bemol
TVCine Edition, 14h55
Paul e Adélia viveram um grande amor. Um ano após a separação, ela visita-o no momento em que ele, realizador de cinema, se prepara para adaptar a única peça de teatro de Éric Rohmer. O reencontro vai fazê-los reflectir sobre a obra de Rohmer e também sobre a sua vida em comum. Este filme em tom de comédia é realizado por Rita Azevedo Gomes e protagonizado por Pierre Léon e Rita Durão. É emitido na recta final do ciclo Vozes de Portugal, que hoje ainda passa por *Abandonados*, de Francisco Manso (às 17h), *O Último Animal*, de Leonel Vieira (18h35), e *Soares É Fixe*, de Sérgio Graciano (20h20).

A Gaiola Dourada
Hollywood, 21h30
Também o Hollywood se sintoniza no 10 de Junho com uma maratona de filmes. Entre eles está esta comédia-sucesso de 2013. Dirigida por Ruben Alves e protagonizada por Rita Blanco e Joaquim de Almeida, segue um casal que emigrou para França há mais de 30 anos e que agora pensa voltar com a família. Antes, às 17h30, o canal exibe *Pedro e Inês*, de António Ferreira, seguido, às 19h35, d'*O Pátio das Cantigas* segundo Leonel Vieira. *O Fim da Inocência*, de Joaquim Leitão, remata o especial, às 23h05.

Effi Briest - Amor e Preconceito
RTP2, 00h14
Rainer Werner Fassbinder assinou, em 1974, esta adaptação do romance de Theodor Fontane, publicado em 1895. Citando a Cinemateca Portuguesa, "trata-se de um dos seus filmes mais complexos, do ponto de vista formal, com um trabalho peculiar sobre a língua alemã". Quanto à história, é um drama em torno das agruras de um casamento do século XIX, na perspectiva de uma mulher jovem (interpretada por Hanna Schygulla) que se casa com um homem mais velho e sofre as consequências de ser acusada de adultério.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 8

		% Aud.	Share
Futebol... Euro 2024	RTP1	14,6	37,0
Telejornal	RTP1	8,4	19,4
Terra Nossa	SIC	8,3	18,6
Congela	TVI	8,3	19,0
Jornal da Noite	SIC	7,6	17,1

RTP1	14,2%
RTP2	1,2
SIC	13,7
TVI	11,9
Cabo	38,5

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.18** Comemorações do 10 de Junho **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.16** Portugal no Mundo - 10 de Junho **17.30** Portugal em Directo

19.05 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 A Conspiração

22.01 Joker

23.04 O Mar de Camões

0.51 S.W.A.T.: Força de Intervenção **1.31** A Essência **1.52** Grandiosa Enciclopédia do Ludopédio **2.40** País de Gales - Terra Selvagem

RTP2

6.06 Caminhos **6.33** Temos Programa **7.00** Espaço Zig Zag **9.05** Campeonatos da Europa de Atletismo **12.51** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.16** A Fé dos Homens **13.50** Sociedade Civil **14.52** Basquetebol: Benfica-Porto (Campeonato Nacional)

16.53 Espaço Zig Zag **18.30** Campeonatos da Europa de Atletismo

21.55 Jornal 2 **22.26** Hotel à Beira-Mar **23.11** Visita Guiada

0.06 Folha de Sala **0.14** Effi Briest - Amor e Preconceito **2.32** Esec TV

3.00 Sociedade Civil **4.00** Folha de Sala **4.06** Travessuras da Menina Má

4.45 Alerta Verde **5.04** Bagagem Perdida **5.53** Folha de Sala **5.59** A Fé dos Homens

SIC

6.55 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.40** Feriadão **18.30** Morde & Assopra **18.45** Terra de Paixão **19.15** Casados à Primeira Vista

19.57 Jornal da Noite

22.00 Isto É Gozar com Quem Trabalha

22.55 Senhora do Mar

23.50 Papel Principal - A Vingança

0.05 Casados à Primeira Vista

0.40 Travessia

1.30 Passadeira Vermelha **3.30** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.50** A Sentença **15.55** Goucha **17.15** Big Brother

19.57 Jornal Nacional

21.35 Big Brother

22.10 Cacau

23.05 Festa É Festa

0.00 Big Brother

2.15 O Beijo do Escorpião

2.50 Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

18.05 The Equalizer 3: Capítulo Final **19.55** Perseguição Mortal **21.30** O Mestre Jardineiro **23.20** Forças do Mal **0.55** Green Border - Zona de Exclusão

STAR MOVIES

18.28 Aconteceu no Oeste **21.15** Django Atira Primeiro **22.49** Os Canhões de San Sebastian **0.55** A Morte Vem a Cavalo

HOLLYWOOD

17.30 Pedro e Inês **19.35** O Pátio das Cantigas **21.30** A Gaiola Dourada **23.05** O Fim da Inocência **0.45** O Corpo da Mentira

AXN

17.42 The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** Hudson & Rex **23.48** Braven **1.29** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **2.15** Hudson & Rex

STAR CHANNEL

17.17 John Wick 3 - Implacável **19.39** Planeta dos Macacos: A Guerra **22.15** Tracker **23.04** Chicago P.D. **0.48** Magnum P.I. **2.13** Thor

DISNEY CHANNEL

17.15 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.40** A Maldição de Molly McGee **18.30** Hamster & Gretel **19.15** Os Green na Cidade Grande **20.25** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

17.36 Mestres do Restauro **19.30** Aventura à Flor da Pele **22.54** Aventura à Flor da Pele XL **0.50** Aventura à Flor da Pele **2.18** Águas Profundas de Jeremy Wade

HISTÓRIA

17.59 Ficheiros Secretos do Vaticano **19.45** Os 100 Dias **22.15** Depois do Caos **0.04** O Código de Deus **1.32** Extraterrestres?

ODISSEIA

17.40 Jane Goodall: A Esperança para os Chimpanzés **18.34** Clima Letal **20.14** Em Viagem pela Costa Britânica **21.01** Retalhos da Vida na Quinta **22.31** Caçadores de Lagostas **0.06** Wild Tube **0.54** Retalhos da Vida na Quinta

SÉRIE

Crimes nos Trópicos
Star Crime, 22h
Abre a terceira ronda de investigações levadas a cabo pela dupla improvável formada por Gaëlle Crivelli (Béatrice de la Boulaye) e Mélissa Sainte-Rose (Sonia Rolland) –, ambas com a vida amorosa numa confusão, neste ponto da série francesa.

DOCUMENTÁRIOS

Europa Vista de Cima
National Geographic, 22h10
Composta por imagens aéreas de países europeus, a série regressa aos serões de segunda para a sexta temporada. Do primeiro episódio avista-se a Península Ibérica, onde sobressai, por exemplo, o maior parque solar flutuante do continente, situado em Alqueva.

Depois do Caos
História, 22h15
A engenharia do pós-II Guerra Mundial é o tema desta minissérie de quatro episódios, para ver às segundas, a partir de hoje. Cada um incide sobre a reconstrução de uma cidade europeia que se reergueu de bombardeamentos: Le Havre (França), Londres (Inglaterra), Berlim (Alemanha) e Varsóvia (Polónia).

MÚSICA

O Mar de Camões
RTP1, 23h04
Este Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas reveste-se de vénias acrescidas, por coincidir com o ano em que se comemoram os 500 anos do nascimento do autor d'*Os Lusíadas*. Em sua homenagem, a Sociedade Portuguesa de Autores produziu o concerto *O Mar de Camões*, que teve lugar na Aula Magna de Lisboa, a 29 de Abril, e que a RTP transmite esta noite. Inspirado pela lírica de Camões e concebido e dirigido por Renato Júnior e Tiago Torres da Silva, contou com interpretações de Katia Guerreiro, Selma Uamusse, Tatanka e Vitorino, entre outros.

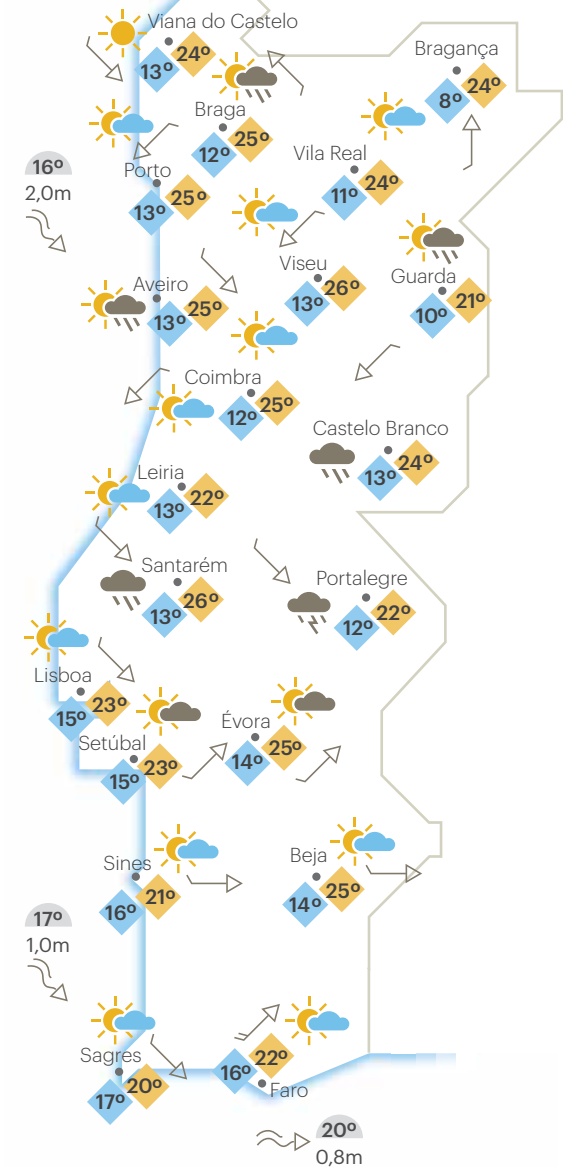
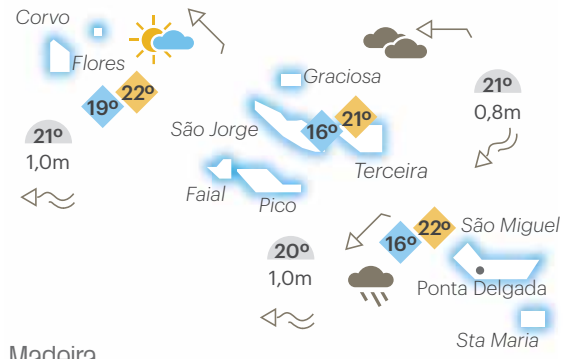
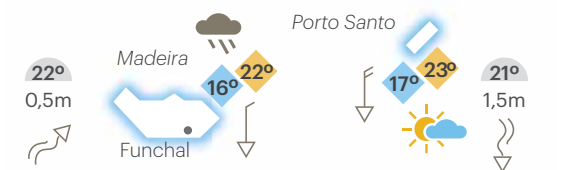
INFANTIL

Alice na Sua Maravilhosa Pastelaria
Disney Junior, 10h25
Novos episódios da série animada que explora o País das Maravilhas pelos olhos da pequena Alice, uma pasteleira de mão-cheia graças ao livro de receitas mágico que herdou da bisavó, a Alice de Lewis Carroll.

Guia

Meteorologia

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar — *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
06h22	2,9	05h58	2,9	06h00	2,8
12h15	1,0	11h47	1,2	11h41	1,1
18h36	3,2	18h13	3,2	18h21	3,1
00h58*	0,9	00h32*	1,1	00h25*	1,0

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.
Amesterdão	9	13
Atenas	21	34
Berlim	11	18
Bruxelas	8	13
Bucareste	20	37
Budapeste	16	24
Copenhaga	10	17
Dublin	7	16
Estocolmo	10	15
Frankfurt	9	19
Genebra	10	23
Istambul	20	32
Kiev	19	29
Londres	8	16
Madrid	12	22
Milão	18	27
Moscovo	17	22
Oslo	8	18
Paris	8	17
Praga	11	22

	Min.	Máx.
Roma	18	28
Viena	15	21
Bissau	25	34
Buenos Aires	13	18
Cairo	23	37
Caracas	20	28
Cid. do Cabo	14	26
Cid. do México	15	28
Díli	22	30
Hong Kong	26	32
Jerusalém	18	29
Los Angeles	14	24
Luanda	22	28
Nova Deli	31	43
Nova Iorque	15	24
Pequim	22	35
Praia	22	28
Rio de Janeiro	19	30
Riga	9	19
Singapura	27	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

O troféu mais desejado já está nas mãos de Carlos Alcaraz

Ao vencer em Paris, o espanhol, de 21 anos, tornou-se o terceiro tenista mais novo a coleccionar três títulos do Grand Slam – só superado por Bjorn Borg e Rafael Nadal

Pedro Keul

Um dos pontos de interrogação colocados no início de mais uma edição de Roland-Garros incidia sobre o estado de forma com que Carlos Alcaraz chegava a Paris, depois de uma lesão no antebraço ter abreviado a rodagem sobre o pó de tijolo, reduzida a apenas quatro encontros realizados em Madrid. A cada ronda que ultrapassou nos *courts* parisienses, era visível a maior confiança do espanhol. E na final, diante de Alexander Zverev, foi novamente essa crença que fez a diferença. Alcaraz recuperou de 1-2 em *sets* e ergueu pela primeira vez a Taça dos Mosqueteiros.

O tenista de 21 anos que, há dois dias, se tornou o mais jovem a alcançar finais de torneios do Grand Slam nos três pisos diferentes (*hardcourts*, relva e terra batida) é, agora, o terceiro mais novo a coleccionar três títulos do Grand Slam – só superado por Bjorn Borg e Rafael Nadal. Com a vitória sobre Zverev, por 6-3, 2-6, 5-7, 6-1 e 6-2, Alcaraz juntou mais um importante troféu aos conquistados no US Open, em 2022, e Wimbledon, no ano passado. E, como desejava há muito, juntou o seu nome aos dos compatriotas campeões do torneio: Manolo Santana, Andres Gimeno, Sergi Bruguera, Carlos Moyá, Albert Costa, o seu treinador Juan Carlos Ferrero e Rafael Nadal, o grande dominador com 14 títulos.

A final foi concluída em quatro horas e 19 minutos, mas foi no intervalo de 30 minutos que o encontro ficou sentenciado. No terceiro *set*, Alcaraz alcançou uma vantagem de 5-2, mas tudo mudou quando serviu no jogo seguinte, para fechar o *set*; inexplicavelmente começou a cometer muitos erros, sofreu dois *breaks* e Zverev concluiu a partida com o quinto jogo consecutivo.

Também pouco compreensível foi o estado de espírito do alemão no início do quarto *set*. O germânico de 27 anos entrou muito mal, dando de novo o ascendente a Alcaraz, que se adiantou 3-0. E todos se recordaram da final do US Open de 2020, em que Zverev perdeu com Dominic Thiem, depois de vencer os dois *sets* iniciais e ter passado a dois pontos da vitória. Zverev só aproveitou seis dos 23 *break-points* de que dispôs e, no quinto *set*, não aproveitou nenhuma das cinco oportunidades de *break*.

YOAN VALAT/EPA

Carlos Alcaraz exulta com o seu primeiro triunfo no torneio de Roland-Garros

Era um torneio que quis ganhar desde pequeno, um sonho tornado realidade. Sinceramente, quando acabei o terceiro *set*, tive muitas dúvidas

Carlos Alcaraz
Tenista

"Ele jogou muito bom ténis, colocou muita pressão com o serviço, muitas respostas dentro, tive de salvar muitos *break-points* no quinto *set*; foi 6-2, mas eu podia ter perdido o quinto *set*. Foi um pouco complicado devido ao vento, o sol, mas temos de nos adaptar às condições e estou muito contente por tê-lo feito muito bem hoje [ontem]", explicou Alcaraz, que terminou como o campeão a chegar a Paris com menos vitórias (três) na época de terra batida desde Andre Agassi, em 1999. E no primeiro campeão estreante em Roland-Garros desde 2016, quando Novak Djokovic conquistou o primeiro dos seus três títulos.

"Era um torneio que quis ganhar desde pequeno, um sonho tornado realidade. Sinceramente, quando acabei o terceiro *set*, tive muitas dúvidas; Sacha estava a dominar, foi difícil para mim. Servi para ganhar esse *set*, mas com os nervos, não joguei o meu melhor ténis, mas era uma final do Grand Slam, era a altura para dar tudo, encontrar soluções. Claro que começar o quarto *set* a ganhar 3-0, ajudou-me muito a descontrair um pouco, a jogar o meu ténis, ao meu estilo e, no quinto *set*, dei tudo o que tinha cá dentro", disse Alcaraz.

Sétimo a vencer

Juan Carlos Ferrero, campeão em 2023 quando "Carlitos" tinha um mês de idade, admitiu que sofreu mais do que normal e tentou explicar as oscilações do atleta que acompanha há seis anos. "Vi o Carlitos com altos e baixos, a sofrer demasiado, a não fazer o que tínhamos falado antes. Às vezes ele quer jogar demasiado bem e não precisa de o fazer sempre ao nível incrível que quer. Precisa de abrandar, colocar mais bolas dentro, ir à rede e fazer *amorties*, e manter-se mentalmente mais no top, senão cria oportunidades para os adversários. Não sei o que aconteceu no terceiro *set*, mas penso que sentiu muita tensão nas pernas e no braço, talvez pensou em demasia em ganhar a final. Precisou de perder esse *set* para voltar ao início e jogar bem e calmo", defendeu Ferrero.

Depois de se tornar o sétimo tenista (e o mais novo) a vencer *majors* nos três pisos diferentes – juntando-se a Andre Agassi, Jimmy Connors, Novak Djokovic, Roger Federer, Rafael Nadal e Mats Wilander –, são muitos os que acreditam que Alcaraz irá chegar aos dois dígitos em títulos do Grand Slam. Mais breve será fazer uma tatuagem da torre Eiffel para comemorar o feito de ontem.

Desporto

MATHIEU BELANGER/REUTERS

Max Verstapen satisfeito com o seu triunfo no Grande Prémio do Canadá de Fórmula 1

Para quem gosta de Fórmula 1, o GP do Canadá foi um bom dia

Diogo Cardoso Oliveira

Com tanta coisa a acontecer, Verstappen podia ter ficado longe dos triunfos, mas o campeão deu uma aula de condução

Ontem, no Grande Prémio do Canadá em Fórmula 1, houve três líderes, carros de três equipas diferentes a liderarem, seis organizações diferentes do pódio, chuva forte, chuva média, chuva fraca, sol, erros de pilotos experientes, erros de outros menos renomados, *safety car* virtual, *safety car* efectivo e estratégias muito variadas. Em suma, houve de tudo. Só não aconteceu uma coisa: a possibilidade de se prolongar a agonia passageira da Red Bull e de Max Verstappen.

O piloto neerlandês, que se tem queixado do seu carro – e ficou fora do pódio na corrida anterior, no Mónaco –, foi o mais forte nas 70 voltas ao circuito de Montreal, à frente do McLaren de Lando Norris e do Mercedes de George Russell, e conquistou o sexto triunfo em nove corridas, dilatando para 56 pontos a vantagem na liderança do Mundial.

Muito consistente, o neerlandês foi o único que praticamente não errou entre os pilotos da frente e deu uma boa aula de condução em condições variadas, mesmo estando a guiar um carro que o próprio diz ser um "assassino" quando pisa correctores, tal é a dureza actual do monolugar.

Animação desde o início

Esta era uma corrida difícil de prever, pela chuva fraca que atacava Montreal e quase todos os pilotos arrancaram com pneus intermédios, para chuva ligeira, com excepção dos Haas de Magnussen e Hulkenberg, que, sem nada a perder na segunda metade da grelha, escolheram pneus de chuva forte.

Quando se apagaram os semáforos, Russell, na *pole position*, patinou um pouco, mas aguentou a pressão de Verstappen. Mais atrás, Magnussen e Hulkenberg partiram muito bem, aproveitando o piso ainda bastante molhado. A diferença de tracção era gigantesca, bem visível quando dois pilotos saíam de uma curva em simultâneo e punham a potência no chão ao mesmo tempo.

Magnussen ganhou dez posições em três voltas, mas a partir da volta 5, assim que surgiu o sol, começava a desenhar-se uma trajectória mais seca e os intermédios passavam a ser mais rápidos do que os de chuva forte. Foi divertido enquanto durou, mas Magnussen e Hulkenberg acabaram a ir trocar pneus e regressaram aos "seus" lugares na cauda do pelotão.

À volta 15 chegou uma notícia interessante. A pista estava a secar e os pilotos já iam às zonas molhadas para arrefecerem os compostos, mas dali a 15 minutos iria chover. Essa seria mais ou menos a fase em que justificaria passar-se para pneus de piso seco.

No GP do Canadá, houve três líderes, carros de três equipas diferentes a liderar, seis organizações diferentes do pódio, chuva forte, chuva média, chuva fraca

A aula de Max

Pouco depois, o ritmo do McLaren de Norris, a rodar em terceiro, era demasiado forte. Com DRS, Norris passou o campeão do mundo e passou, minutos depois, o líder Russell – que caiu para terceiro, depois de ter falhado uma travagem.

Depois de um *safety car*, os pilotos foram às boxes montar pneus novos, numa manobra que colocou novamente Verstappen na frente.

Mais tarde, com a pista a secar, Norris foi o que demorou mais a ir colocar pneus de seco, "espremendo" ao máximo os intermédios, para uma diferença que lhe permitisse parar a sair à frente de Verstappen.

Não saiu. Foi por pouco, mas o belga passou quando Norris ainda saía da via das boxes. Pouco depois houve novo *safety car*, com acidente entre Sainz e Albon, que deixou a Ferrari em branco nesta corrida.

Verstappen geriu, depois, a corrida da melhor forma e não havia como parar o Red Bull, com pista livre à frente e sem qualquer chuva.

Breves

Futebol

Benfica sagra-se bicampeão de iniciados

O Benfica conquistou, ontem, o campeonato nacional de iniciados, após vencer o Marítimo, no Funchal, por 2-1, em jogo da 17.ª e penúltima jornada da fase de apuramento de campeão. No Complexo Desportivo do CS Marítimo (campo n.º 2), Lucas Rodrigues deu vantagem ao Marítimo, apontando o 1-0 aos nove minutos. Porém, o Benfica deu a volta ao marcador, com dois golos de Bernardo Nunes, apontados aos 28 e 70 minutos. Com este resultado, o Benfica é líder com 44 pontos e já não pode ser alcançado pelo FC Porto. O Benfica conquistou o seu 12.º título neste escalão e aproximou-se dos grandes rivais: Sporting e FC Porto têm 15 e 14, respectivamente.

Futebol

França empata no último teste antes do Euro 2024

No último encontro de preparação antes do Euro 2024, a França não foi além de um empate a zero frente ao Canadá. Stephen Eustáquio, médio do FC Porto, foi titular, nos canadianos. Entre os franceses, Mbappé não era suposto jogar, mas acabou por entrar já na segunda parte. Apesar da presença do craque francês, pouco ou nada se alterou no futebol dos gauleses. Quanto à Geórgia, adversária de Portugal na fase de grupos do Euro 2024, venceu o seu último jogo de preparação antes do início do torneio. Na visita a Podgorica, os georgianos ganharam a Montenegro por 3-1. Nota ainda para a Itália que depois de um nulo frente à Turquia, derrotou a Bósnia por 1-0.

Pedro Pichardo, "picado" com jornalista, sugere que pode saltar 18 metros na final

Diogo Cardoso Oliveira

O atleta surge nos Europeus confiante, prestando-se a saltar de calças e de boné na cabeça, antes de ficar com uma pose desafiadora

Pedro Pablo Pichardo esteve desaparecido. Poucos sabiam onde andava – nem mesmo o Comité Olímpico. Entre problemas físicos, questões laborais e contratuais com o Benfica e as habituais excentricidades diversas de quem se dá ao luxo de nada dizer a ninguém em pleno período pré-olímpico, o saltador luso-cubano apareceu ontem, nos Europeus, com a confiança de quem não passou por nada disto.

Primeiro, assegurou tranquilamente a qualificação para a final do triplo salto, dando-se ao luxo de saltar de calças e de boné na cabeça, antes de cair na caixa de areia e ficar com uma pose irreverente e desafiadora, de mão no queixo e braço apoiado no joelho. Assim ficou à espera dos 17,48 metros, que foram tão fáceis e claros que nem precisou de saltar mais.

Depois, segundo citou o jornal *Record*, prestou-se a um "bate-boca" com um jornalista espanhol, que falava da luta pelo ouro, teoricamente reservada a um duelo entre Pichardo e Jordan Díaz, também ele cubano de nascença, mas a competir por Espanha.

EUROPEAN ATHLETICS

A pose desafiadora de Pichardo após se ter apurado para a final do triplo salto nos Europeus

"Não sei se a luta pelo ouro será entre o Jordan Díaz e eu. Tens de lhe perguntar. O campeão sou eu, por isso pergunta-lhe a ele", começou por dizer, apesar de ter elogiado o nível dos adversários. Mas foi mais longe no tom desafiador, chegando a "picar-se" com o jornalista que perguntou se Pichardo ainda se sentia capaz de alcançar os 18 metros ou se esses dias – que foram em 2015 – já lá vão. "Como te chamas? Na terça-feira à noite dizes-me se estou ou não capaz de saltar 18 metros", disparou, aludindo à final marcada para amanhã.

Nessa final estará ainda Tiago Pereira, medalha de bronze nos últimos Mundiais, que também assegurou a qualificação com tranquilidade, saltando 16,83 metros.

O atleta do Sporting não quis comprometer-se com uma luta pelas medalhas. "As últimas competições têm sido difíceis para mim, mas já comecei a sentir-me bem e a perceber que estava com bons saltos nas pernas", explicou. E detalhou: "A minha ambição é o topo, sempre o topo, o lugar mais alto. Sempre. Eu vou para saltar o mais longe possível."

O dia dos atletas portugueses foi, de resto, relativamente calmo. Logo a abrir a jornada, os maratonistas tiveram, em geral, um desempenho modesto, mesmo que no sector feminino tenham existido recordes pessoais de Salomé Rocha e Solange Jesus.

João Coelho e Omar Elkhatib também não foram felizes, caindo na meia-final dos 400 metros. Coelho desvalorizou o resultado e apontou aos Jogos Olímpicos.

"Temos os Jogos Olímpicos, que são o meu foco. Queria fazer o melhor possível aqui e foi o meu melhor, mas aguardem pelos Jogos Olímpicos. Eu sei que vou correr bem. Não tenho ritmo porque ainda não está na altura", argumentou.

A quebrar o ciclo negativo só mesmo Mikael Jesus e Fatoumata Diallo, que conseguiram apurar-se para as meias-finais dos 400 metros barreiras.

Mikael teve, ainda assim, de sofrer, já que se sentiu mal à saída da pista e recebeu assistência médica.

Programa de hoje dos portugueses

9h18	Qualificação salto com vara (M): Pedro Buaró
9h43	Eliminatórias 200 metros (F): Lorene Bazolo
10h32	Eliminatórias 1500 metros (M): Isaac Nader
11h00	Eliminatórias 800 metros (F): Patrícia Silva
20h05	Meia-final 200 metros (F): Lorene Bazolo (se for apurada)

Sporting e Oliveirense obrigam FC Porto e Benfica à "negra"

Podia ter ficado tudo já ontem decidido. E o tudo era o nome dos clubes que disputarão o título de campeão nacional de hóquei em patins. Mas nem FC Porto nem Benfica, os emblemas que tinham a hipótese de assegurar o estatuto de finalistas, foram capazes de "carimbar o passaporte", culpa, respectivamente, de Sporting e Oliveirense, que venceram os embates disputados ontem e forçaram assim a realização de uma derradeira partida.

No Pavilhão João Rocha, em Lisboa, o Sporting manteve viva a esperança de chegar à final do *play-off* do campeonato nacional de hóquei em patins ao vencer o FC Porto, por 4-2 – com este resultado, os "leões" vão disputar na quarta-feira (20h30), no Dragão Arena, a decisiva partida que decidirá qual dos dois clubes será um dos finalistas da prova.

FC Porto e Benfica ainda sem final

Ontem, a partida começou com ambas as equipas a disporem de boas ocasiões para marcar, mas o Sporting foi ganhando algum ascendente à medida que o tempo passava e chegou a uma vantagem confortável graças a golos de Nolito, Rafa Bessa e João Souto.

O FC Porto apenas conseguiu minorar os estragos reduzindo a desvantagem numa boa iniciativa de Gonçalo Alves a poucos segundos do intervalo. Na segunda parte, os portistas equilibraram a partida e colocaram a diferença na margem mínima, por intermédio de Rafa. Só que Ferran Font, quatro minutos depois, fixou o resultado final.

"Fizemos um grande jogo em termos tácticos. A equipa esteve muito bem em praticamente todo o jogo", afirmou Alejandro Domínguez, treinador "leonino", após a partida.

Já em Oliveira de Azeméis, a Oliveirense impôs-se ao Benfica por 2-1 no quarto jogo das meias-finais do *play-off*, adiando a decisão quanto à equipa apurada para a final para um quinto jogo, a disputar na quinta-feira (19h), no Pavilhão da Luz.

Obrigada a ganhar para manter a esperança de chegar à fase decisiva da competição, a equipa de Oliveira de Azeméis até começou a perder – golo de José Miranda. Mas conseguiu reagir e, na segunda parte, deu a volta ao resultado. Primeiro, Facundo Navarro empatou; depois, Lucas Martínez completou a reviravolta.

A perder, o Benfica foi em busca do empate, mas Alejandro Edo esteve intransponível na baliza da Oliveirense, segurando a vitória – o espanhol defendeu mesmo, a oito segundos do final, um livre directo apontado por Carlos Nicolía. **PÚBLICO**

BARTOON LUÍS AFONSO

Bom Dia de Portugal, calha bem

Sementes de alfarroba

Carmo Afonso

Contava-me uma amiga que foi aos santos populares com um norte-americano. O ambiente era de festa e passou a canção dos Da Vinci, *Conquistador*. Gentilmente, ela dispôs-se a traduzir. E desatou a elencar a lista de países visitados pela epopeia marítima dos portugueses. Quando chegou ao refrão, o amigo norte-americano interrompeu-a e disse: "Eu acho que isso não é muito bom." A minha amiga congelou. Claro que nada daquilo era bom. Ter sido um norte-americano a reparar foi a cereja em cima do bolo. Ou melhor: a fava.

Está entranhada na nossa cultura o orgulho de termos sido conquistadores. Salvo o devido respeito, a canção dos Da Vinci é um hino ao colonialismo. "E levaram a luz da cultura / Semearam laços de ternura" é um bom resumo da visão benigna que nos foi ensinada nas escolas de uma história que tem mais de subjugação, escravidão e sangue do que de cultura e ternura. Lamento as consequências, à vista de todos, de nunca se ter feito uma crítica séria ao colonialismo fora dos meios académicos e ativistas.

A minha amiga não ficou bem vista a exultar "aventuras guerreiras" enquanto comia sardinhas no pão. Mas desta distração coletiva temos, infelizmente, consequências piores. O culto do heroísmo, da coragem para desbravar oceanos e das vitórias sucessivas tem sido inebriante. Amamos aqueles homens destemidos em frágeis caravelas. Parece que foi tudo por bem.

Teria sido importante acrescentar outros factos à narrativa idílica dos Descobrimentos. Falo, por exemplo, dos relatos históricos da chegada dos barcos portugueses carregados de escravos aos portos da Europa. Se os ventos estivessem a favor, nos portos holandeses, o cheiro dos negreiros precedia, em muitos dias, a sua chegada. Era assim que se sabia que os portugueses estavam para chegar. Não é preciso usar a imaginação para adivinhar de onde vinha o

cheiro: da exploração terminal dos corpos, do suor e da morte. Transportámos e comercializámos pessoas. Fomos mediadores da mais profunda miséria humana. Ao menos agora somos mediadores imobiliários.

Poupar o colonialismo à crítica foi um dos maiores erros da nossa democracia. Parecia que não iria ter consequências e que não viria mal nenhum ao mundo. Permitiu-se que os portugueses continuassem a acarinhar a memória das suas bravas conquistas, dispensados de refletir sobre racismo. Mas estávamos bem enganados. Fomos os guardiões das sementes que agora vemos germinar.

Nas europeias de 2019, Portugal foi uma exceção no que já era uma evidência na Europa: o crescimento brutal da extrema-direita. Nessa altura, acreditámos estar a salvo do monstro. Dizia-se que, em Portugal, não havia risco de os ideários de extrema-direita vingarem. A base para essa crença tinha a mesma solidez que a base para acreditarmos que não tinha mal os portugueses continuarem a bater com a mão no peito quando se falava em Descobrimentos. E as duas estão profundamente relacionadas.

À hora a que vos escrevo desconheço os resultados das eleições. Uma das grandes incógnitas é se o Chega vai ou não descer significativamente em relação aos resultados que obteve nas legislativas. Mas reparem que a campanha do Chega foi um desastre: Ventura a tentar eclipsar Tânger Corrêa, o pior cabeça de lista dos partidos com possibilidade de eleger. Houve também o episódio com o imigrante que conseguiu furar a comitiva do Chega e ficar em frente a Ventura. Falamos muito de racismo, mas nada tem a força de ouvir os visados. Aquele imigrante contou ter tirado a filha de Portugal porque teve "medo dos racistas". Nunca vi André Ventura tão constrangido. Não conseguiu melhor do que afastar-se daquele homem.

Ou seja, um dos grandes *suspenses* para esta noite [a de ontem] tem que ver com desvendarmos se existe firmeza do voto no Chega. Será que são eleitores leais ao partido ou eleitores que reagem ao que se passa nas campanhas? Quando este artigo for publicado, já deveremos ter a resposta. Mas reparem bem no trajeto que fizemos desde 2019. Passámos de "cá isso não vai acontecer" para "será que isto tem solução?"

E continuaremos com um trabalho ciclópico pela frente. É obrigatório aprofundar a disciplina de História e acrescentar-lhe factos. Celebramos hoje o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Agora, reparem que, antes do 25 de Abril, chamava-se também Dia da Raça. Não me ocorre melhor dia para pensarmos a sério sobre isto. *Oh it's such a perfect day.* A ver se vos deixo com uma canção melhor.

Advogada